

CRISTIANE APARECIDA BRAIDO

**PROTAGONISMO DE IDOSOS EM
COMISSÕES GESTORAS**

**CAMPINAS
2009**

CRISTIANE APARECIDA BRAIDO

**PROTAGONISMO DE IDOSOS EM
COMISSÕES GESTORAS**

Dissertação de mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Gerontologia.

Orientador: Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson

**CAMPINAS
2009**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

B731p Braido, Cristiane Aparecida
Protagonismo de idosos em comissões gestoras / Cristiane
Aparecida Braido. Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Idosos. 2. Protagonismo. I. Simson, Olga Rodrigues de
Moraes von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Ciências Médicas. III. Título.

Título em inglês : Elderly protagonism in management commissions

Keywords: • Elderly
• Protagonism

Titulação: Mestrado em Gerontologia
Área de concentração: Gerontologia

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson
Prof^a. Dr^a. Arlete Assumpção Monteiro
Prof^a. Dr^a. Neusa Maria Mendes de Gusmão

Data da defesa: 18-12-2009

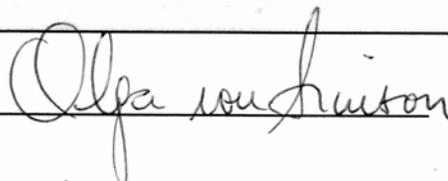
BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CRISTIANE APARECIDA BRAIDO - (RA: 77472)

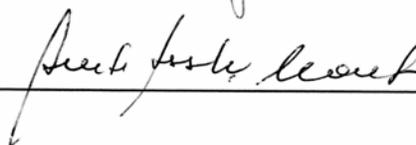
Orientador(a) **PROFA. DRA. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SINSOM**

Membros:

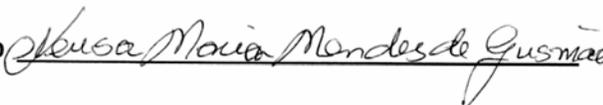
1. **PROFA. DRA. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SINSOM**



2. **PROFA. DRA. ARLETE ASSUMPCÃO MONTEIRO**



3. **PROFA. DRA. NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO**



Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da
Universidade Estadual de Campinas

Data: 18 de dezembro de 2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao amor de Deus presente em cada um dos dias da minha vida. Por esse amor que me faz confiar em mim e nos outros. Por esse amor que me faz acreditar que ainda vale a pena acreditar.

Agradeço aos meus que, cada um da sua maneira, me sustentou nessa trajetória: Mãe, Pai, Tá, Biel, Gi, Wla, Guel, Li e Alvaro.

Agradeço aos profissionais amigos de trabalho pela confiança e por terem sido verdadeiros amigos, tão presentes quando eu estive ausente.

Agradeço aos diretores e funcionários do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia e do SESI Amoreiras pela atenção e acolhimento em que sempre fui recebida.

Agradeço a minha orientadora Dra Olga von Simson pelas discussões que me possibilitaram ampliar meu olhar profissional. E pela contribuição dos professores das bancas de qualificação e defesa que instigaram minha vontade de continuar aprendendo, Dr. Jamiro Wanderley, Dra. Neusa Gusmão e Dra. Arlete Assumpção.

*Enfim agradeço aos idosos participantes dos grupos pesquisados que com amor e respeito não apenas me receberam, mas depositaram em mim sementes que devem ser plantadas em todos os corações humanos para que todos possamos compreender que: **o envelhecimento do corpo é inevitável, mas nossa essência permanece ano após ano.***

RESUMO.....	xi
ABSTRACT	xiii
1. MEMORIAL DE VIDA	15
2. CAPÍTULOS.....	23
CAPÍTULO I APORTES TEÓRICOS QUE ORIENTAM A PESQUISA	25
1. Protagonismo na Velhice e a Contribuição da Gerontologia.....	25
2. A Metodologia de História Oral	39
CAPÍTULO II APRESENTAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS.....	49
1. Localização geográfica das Instituições em Campinas.....	50
2. Apresentação do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia	51
3. Apresentação do Serviço Social da Indústria – SESI Amoreiras	65
CAPÍTULO III APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA	77
1. A construção de uma aproximação com o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia.....	78
2. A construção de uma aproximação com o SESI Amoreiras.....	107
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
ANEXOS	155

Através da presente pesquisa pretendemos descobrir iniciativas de protagonismo em idosos integrantes de Comissões Gestoras na comunidade, observando como se mobilizam e se organizam em parceria com diferentes profissionais, em busca do atendimento de suas demandas visando um processo de envelhecimento saudável. O conceito de protagonismo que procuramos construir diz respeito à uma ação propositiva de reflexão, discussão e ação que faz parte do processo de planejamento das ações desenvolvidas nos respectivos projetos para idosos. As instituições definidas como campo de pesquisa foram o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia e o SESI Amoreiras. Ambas contam com a parceria de uma Comissão Gestora formada por idosos e profissionais, para a realização das atividades oferecidas, partindo do pressuposto que a representação pode trazer maiores garantias de sucesso no atendimento das demandas da comunidade. Buscando atingir os objetivos a pesquisadora utilizou a metodologia de história oral ao entrevistar 06 idosos e 2 profissionais das respectivas Comissões Gestoras, além de observar as atividades propostas e a realização das reuniões de planejamento. Concluímos que o protagonismo entre idosos esta fortemente relacionado à objetivos comuns, à criação de vínculos e à força grupal e comunitária que as pessoas criam e recriam ao longo da vida, buscando a realização de um projeto de felicidade. E que o impacto social dos projetos desenvolvidos através do empenho dos idosos das Comissões Gestoras, de seu envolvimento e do uso de suas habilidades pessoais, contribui significativamente com o desenvolvimento da auto-estima, da autoconfiança, do autoconceito, da visão do futuro, do senso de identidade e do nível de aspiração vital dos idosos e possibilitam a conquista de um espaço diferenciado de atuação, de busca de novos papéis sociais como atores responsáveis pela organização, mobilização e fortalecimento do segmento por eles representado.

Palavras chave: Idoso, Protagonismo.

ABSTRACT

Through the present study we intend to find out initiatives role in the elderly members of the Management Commission community, watching how they mobilize and organize themselves into partnerships with different professionals in search of care their demands aimed at an aging process healthy. The concept of the role of elderly that we try to build, refers to a propositional action reflection, discussion and actions that is part of actions developed in their projects for the elderly. Those Institutions defined as a field of research were Community Center Garden Santa Lucia and SESI Amoreiras. Both rely on a partnership with Management Commission formed by elders and professionals to carry out activities offered on the assumption that the representation can provide greater assurance of success in meet the demand of the community. Seeking to achieve the goals, the researcher used the methodology of oral history by interviewing 06 elderly men/women and 02 professionals of the corresponding management commission, and comply with the proposed activities and the meeting planning. We conclude that the role of older people is strongly related to common goals, the creation of linkages and the strength group and community that people create and recreate along of life, seeking to carry out a project of happiness. Also the social impact of projects developed by commitment of elderly Management Commission, its involvement and the use of their personal skills, helps significantly with the development of self-esteem, self-confidence, self-concept, the vision of the future, the sense of identity and level of aspiration vital the elderly and enables achievement of a differentiated area of operation, the search new social roles as actors responsible for organizing, mobilization and strengthening of the segment they represented.

Key Words: Elderly, Protagonism

1. MEMORIAL DE VIDA



Confesso que a tarefa de construir um memorial é inédita para mim e me faz experimentar diferentes sentimentos a respeito desse mexer comigo mesma, desse momento de olhar para minhas raízes.

Nasci em Campinas, no dia 11 de novembro de 1977, em uma família simples, já composta por meu irmão Wladimir Braido, nascido em 08 de agosto de 1974, da minha mãe Delza Alves de Amorim nascida em 01 de novembro de 1948 e do meu pai José Roberto Braido, que veio ao mundo em 27 de julho de 1950. Em 11 de agosto de 1982 nasceu minha irmã Viviane Braido.

Nossa família gosta dessa coincidência de nascimentos: eu e minha mãe em novembro e meus irmão em agosto, sendo que a minha irmã nasceu no mesmo dia que a minha avó paterna, Virginia Zanco Lanzi Braido, que deixou saudades em 08 de julho de 2008.

Com minha mãe dona de casa e meu pai operário da indústria, tivemos uma vida simples, mas alicerçada em valores importantes para constituição de uma família. Aprendemos que a honestidade é a coisa mais importante da vida de uma pessoa e que família, não importa se as relações foram boas ou não, é família, que envolve relações de pele, que é uma coisa de sangue.

Como a maioria das pessoas, minha primeira experiência gerontológica foi com meus avós, que hoje, aos 32 anos de idade, sinto que poderia ter sido muito diferente, talvez mais calorosa.

Meu avô materno eu não conheci, poucas coisas que sei vem das lembranças da minha mãe, que conviveu com ele até os 06 anos de idade, e são permeadas por uma infância difícil na cidade de Maceió, mas que na sua memória ficou o afeto de um pai para com uma filha, que se considerava a querida. Com minha avó, hoje com 87 anos, também infelizmente tive poucos contatos na infância, mas ainda a temos em nossa companhia.

Com meus avós paternos, principalmente minha avó, convivi mais na infância, pois todos os domingos a gente comia o macarrão com frango, que sobrava para o jantar e era saboreado enquanto assistíamos os “Trapalhões” na

Rede Globo. Lembranças de meu avô tenho apenas duas: ele sentado na cadeira de balanço, bravo comigo e com meu primo que passávamos correndo na frente dele e escapávamos do tapa que ele tentava nos dar porque estávamos correndo dentro de casa. Depois no dia do seu enterro, em 1982 quando eu tinha 4 anos e não entendi direito o que estava acontecendo: o vi deitado ali e sabia que estava dormindo para sempre.

A história que o meu pai sempre contou para gente na infância e depois na adolescência foi sobre o autoritarismo e a braveza dos meus avós, que não precisavam ter motivo para bater. Quando ele via, dizia o meu pai, já estava apanhando, as vezes sem saber o porque. Isso sempre foi justificado ou atribuído ao fato deles serem descendentes de italianos.

Bom, quando a gente foi ficando adolescente os almoços do domingo também foram diminuindo. Então aos 14 anos entrei no curso de Magistério, onde estudava em período integral, depois fiz cursinho pré vestibular e concorri para diferentes cursos: Biologia, Terapia Ocupacional até chegar no Serviço Social, na PUC Campinas em 1999.

Retomei a relação mais próxima com idosos em 2004, precisamente no dia 08 de março, data em que tomei posse do cargo de assistente social na Prefeitura do Município de Valinhos.

Confesso que na graduação, que realizei de 1999 a 2002, nas aulas de seminário de estágio, minha busca nunca foi para estagiar no segmento idoso, interessava-me sempre por adolescentes ou crianças.

Lembro de uma amiga do curso que trazia nas aulas sua experiência de estágio com idosos, que parecia também não despertar o interesse dos outros alunos da sala, da qual alguns até se retiravam e outros ficavam, inclusive eu, por respeito à colega.

Uma visão simplista da pessoa idosa geralmente compartilhada também por outras pessoas, de diferentes idades, tanto homens e mulheres, como jovens e adultos e por mim também, era a que me vinha durante essas aulas.

Por ironia do destino, após me formar em 2002, prestei o concurso público de Valinhos em 2003 e em 2004 fui chamada para iniciar meu trabalho justamente no programa para idosos que aquela minha colega apresentava nas aulas.

Lembro-me então que naquela época ela era funcionária pública nesse programa, que mais tarde pediu exoneração do cargo, juntamente com a assistente social responsável pelo programa e por isso houve a necessidade de contratação de um novo profissional, que era eu.

Recém formada e super chateada porque havia encerrado um contrato de trabalho em uma Instituição em Campinas e me encontrava desempregada, quando a Prefeitura de Valinhos me chamou, dei pulos de alegria e agradecei a Deus imensamente.

Na ocasião do primeiro contato, em uma reunião com a diretora da Secretaria de Assistência Social, fui informada que passaria a integrar a equipe técnica do Programa de Atendimento ao Idoso. Inicialmente, ainda com aquela visão simplista, cheguei a conclusão que seria um grande desafio e que muito provavelmente eu iria trabalhar com idosos muito desestimulados.

Quando cheguei ao Centro Municipal de Convivência do Idoso, com o assistente social responsável, me deparei com uma realidade totalmente diferente da que estava formulada na minha cabeça. Deparei-me com um projeto que nunca tinha visto antes, com possibilidades infinitas e lindas de trabalho realizado para e com os idosos: ginástica, canto, dança, alfabetização, jogos, palestras, festas, concurso da Rainha e da Princesa da Terceira Idade, ou seja, uma infinidade de coisas que poderiam ser feitas apenas por pessoas muito ativas, muito entusiasmadas, muito cheias de vida, que não tinha absolutamente nada a ver com a imagem de idoso que havia na minha cabeça.

Claro que aqui vale lembrar que se trata de um Centro de Convivência e não de uma Instituição de Longa Permanência, o que sabemos serem realidades muito diferentes.

A cada dia, que se soma aos quase seis anos em que venho atuando como profissional nesse programa, emociono-me, aprendo, re-aprendo, ensino, transformo e me transformo, mas também fico indignada e perplexa com a falta de interesse político e com a visão de algumas pessoas sobre a velhice e o envelhecimento. Construo-me como pessoa, ao lado de pessoas que me ensinam sobre a vida, não apenas como população atendida no serviço público, mas como pessoas com o dobro ou o triplo da minha idade, que construíram histórias de vida fantásticas, sobre o ponto de vista do passado e de um presente melhor.

A militância é árdua, como qualquer militância, mas tratando-se daquela da pessoa idosa talvez tenhamos mais dificuldades. Já se estabeleceu a rede de atendimento à criança e ao adolescente, mas para os idosos tudo pode esperar mais um pouco, afinal estão no final da vida mesmo.

Trabalhar o protagonismo de idosos, tema deste estudo, não é algo fácil, não há quase nenhuma referência na literatura. Encontra-se muito sobre protagonismo juvenil.

Questões culturais também estão envolvidas na reflexão do tema, pois se torna um desafio falar em protagonismo de idosos se considerarmos que a maioria dos idosos desta geração, não foi estimulada a ser agente de sua própria história, não freqüentou os bancos da escola, não teve acesso à cultura, às artes e ao lazer. Obteve seus documentos lá no sertão, porque um dia um político possibilitou isso em troca de voto. As mulheres apesar de exercerem muito bem a maternidade, foram apenas donas de casa, mães e esposas e os homens, autoritários e rígidos na criação de muitos filhos para o mundo.

A falta de acesso à informação tolheu a participação política, não a partidária, mas a cidadã e nessa altura ser protagonista é algo um pouco distante.

Tenho reconhecido no idoso sua capacidade de aprender sempre, que sua unicidade deve ser valorizada e respeitada, não estando nessa altura, ligada à um corpo enrugado que a vida lhe impôs. Percebo que para eles a melhor idade não existe porque a melhor idade é hoje, que chegar aos 60,70 ou 80 anos de vida

é ser vencedor, que passar 60,70 ou 80 anos sem saber ler e escrever e ainda assim ter se virado para sobreviver, bem ou mal ter educado os filhos, ter se sustentado, enquanto pessoa alicerçada em valores morais importantíssimos e muitas vezes em desuso pela geração mais jovem, foram conquistas relevantes.

Acredito na capacidade de organização, em prol de interesses para essa categoria social e que a pessoa idosa é a melhor porta voz das demandas do seu segmento. Percebo que na simplicidade eles dão conta de lances que na teoria são super complexos de entender, lances que podem constituir vários capítulos de um livro, e que numa simples fala ou ação de um idoso esses lances podem ser completamente interpretados.

É preciso entender verdadeiramente que as pessoas não deixam de ser professores, doutores, profissionais, pais e mães, os melhores amigos e conselheiros, inteligentes e conceituados e, sobretudo humanos, só porque se tornaram velhos. A valorização do que foi construído ao longo da vida, deve ser lembrada até o último dia da existência de cada um de nós.

Cada vez mais encantada com o trabalho com idosos em 2006 comecei a participar profissionalmente dos encontros “Gerontologia em Debate”, promovidos pelo curso de Gerontologia da UNICAMP, no SESC Campinas, e ministrado pelos alunos mestrados, sob a coordenação dos professores da universidade.

Entrar em um curso de mestrado sempre foi algo almejado por mim, como parte de uma carreira profissional a ser construída, então comecei a buscar informações com os alunos mestrados e também a visitar a biblioteca para ler as últimas dissertações.

Estudar o tema “Protagonismo de Idosos em Comissões Gestoras”, nasceu da observação da atuação dos idosos em diferentes situações que vivi no Centro de Convivência de Valinhos, onde em parceria com a equipe técnica, buscavam maior autonomia e melhora no atendimento prestado.

Em várias iniciativas fui percebendo como o entusiasmo, a mobilização, a motivação e a dedicação em participar e organizar diferentes atividades, estava

presente em alguns idosos que se mostravam protagonistas de sua própria história representando os anseios de sua coletividade.

Uma das experiências mais interessantes e relevantes da parceria entre equipe técnica e um grupo de idosos eleitos por seus pares, foi o que chamamos de “grupo de representantes”. Os idosos que compõem esse grupo tem o papel de representar os demais, ou seja, para cada um dos grupos de ginástica, jogos, educação há um idoso eleito e indicado para ser o representante.

Em minha pesquisa busco, portanto, descobrir iniciativas de protagonismo em idosos na comunidade: como se mobilizam e se organizam em parceria com diferentes profissionais, através das comissões gestoras, em busca do atendimento de suas demandas visando um processo de envelhecimento saudável.

A metodologia de história oral foi a mim apresentada pela professora Olga von Simson e veio de encontro ao meu desejo de aproximação a esses idosos, valorizando sua liberdade de expressão e suas contribuições sociais. Através da técnica do depoimento oral pude alcançar os objetivos da pesquisa de maneira mais adequada, sobretudo ao valorizar as narrativas de pessoas que exercem atualmente um papel importante de liderança em suas comunidades, mas que por serem idosas também trazem uma bagagem de experiências muito relevante para o estudo, ainda muito inicial, do protagonismo de idosos em nosso país.

2. CAPÍTULOS



CAPÍTULO I

APORTES TEÓRICOS QUE ORIENTAM A PESQUISA

1. Protagonismo na Velhice e a Contribuição da Gerontologia

É importante iniciar este capítulo, dizendo da dificuldade em encontrar bibliografia específica sobre o tema protagonismo de idosos na comunidade, por ser esse um tema novo e ainda pouco discutido. O termo protagonismo é mais amplamente discutido na área da Educação e se relaciona ao trabalho desenvolvido por educadores junto a adolescentes e jovens. É um conceito recente no país e um de seus precursores foi o educador Antonio Carlos Gomes da Costa, que já estudava o protagonismo e sua definição, desde a década de 1990.

Durante o processo de reflexão sobre o tema chegamos à conclusão que, na realidade, dificilmente encontraríamos essa discussão na literatura, pois se trata de um investimento em uma categoria social que não é o foco da sociedade moderna, como podemos avaliar a partir das primeiras teorias formuladas sobre o processo de envelhecimento da sociedade e que nos dias atuais ainda se apresentam.

Cummings e Henry, em 1961 tentaram explicar a relação entre processo de envelhecimento social e as relações entre o ser humano e a sociedade moderna, a partir da elaboração da Teoria do Desengajamento.

Essa teoria, conhecida também como “Anos Dourados”, propõe que exista uma acomodação gradual, tanto do idoso, como da sociedade, ao afastamento inevitável e mútuo entre eles, advindo do processo de envelhecimento. A função do desengajamento reside em sua utilidade para a sociedade como para o indivíduo, uma vez que possibilita à primeira criar espaços para pessoas jovens e eficientes, enquanto dá ao idoso tempo para se preparar para o total desengajamento – a morte. A teoria postula ainda, que a sociedade se afasta do

idoso na mesma proporção em que esse se afasta da sociedade. Admite que para manter o equilíbrio, todo sistema social precisa promover o desengajamento de seus idosos.

Mais tarde, em 1972, Cowgill e Holmes formularam a Teoria da Modernização, que descrevia a relação entre o processo de modernização e as mudanças nos papéis sociais e no status das pessoas idosas. O declínio em status significaria redução nos papéis de liderança, em poder e em influência, bem como o desengajamento do idoso da vida da sua comunidade.

Segundo a teoria, quatro fatores influenciam diretamente os idosos que vivem em sociedades em processo de modernização:

- tecnologia científica aplicada à produção econômica: os jovens são mais capacitados para o trabalho que os mais velhos. Acontecem aposentadorias precoces que trarão mudanças nos papéis profissionais, na família e na comunidade. O idoso inverte papéis com os jovens que, antes eram os dependentes e agora são autônomos e o idoso de autônomo passa a dependente.
- urbanização: os jovens saem de casa em busca de trabalho e a relação entre as gerações fica distante.
- educação intensiva: há maior investimento nos jovens do que nos idosos, pois os primeiros representam o progresso e os mais velhos são excluídos intelectualmente.
- tecnologias de saúde: investimentos em ações preventivas de saúde, que diminuem a taxa de natalidade e aumentam a expectativa de vida, podem causar uma competição intergeracional por emprego.

Nos dias atuais notamos que essas teorias, apesar das críticas, ainda se aplicam e continuam sendo corroboradas pela visão de decadência atribuída aos mais velhos, afinal qual seria a utilidade de um idoso protagonista e quais seriam as justificativas para o investimento em ações que empoderem e dêem visibilidade a esse segmento social.

Dando continuidade a revisão de literatura sobre movimentos sociais elaborada por Gohn (2005), encontramos o termo protagonismo, mas ao relacioná-lo ao tema comunidade também não obtivemos informações sobre uma

atuação específica de idosos. Por outro lado, relacionando-o ao tema dos movimentos nacionais encontramos uma co-relação com o movimento dos aposentados, iniciado na década de 1930, porém ganhando visibilidade apenas nos anos de 1980, segundo Paz (2006).

O estudo do tema para elaboração deste capítulo nos revelou ainda, que outros dois conceitos se relacionam à construção da discussão sobre protagonismo em idosos, ou seja, que os temas *participação social* e *gestão participativa* estão intrinsecamente relacionados ao conceito de protagonismo, pois são geradores de processos de discussão e planejamento.

Quanto à questão do envelhecimento populacional pesquisas no mundo todo revelam dados do aumento da expectativa de vida e conseqüentemente do número cada vez maior de idosos vivendo por mais tempo. Atribuir qualidade e investimento a esse período cada vez mais longo da vida é o grande desafio de áreas como a da geriatria e da gerontologia, mas também de toda a Humanidade.

Minayo (2006) enfatiza que, do ponto de vista antropológico “velho” não constitui uma categoria de análise, pois embora possa ser cômodo tratar toda população idosa como uma massa homogênea, é necessário fazer distinções tais como: envelhecer no campo ou na cidade; envelhecer na pobreza ou em melhores condições socioeconômicas; ter tido inserção no mercado de trabalho ou ter se ocupado apenas das tarefas domésticas entre outras. Essa autora ressalta que embora o envelhecimento seja determinado pelas condições socioeconômicas, culturais e ambientais, pelas redes sociais e comunitárias, a *“diferenciação fundamental é dada pela singularidade e pela subjetividade. Cada pessoa retoma permanentemente os dados de sua história e os reconstrói com os fios do presente”*.

É essa reconstrução constante que nos interessa, no sentido de ser a estimuladora da participação social e do engajamento comunitário, levando a crer que o idoso protagonista é o ator principal desse processo, que ao agir utiliza suas experiências de vida, adquire e amplia o conhecimento, investe na qualidade de sua rede de relações, aumentando assim sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto sócio-comunitário, familiar e em sua própria trajetória de vida.

A ação protagônica subentende um perfil intelectual e emocional de seu agente como pessoa com iniciativa capaz de se colocar interessado em *discutir, planejar e executar* ações, não somente individuais, mas, sobretudo coletivas.

Valorizar a crença no potencial criativo do idoso, como um ser capaz de enveredar por novos projetos de vida, pode ser uma das maneiras encontradas para o enfrentamento das mudanças sociais necessárias à convivência intergeracional e ao atendimento das demandas do público que mais cresce numericamente em todos os países.

É a crença na historicidade, apesar de tudo e de todos (a não ser em condições de total dependência), que nos faz colocar a co-responsabilidade do idoso pela qualidade do seu envelhecimento no foco do processo. Essa etapa pode ser como experiência pessoal, o tempo da decadência, o tempo da dependência, o tempo do isolamento, o tempo do protagonismo ou o tempo do amadurecimento. É verdade que muitos fatores externos podem incidir sobre as experiências individuais, mas nada substitui o envolvimento do sujeito, pois uma coisa é a preservação da saúde e da independência física, outra é a manutenção da autonomia moral que esta na raiz da expectativa de ter uma vida feliz e realizada".¹

Discutiremos a importância do idoso como protagonista do seu processo de envelhecimento saudável, baseados na crença de que ninguém melhor que o próprio idoso é capaz de dizer concretamente sobre suas necessidades e satisfações, sendo propositor de ações em prol da categoria social a qual pertence.

Protagonismo

Na literatura relacionada à Educação encontramos diversas reflexões sobre *protagonismo juvenil*, que utilizaremos para construir a discussão sobre protagonismo em idosos, partindo do pressuposto de que o protagonismo pode ser exercido em qualquer faixa etária e por qualquer grupo geracional.

Segundo Costa (2000) a palavra protagonismo é formada de duas raízes gregas:

¹ Minayo, MCS. In: Vários Colaboradores. Velhices: reflexões contemporâneas. SESC:PUC, 2006, p. 49.

*proto que significa: “o primeiro, o principal”; agon, que significa “luta”. Agonistes, por sua vez, significa “lutador”. Protagonista quer dizer, então, o lutador principal, personagem principal, ator principal ou mesmo agente de uma ação, seja ele jovem, **adulto**, um ente da sociedade civil ou do Estado, uma pessoa, **um grupo**, uma instituição ou um movimento social.²*

Para Gohn (2005) recentemente, as ciências humanas não só se apropriaram do termo ator como passaram a utilizar o próprio termo protagonismo para os atores que configuram as ações de um movimento social.

Para se entender o protagonismo de algo se deve ter como referência quem são os atores envolvidos, como se transformam em sujeitos políticos, que forças sociopolíticas expressam, qual o projeto de sociedade estão construindo ou abraçam, qual a cultura política que fundamenta seus discursos e práticas, que redes criam e se articulam, quais são suas relações com conjuntos sociopolíticos maiores etc.³

Escaméz e Gil (2003) apontam uma proposta educativa onde o protagonismo torna-se o foco principal, que consiste em trabalhar a cultura da responsabilidade que nos faça dialogar e entrar na atividade política e social, participar, mobilizar-se civicamente, muitas vezes a partir do estímulo da associação para os fins e esforços comuns. Dentro dessa idéia de responsabilização, afirmam que:

Assumir a responsabilidade como cidadãos significa confiar que nós somos realmente agentes da democracia, encarregados de certas coisas e avalistas de determinadas atividades de nossa sociedade, oferecendo nossos próprios princípios a partir da nossa capacidade de autonomia, rejeitando aquilo que desvirtua os modos de comportamento democrático, assumindo nossas decisões e ações.⁴

² Costa, ACG. Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática. Fundação Odebrecht, 2000, p.150.

³ Gohn. MG. O protagonismo da sociedade civil. Cortez, 2005, p. 10

⁴ Escaméz, J; Gil, R. O Protagonismo na Educação. Artmed, 2003, p. 29

Entendemos que o protagonismo em idosos pode ser uma forma de participação, considerando o idoso um ator social, como parte integrante e indispensável dos processos de planejamento, de tomada de decisões, de execução e avaliação das ações voltadas ao seu segmento. Participação essa que prevê o enfrentamento de situações reais na comunidade e na vida pessoal, possibilitando assim a criação de espaços e de condições que propiciem empreender, ele próprio, seu processo de individuação.

Costa (2000) ressalta que o protagonismo juvenil pressupõe um novo modelo de relacionamento do mundo adulto com as novas gerações, que essa relação deve se basear na não-imposição a priori aos jovens de um ideário em função do qual devam atuar no contexto social. Ao contrário, o jovem é que irá atuar, a partir de regras básicas de convívio democrático, para em algum momento no futuro, “*posicionar-se politicamente de forma mais amadurecida e lúcida, com base não só em idéias, mas principalmente em suas experiências concretas (práticas e vivências)*”.

Ao adaptarmos essa proposta à construção da discussão sobre protagonismo em idosos, relacionamos a atuação do idoso na comunidade também como uma forma de relacionamento com as diferentes gerações, tendo ainda, a possibilidade de ocupar espaços de participação que lhe permitam vivenciar novas experiências, nas quais o uso de suas habilidades e maneiras de lidar com diferentes situações sejam valorizados, dada sua bagagem de conhecimento adquirido a partir de suas experiências ao longo da vida.

Se atribuímos à velhice o estigma da inutilidade, fatalmente não poderemos acreditar no protagonismo existente entre idosos atuando na comunidade. O fato da pessoa se encontrar na última fase da vida, determinada socialmente dessa forma, não se relaciona diretamente com níveis de baixa participação social ou ausência de protagonismo. Com o aumento da expectativa de vida já podemos falar em viver diferentes etapas da velhice, podendo o indivíduo ao completar 60 anos, viver por mais 30 ou 40 anos. Por isso a literatura já traz categorizações como: *idoso jovem, idoso muito idoso e centenário*.

Não nos esqueçamos ainda, do que a experiência no trabalho com idoso nos traz, sobre ser a geração atual de idosos (aquela com baixos níveis educacionais e com baixo envolvimento das mulheres no mercado de trabalho) a que tem se representado através de altos níveis de participação em programas

para idosos, pois encontram oportunidades de aprendizado, convivência, inclusão e atendimento de necessidades de diferentes ordens. A disponibilidade atual do idoso em participar de espaços de convivência e cuidados preventivos de saúde, mostra que suas ações podem sim ser protagônicas, desde que valorizadas pelos profissionais ou responsáveis pelos programas.

Segundo Costa (2000) o protagonismo juvenil relaciona-se, basicamente, com a preparação para a cidadania. Alguns idosos, apesar de terem no mínimo 60 anos de vida, não se diferenciam dos jovens quanto a vivência de experiências práticas no campo da cidadania, ou seja, muitos não tiveram acesso às políticas públicas e encontraram dificuldades em exercer os direitos sociais, políticos e civis, inclusive previstos na legislação brasileira.

Esse mesmo autor discute o protagonismo a partir de dois focos: *aprender a ser e aprender a fazer*. Ressalta que no campo do desenvolvimento pessoal (aprender a ser) a prática do protagonismo contribui visivelmente com a construção de bases sólidas para o desenvolvimento do jovem, as quais sugerimos, ser também possíveis no trabalho com idosos: *“desenvolvimento de senso de identidade, da auto-estima, do autoconceito, da autoconfiança, da visão do futuro, do nível de aspiração vital, do projeto e do sentido da vida, da autodeterminação, da auto-realização e da busca de plenitude humana.”*

Com relação ao foco *aprender a fazer*, encontramos as mesmas possibilidades de trabalho, sobretudo quando falamos das Comissões Gestoras onde o protagonismo pode propiciar ao idoso, *“através de práticas e vivências estruturantes, o desenvolvimento de habilidades como autogestão, heterogestão e co-gestão, ou seja, ele aprende a lidar melhor com suas potencialidades e limitações (gerir a si mesmos)*. Além de experimentar coordenar o trabalho de outras pessoas (atuar sobre a atuação de outros) e a agir conjuntamente com as outras gerações na consecução de objetivos comuns (trabalho em equipe).

Dando continuidade à construção dessa nova concepção, apoiada ainda na proposta de Costa (2000), concordamos que, assim como o jovem, o idoso *“enquanto ser que **continua se experimentando**, encontrará, no espaço aberto diante de si a ação, a oportunidade de imersão na realidade social concreta, vivenciando as possibilidades e os limites do homem, das idéias e das instituições, ao se mostrar atuante na comunidade pode contribuir na formulação de propostas*

e na construção de uma postura que lhe dê condições de optar, por esta ou aquela, via de atuação ético-política, em face do contexto social mais amplo.

O voluntariado, a participação social desvinculada de aparatos partidários, sindicais ou religiosos, os centros de convivência, os programas auto ou co-geridos, junto com outros profissionais, segundo Costa (2000) são formas de ação capazes de propiciar ao idoso *“as condições para decidir e agir de forma autônoma, madura e responsável em face da complexa realidade político-social do nosso tempo”*.

Enfim, a população idosa ganhará ainda mais visibilidade quando os profissionais envolvidos nos programas, os propositores de políticas públicas e a sociedade, *“reverterem a participação tutelada do idoso para uma proposta de cidadania emancipada, onde o idoso torna-se verdadeiramente autor protagonista – ‘sujeitos testemunhas’, - de sua própria história”*.(Paz, 2006) Portanto, o investimento em co-participação e co-gestão é fundamental para a construção de uma proposta que reúna esforços de indivíduos provenientes de diversos grupos geracionais.

Participação Social e Gestão Participativa

Reconhecida como estratégia fundamental de desenvolvimento, a participação está baseada nas necessidades da realidade. Valorizar a participação dos sujeitos traz maiores garantias de atendimento das necessidades, já que estas são vivenciadas por esses próprios sujeitos em seu cotidiano.

Borges (2003) enfatiza que a experiência tem mostrado que a promoção de modelos participativos genuínos maximiza significativamente o alcance de resultados superiores no campo social, em comparação com os modelos tradicionais, como os burocráticos ou paternalistas. A participação comunitária permanente tem sido um importante recurso de aumento da auto-estima individual e coletiva, impulsionando potencialidades.

Essa nova forma de abrir espaços de participação social considera a população capacitada para identificar suas necessidades e em condições de, ser investida de poder, construindo uma postura não apenas de usuária da política pública, mas de agente de transformação.

A participação tem uma legitimidade de caráter moral, normalmente é proposta como um direito básico de todo ser humano e esta ligada ao conceito de democracia, principalmente na América Latina, onde foram muitas as lutas contra ditaduras e as restrições de direitos humanos e civis. A necessidade de participação esta intrínseca à identidade básica do ser humano. No nível do discurso ninguém nega a importância do processo participativo no desenvolvimento pessoal, comunitário e mesmo enquanto nação, mas, na prática, a implementação de propostas participativas tem muitas dificuldades para se tornar realidade efetiva e ter continuidade, principalmente por implicar processos de profundas mudanças sociais.

Na realidade, o processo de participação permaneceu polêmico durante um significativo período histórico, mas atualmente esta se transformando em consenso, podendo-se observar cada vez com maior freqüência, exemplos de manifestações praticas de processos participativos nos mais variados meios, inclusive nos setores econômicos.⁵

Essa mesma autora enfatiza ainda que, alguns elementos de natureza comportamental, porque exercidos por meio de interação interpessoal, são fundamentais na consolidação de um processo participativo: definição clara dos objetivos; sensibilização para a importância do projeto; cooperação e parceria; comprometimento com os resultados; participação democrática; respeito às divergências individuais e ao trabalho em equipe.

Para Souza (2004) a participação é o próprio processo de criação do homem ao pensar e agir sobre os desafios da natureza e sobre os desafios sociais, nos quais ele próprio está situado e se define, sobretudo, pelo exercício da tomada de decisão e da gestão das ações.

O traço comum da participação é o exercício coletivo da tomada de decisões e da gestão das ações definidas e implementadas pela população comunitária. É, também, o exercício de articulação de forças sociais comuns, dentro e fora da comunidade. A participação deve ser estimulada a partir de exercícios de reflexão e ação relativas aos interesses e preocupações da população, assim como em relação às suas condições reais e potenciais de organização social. Decidir e gerir os encaminhamentos necessários aos enfrentamentos dos interesses comuns significa, também, exercício de ampliação das condições de cidadania.⁶

⁵ Borges, MCM. Gestão Participativa em organização de idosos. [Dissertação]. Universidade Estadual de Campinas; 2003, p. 87

⁶ Souza, ML. Desenvolvimento de comunidade e participação. Cortez, 2004.

Sendo a vida social permeada de trocas entre as pessoas em convívio, de experiências e de serviços, ela nos remete em especial aos idosos, pois descobrir significados para a existência é crucial, uma vez que, com a idade, aumenta a probabilidade de experimentação de perdas e eventos incontroláveis. (Neri, 2007)

Sem dúvida, munir a existência de significado tem vários efeitos positivos que propiciam satisfação pessoal. Wong (1989) menciona que vários estudos que revisou enfatizam a importância do significado existencial para se lidar com a perda e a dor, e cita estudos realizados por ele, Reker e Peacock em que o senso de propósito de vida é positivamente correlacionado com percepção de bem-estar psicológico e físico.⁷

Para Deps (2007) a participação em atividades, além de emprestar significado à existência pode contribuir para a qualidade da rede de relações devido a *“ocorrência de interação social significativa e para a profilaxia e cura do estresse. Ela contribui para a prevenção das doenças prolongando o tempo de vida. Repercute favoravelmente no desenvolvimento, favorecendo a saúde física e mental”*.

A participação do idoso em diferentes atividades ou programas, de maneira sistemática e regular, sem dúvida atribui significado e satisfação à existência, por se tratar de uma participação livre e voluntária, de sua própria escolha, que pode gerar compromisso e oportunidade de manter o convívio com pessoas da mesma faixa etária e de maneira potencialmente agradável.

Paz (2006) enfatiza que a força do movimento idoso está intimamente relacionada à maior presença deste como ator, de sua organização social, de maior unidade e de fortalecimento do segmento organizado para uma maior amplitude das articulações e alianças na defesa de seus direitos e de novas conquistas sociais. Podendo ser afirmado, porém que a atual participação social do idoso ainda é pouco expressiva.

Impulsionar a participação social do idoso, para que se torne mais expressiva, também cabe aos profissionais envolvidos no gerenciamento de programas para idosos, que tem o papel de mobilizar e incentivar a sua

⁷ Deps, VL. In Neri, AL (org). Qualidade de vida na idade madura. Papirus, 2007, p. 59.

participação como protagonista de sua própria história, valorizando a manutenção da qualidade de vida e fortalecendo sua visibilidade enquanto segmento social.

Também é fato observado que as atividades socioeducativas, físicas, culturais e de lazer, organizadas pelos próprios idosos participantes, podem propiciar proteção e inclusão social, mediante a criação de espaços de convivência nos quais a preocupação está voltada para o atendimento das necessidades dos idosos em seus diferentes aspectos, integrando-os aos processos de participação e cidadania.

Borges (2003) entende como gestão participativa a formação e o fortalecimento de grupos que possam estar ouvindo e reproduzindo a vontade da maioria, de maneira a respeitar os seus interesses e anseios, fazendo valer sua vontade.

O conceito de gestão é muitas vezes confundido com o de gerenciamento ou administração, mas certamente é bem mais abrangente e complexo, incluindo, mas também extrapolando os demais, no sentido de atuar no campo das demandas e necessidades reconhecidas como legítimas, constituindo-se em direitos dos cidadãos, propondo canais e respostas, em forma de projetos, programas e planos, visando à composição de políticas sociais.⁸

As condições de participação dizem respeito à conscientização do indivíduo diante do modo como as relações sociais acontecem, considerando as questões conjunturais e estruturais.

A mobilização para o processo de conscientização dos indivíduos parte de dois pressupostos básicos: acesso à informação e educação. O acesso à informação é um direito socioassistencial, previsto constitucionalmente, que prevê garantia de acesso às políticas públicas, aos assuntos da atualidade, de modo a garantir que o cidadão e os grupos organizados possam ter conhecimento de seus direitos e deveres.

Grupos da comunidade organizados e informados podem contribuir de forma mais relevante com os programas oferecidos, na medida em que conhecendo a proposta, a forma de acesso ao serviço e seus objetivos, possam

⁸ Borges, MCM. Gestão Participativa em organização de idosos. [Dissertação]. Universidade Estadual de Campinas; 2003, p. 84

garantir meios para se alcançar maior qualidade dos serviços prestados à população.

A educação enquanto aprendizado para a vida social é uma ferramenta extremamente útil e valiosa para o processo de participação, pois aprender a participar é se apoderar de idéias, de hábitos e habilidades com um novo padrão de comportamento e isto é possível ao longo de toda a nossa vida. É através desse processo educativo permanente que se pode assumir uma nova posição frente às situações do cotidiano, desenvolvendo potencialidades, muitas vezes adormecidas, e acionando a criatividade.

Garantias legais da participação social do Idoso

No Brasil é muito recente a criação de legislação específica sobre idoso. Os movimentos sociais de aposentados confundem-se com a visibilidade do segmento idoso, porém o cenário da luta do movimento dos aposentados apresenta interesses e objetivos distintos do que chamamos de organização do segmento idoso para todas as questões que envolvem o velho, o envelhecimento e a velhice.

Paz (2006) em seu texto “Movimentos Sociais: participações dos idosos” enfatiza que há diferenças e aproximações entre o movimento dos aposentados e o dos idosos, pois o primeiro ao apresentar o envolvimento de seus atores de cabelos brancos, confunde a sociedade que os relaciona rapidamente com o segmento idoso, o qual na verdade traz consigo outras demandas para as políticas públicas e para a sociedade em geral.

A organização dos idosos é estimulada a partir das denúncias das mazelas da velhice brasileira. Inicialmente, numa espécie de reflexo de um movimento mais intenso e unificado que se realizava ao final dos anos 80 e início dos 90: o dos trabalhadores aposentados. Os aposentados, embora organizados há mais tempo, também tinham pouca visibilidade até então. Porém, a luta dos 147% surpreendeu, em especial na mídia. É a partir dessa mídia que o idoso também se torna visível, pois ao mesmo tempo em que se noticiava sobre o aposentado, com a imagem de

*homens e mulheres de cabelos brancos associada à aposentadoria, estampava-se a velhice.*⁹

A década de 1990 foi o período em que os idosos ganharam maior visibilidade na mídia e também o período de maior organização social, com sua maior mobilização a partir da Lei 8.842/94, Política Nacional do Idoso, que gerou os Fóruns e a maioria dos Conselhos de Direitos do Idoso. (Paz, 2006)

A Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso (Lei 10.741 de 01/10/03) são duas importantes leis que tratam especificamente das questões que envolvem a pessoa idosa, seus direitos e as normatizações para a sociedade, no tocante às políticas públicas, às instituições de longa permanência e aos crimes contra a pessoa idosa.

A Política Nacional do Idoso (Lei nº8842 de 04/01/94) tem por finalidade expressa em seu artigo 1º: “*assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade*”. E como princípios:

Art. 3º A política nacional do idoso reger-se-á pelos seguintes princípios:

I - a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;

II - o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;

III - o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza;

IV - o idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política;

V - as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta lei.

Cabe ainda a sociedade prover meios para que essa participação seja efetivada:

Art. 4º Constituem diretrizes da política nacional do idoso:

⁹ Paz, SF. In: Py, L (et al). Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. Setembro, 2006, p. 200

I - viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações;

II - participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos;

Os programas que desenvolvem ações complementares de atendimento ao idoso, são considerados espaços representativos, que devem dar lugar a construção do processo participativo. Considerados numa abordagem dinâmica e de alto impacto social no atendimento das demandas da população idosa, os programas garantem convivência e objetivam a promoção do autoconhecimento, favorecendo um processo de envelhecimento ativo e saudável, motivando essa população para novos projetos de vida e prevenindo o isolamento e o asilamento.

A direção técnica dos programas é algo a se observar quanto a criação desses espaços efetivos de participação. Sabe-se que muitos programas para idosos são dirigidos por pessoas não capacitadas em Gerontologia, sendo inclusive organizados nos serviços públicos e privados por voluntários, sem formação técnica, com boa vontade, porém com limitações que a falta de conhecimento acarreta. Essa questão se coloca, portanto, como uma dificultadora dos processos de participação, protagonismo e co-gestão por faltarem elementos técnicos nas discussões sobre planejamento e avaliação do trabalho desenvolvido, assim como o âmbito de atendimento, sua visibilidade e impacto social.

Em 2003 com a promulgação do Estatuto do Idoso novamente se encorajam as lutas pela valorização do segmento idoso e se preconiza a participação nos espaços comunitários, na família e na vida política.

Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.

§ 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

I – faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II – opinião e expressão;

III – crença e culto religioso;

IV – prática de esportes e de diversões;

V – participação na vida familiar e comunitária;

*VI – participação na vida política, na forma da lei;
VII – faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.*

A Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso por si só não trarão as mudanças necessárias ao cenário mundial do aumento do número de idosos e necessidade de políticas públicas efetivas, voltadas a esse público, cabendo ainda aos próprios idosos, como principais responsáveis, o desenvolvimento de ações que envolvam outros técnicos apoiados na crença de que um segmento organizado e forte traz garantias de melhor atendimento, acesso às políticas públicas e de amplo alcance de um processo de envelhecimento ativo e saudável.

2. A Metodologia de História Oral

Para Alice Beatriz da Silva Gordo Lang,

A História Oral constitui uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o conhecimento do tempo presente; permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que os viveram. Não se resume a uma simples técnica, incluindo também uma postura, na medida em que seu objetivo não se limita à ampliação de conhecimentos e informações, mas visa conhecer a versão dos agentes. Permite conhecer diferentes versões sobre um mesmo período ou fato, versões essas marcadas pela posição social daqueles que os viveram e os narram.¹⁰

Um pouco de história

As primeiras pesquisas realizadas no Brasil utilizando a metodologia qualitativa da História de Vida aconteceram nos anos de 1950 sob influência do sociólogo francês Roger Bastide.

Nessa ocasião Maria Isaura Pereira de Queiroz e Florestan Fernandes entre outros, se valeram dessa metodologia para colher dados para a grande pesquisa sobre relações raciais, financiada pela UNESCO. Também refletiram

¹⁰ Lang. ABS (org). Desafios da pesquisa em Ciências Sociais. CERU, 2001, p. 96

sobre a utilização dessa técnica específica e escreveram artigos sobre a experiência inédita de pesquisa.

A história oral começa seu desenvolvimento no Brasil em meados da década de 1970, quando em 25 de junho de 1973 foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC-FGV.

Em 1974 foi criado o Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDSCS), com autorização do Ministério da Educação e Cultura, composto segundo Ferreira (1996), por representantes da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional, da Fundação Getúlio Vargas e do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, em 1976 substituído pela Fundação Casa de Rui Barbosa, com objetivo, segundo relata Ferreira (1996) de “*contribuir para preservação de documentos necessários aos estudiosos das Ciências Sociais no Brasil, promover, estimular e coordenar a difusão da documentação, e incentivar a cooperação entre especialistas e cientistas sociais do país e do exterior*”.

O grupo, que se reunia na Biblioteca Nacional, dividia-se nos seguintes subgrupos: História Oral, Preservação e Restauração, Guia de Fontes para a História do Brasil e Bibliografia, Biblioteca e Informação.

Os subgrupos eram formados por cinco organizações, no caso o de História Oral, era integrado pelo CPDOC-FGV, pela Universidade Federal Fluminense, pela Universidade de Brasília, além da Universidade Federal de Santa Catarina e do Centro de Memória Social Brasileiro.

A primeira atividade do subgrupo de História Oral foi organizar o I Curso de História Oral, patrocinado pela Fundação Ford e pela CAPES, ministrado na Fundação Getúlio Vargas em julho de 1975. O curso propunha-se a discutir as linhas básicas do método de História Oral, de acordo com os princípios estabelecidos pelo Programa de História Oral da Universidade de Columbia. Pretendia também difundir o uso da metodologia, de maneira a implementar programas de história oral em diferentes universidades e centros de pesquisa brasileiros.¹¹

Essas foram as primeiras iniciativas do estabelecimento da História Oral no Brasil, apesar da afirmação de Ferreira (1996), sobre o uso de entrevistas que

¹¹ Ferreira, MM. In Meihy, JCS (Org). (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. Xamã, 1996, p. 12

já vinham sendo aplicadas por cientistas sociais brasileiros, porém sem a “preocupação de produzir documentos originários da relação entre depoente e pesquisador, mediada por um gravador”.

Para Alice Beatriz da Silva Gordo Lang,

Entretanto, o “boom” da História Oral no Brasil, teve início com uma reunião de pesquisadores no Congresso América 92, quando se decidiu criar uma associação em um encontro realizado no ano seguinte em São Paulo, na USP. A Associação Brasileira de História Oral foi efetivamente fundada no II Encontro Nacional de História Oral realizado no Rio de Janeiro em 1994.¹²

A fundação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) em 1994 durante o II Encontro Nacional de História Oral no CPDOC-FGV congregou historiadores orais de diferentes Estados, o que fortaleceu as trocas de experiências. Essa comunhão de pesquisadores possibilitou a realização de outros eventos no país, fato que culminou com a escolha do Brasil para sediar o X Congresso Internacional de História Oral em 1998, no Rio de Janeiro, incentivando a criação de uma revista semestral e de núcleos de estudos de história oral em diferentes instituições (Camargo; D’Araújo, 1999).

Para Joutard (2001), a primeira geração de historiadores orais surgiu nos Estados Unidos nos anos 50, com o propósito de reunir material para historiadores futuros. Tendo ainda como característica privilegiar as ciências políticas e se ocupar da história dos que ele denomina de “notáveis”. Na Itália, diferentemente, a pesquisa oral foi utilizada para reconstituir a cultura popular, e no México os arquivos orais registravam as memórias e recordações dos chefes da revolução mexicana, sendo estes considerados por Joutard (2001), como a segunda geração dos historiadores orais.

Esta segunda geração foi marcada por uma nova concepção da oralidade, se reportando aos relatos orais das minorias étnicas, dos iletrados, dos marginalizados entre outros. É uma história vista como alternativa, a todas as construções historiográficas baseadas no escrito. Desenvolveu-se à margem da Academia, baseando-se implicitamente na idéia de que se chega à “verdade do povo” graças ao “testemunho oral” (Joutard, 2001)

¹² Lang. ABS (org). Desafios da pesquisa em Ciências Sociais. CERU, 2001, p. 95

Segundo Ferreira (1996) houve dificuldades para o estabelecimento da História Oral no Brasil, que até meados dos anos de 1990, “*não merecia figurar nos currículos dos cursos universitários, nem nas discussões de seminários e simpósios*”.

Ressalta ainda, que tais dificuldades relacionavam-se a própria compreensão dos pesquisadores sobre a apreensão da história ser possível apenas através de documentos oficiais, sem envolver o sujeito nessa construção, procurando “*identificar as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandavam os mecanismos econômicos, organizavam as relações sociais, engendravam as formas de discurso*”.

Questionava-se a fidedignidade das informações, justificando que elas envolviam a subjetividade e a visão particular do indivíduo.

Esta maneira de fazer História, ao valorizar o estudo das estruturas, dos processos de longa duração, atribuía às fontes seriais e às técnicas de quantificação uma importância fundamental. Em contrapartida, ao desvalorizar a análise do papel do indivíduo, das conjunturas, dos papéis culturais e políticos, também desqualificava o uso dos relatos pessoais, das histórias de vida e das biografias. Condenava-se a sua subjetividade, levantavam-se dúvidas sobre as visões distorcidas que apresentava, enfatizava-se a dificuldade de se obter relatos fidedignos. Alegava-se também que os depoimentos pessoais não podiam ser considerados representativos de uma época ou de um grupo, pois a experiência individual expressava uma visão particular que não permitia generalizações.¹³

Como discorre Ferreira (1996) o aprofundamento das discussões acerca das relações entre passado e presente na História, e o rompimento com a idéia que identificava objeto histórico e passado, definido como algo totalmente morto e incapaz de ser reinterpretado em função do presente, abriu novos caminhos para o estudo da História do século XX. O investimento nos debates acerca da memória e suas relações com a história passaram a indicar a importância da elaboração de uma *História da Memória*, colocando em evidência a participação dos atores na construção e rememoração do passado.

¹³ Ferreira, MM. In Meihy, JCS (Org). (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. Xamã, 1996, p. 14

Quanto aos usos da memória e da entrevista

Entendo que há um consenso, de que a História Oral, é uma metodologia de pesquisa qualitativa que obtém os dados que interessam ao pesquisador, através de narrativas em situação de entrevista, que posteriormente são transcritas, dando origem a um documento que será analisado sob a luz da literatura especializada e de outros documentos. Também que não se pode dizer que se faz história oral, apenas por realizar uma entrevista gravada. A definição de história oral utilizada pelo NEHO – Núcleo de Estudos em História Oral da USP é: *“conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto, continuam com a caracterização do gênero de história oral, com o estabelecimento de comunidade de destino, colônia e redes e com o trabalho de transcrição do oral para o escrito”*.

Estando a História Oral no campo da pesquisa qualitativa, nos reportamos à Martinelli (1999) que ressalta três pontos importantes sobre seus aspectos: *o seu caráter inovador*, pois como método de pesquisa, insere-se na busca de significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências sociais; *a sua dimensão política*, pois, como construção coletiva, parte da realidade dos sujeitos e a eles retorna de forma crítica e criativa; e por tratar-se de uma construção coletiva, realizada pela via da complementaridade, não da exclusão.

Os relatos obtidos, através de fontes orais, geralmente dizem respeito a fatos não registrados por outro tipo de documento, de fatos cuja documentação se quer completar ou que se quer abordar sob outros pontos de vista ainda não registrados.

Para Lang (1996), quando se trata de fontes orais, surge a necessidade de conceituar as formas que os relatos orais podem assumir: histórias orais de vida, relatos orais de vida ou depoimento orais.

*A **história oral de vida** é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo. Os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal. (...)*

*Uma forma menos ampla e livre seria o **relato oral de vida**, quando é solicitado ao narrador que aborde, de modo mais especial, determinados aspectos de sua vida, embora dando a ele total liberdade de exposição, mas o entrevistado sabe do interesse*

*do pesquisador e direciona seu relato para determinados tópicos.
(...)*

*Uma modalidade bastante diversa das anteriores é a constituída pelos **depoimentos orais**, quando se busca obter dados informativos e factuais, assim como o testemunho do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações ou a participação em determinadas instituições em que se quer estudar.¹⁴*

É também afirmado por essa mesma autora que, “qualquer que seja a forma assumida pela fonte oral, baseia-se ela na memória e a memória é sempre uma reconstrução, evocando um passado visto pela perspectiva do presente e marcado pelo social, presente a questão da memória individual e da memória coletiva”.

Pollak (1992) enfatiza que, a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, porém refere-se ao trabalho de Maurice Halbwachs, que nos anos 20 e 30, já havia introduzido a reflexão de que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Quais seriam, portanto, para Pollak, os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva?

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.¹⁵

Para Meihy (2005), o que foi lembrado, o que foi narrado e em que circunstâncias foi evocado o fato, tudo isso integra a narrativa que sempre nasce na memória e se materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita. Esclarece também que a memória é um suporte para as narrativas de história oral, mas não é ela. Seria errado confundir memória com história. “*Os projetos de história oral promovem uma mediação significativa entre a*

¹⁴ Lang. ABS (org). Desafios da pesquisa em Ciências Sociais. CERU, 2001, p. 34

¹⁵ Pollack, M. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992.

memória e a história. A responsabilidade documental da história oral é que dá sentido à memória, como tema para a história.”

Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais. (...) No entanto, é preciso deixar claro que a memória individual, para a história oral, só tem sentido em função de sua inscrição no conjunto social das demais memórias. (...) É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que explicam ou não o significado do repertório de lembranças armazenadas.¹⁶

von Simson (2008) enfatiza que na História Tradicional a versão sobre o passado sempre privilegiou a classe dominante e letrada que deixava documentos escritos, sendo que a partir do surgimento da história oral se tornou possível dar visibilidade e importância às histórias da classe dominada, que até então não tinha tido o direito de colaborar com suas narrativas enfocando vivências próprias.

A partir dos anos de 1980 começa a crescer a necessidade de várias memórias/histórias serem reconstruídas, como as de igrejas, empresas e outras instituições sociais. Esse “boom” é interpretado pela pesquisadora como uma necessidade das pessoas saberem de suas origens, de suas histórias familiares e das histórias dos lugares onde estão inseridos para poderem mergulhar no processo de mundialização que então se iniciava.

Sendo a memória um campo interdisciplinar por definição, ressalta que essa se constrói ligando experiências antigas e significativas com a capacidade humana de reter fatos e retransmiti-los às outras gerações. A memória teria um papel fundamental e poderoso para a história oral, que trabalhando com fragmentos do passado, acredita que só é capaz de reconstruí-los quem os viveu.

A memória pode ser caracterizada em: individual, coletiva, subterrânea ou marginal. A memória individual, sendo única e pessoal, é construída através do processo de socialização; a memória coletiva foi sendo historicamente construída pela classe dominante e se torna oficialmente registrada, sobretudo nos lugares de memória que enfocam e monumentalizam fatos históricos. As memórias subterrâneas ou marginais são aquelas não registradas oficialmente, por se tratarem das memórias da classe dominada e por isso conservadas cuidadosamente nas famílias ou grupos sociais.

¹⁶ Meihy, JCSB. Manual de História Oral. Loyola, 2005, p. 63

A memória possui uma capacidade seletiva, automática, de organizar quais memórias devem ser mantidas e quais serão esquecidas. O “filtro” desse processo vem através da cultura em que o indivíduo está inserido e que lhe permite decidir o destino das experiências vividas.

Em uma situação de entrevista o pesquisador de história oral estará lidando com o processo de recordar. A etimologia da palavra recordar nos mostra o seu significado: colocar de novo no coração. Por isso é preciso uma postura não somente ética, mas também de sensibilidade para com o outro, que nesse processo de recordar suas experiências pessoais poderá trazer a tona tanto alegrias como tristezas, *pois não há rememoração sem sentimentos*.

O pesquisador de história oral poderá, em certas circunstâncias, ter o ouvido atento para as memórias chamadas traumáticas, isto é, àquelas que não se quer recordar, mas, por outro lado, não se consegue esquecer. O pesquisador deve estar atento para interromper o relato, caso o colaborador se mostre emocionalmente abalado. É preciso respeitar a vontade da pessoa em falar sobre o passado, alguns vão se recusar a falar e isso precisa ser aceito e respeitado pelo pesquisador, que deve ainda observar que o silêncio sobre o passado, como um todo ou sobre aspectos do mesmo, tem significado para a pesquisa.

Fundamental para a história oral é criar uma relação de confiança entre pesquisador e colaborador, havendo clareza dos objetivos da pesquisa e reciprocidade, podendo até o colaborador ser beneficiado ao falar, ao poder elaborar suas lembranças para um ouvido atento, até para poder esquecê-las e saber que essas informações quando forem importantes para a sociedade estarão registradas e preservadas.

História Oral e Empoderamento

Em se tratando da necessidade de criação de vínculos sinceros para obtenção dos depoimentos orais, cria-se também entre pesquisador e colaborador certa cumplicidade que vai além da entrevista pura e simples, podendo chegar a um grau de envolvimento que gera compromisso e responsabilidades.

Além de possibilitar o conhecimento histórico do passado, a história oral, pode ser considerada uma maneira de fornecer ferramentas para o

empoderamento dos indivíduos e comunidades envolvidas na pesquisa, pois como ressalta Simson (2008), *“dominando a metodologia da História Oral, ele passa automaticamente a produzir conhecimento sobre seu próprio passado”*, e esse conhecimento serve como subsídio para as possíveis lutas que venham a ser necessárias empreender em prol de avanços.

Assim o domínio de uma metodologia de pesquisa, somado à consciência de que a História, sendo obra dos grupos que formam a sociedade, pode por eles mesmos ser rememorada e organizada de maneira compartilhada, ajuda-os a compreender os problemas do presente e permite pensar possíveis futuras soluções que, dessa forma serão desenvolvidas de maneira mais consciente e responsável.¹⁷

Para Pereira (2006), empoderamento significa em geral a ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação de uma situação particular (realidade) em que se encontra, até atingir a compreensão de teias complexas de relações sociais que informam contextos econômicos e políticos mais abrangentes.

Simson (2008) afirma que o sucesso desse processo de construção e domínio conjunto de um conhecimento novo, está na capacidade do pesquisador de partilhar, com o grupo a ser pesquisado, as decisões mais importantes no desenvolvimento da pesquisa, pois dessa maneira o grupo participa de todo processo, sente-se valorizado, pode contribuir de maneira a tornar a pesquisa mais rica e dessa forma se apoderar de novas informações que trarão a contextualização dos acontecimentos, até então ocorridos e que dão origem às lutas e avanços e explicam os “porquês” do presente.

O acesso aos resultados da pesquisa poderão também possibilitar aos indivíduos participantes a compreensão dos fatos do passado e suas conseqüências no presente, situando-os enquanto sujeitos históricos e impulsionando o sentimento de identificação e de pertencimento. Ao sentir-se como pertencente pode surgir um movimento interior de busca por explicações que culminarão em novas ações de cidadania comunitária ou familiar. Para Perreira (2006) *“o empoderamento devolve poder e dignidade a quem desejar o*

¹⁷ Simson, ORMV. Artigo: História Oral, autoridade compartilhada e empoderamento: contribuições de pesquisa em processos de transformação social.

estatuto de cidadania, e principalmente a liberdade de decidir e controlar seu próprio destino, com responsabilidade e respeito ao outro”.

O empoderamento, portanto, representa uma importante ferramenta de fortalecimento dos grupos e da comunidade pesquisada, que poderá resultar na ampliação do campo dos direitos sociais.

CAPÍTULO II

APRESENTAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Em busca de Programas para Idosos desenvolvidos por Comissões Gestoras formadas por idosos e profissionais, realizamos no período de novembro de 2007 a fevereiro de 2008 uma pesquisa na rede pública e privada de atendimento do município de Campinas.

Foram encontrados mais de 50 serviços de atendimento ao idoso que, para maior clareza, caracterizamos entre públicos e privados: oferecidos por Associações e Sindicatos, Universidades, Igrejas, Organizações Não Governamentais, Prefeitura do Município de Campinas, Grupos Comunitários Independentes, Clubes, Empresas e Conselho de Direitos. Dessa pesquisa surgiu um **“Guia de ações desenvolvidas com a população Idosa do município de Campinas”**, elaborado pela pesquisadora, que se encontra anexo a esse trabalho.

A coleta de dados foi realizada através de contato telefônico em todos os serviços e entrevista no local, em pelo menos um serviço de cada área. Pretendeu-se, durante o contato, conhecer em linhas gerais o tipo de serviço oferecido e como se dava a participação do idoso no planejamento, execução e avaliação das atividades oferecidas.

A coleta foi finalizada quando as informações estavam sendo saturadas, no momento da entrevista com profissionais e idosos, nas pesquisas online ou nas pesquisas em documentos informativos, quando as mesmas passaram a se repetir. Porém a pesquisadora entende que não conseguiu contemplar todos os serviços do município, por talvez existirem ações não divulgadas.

Foram encontrados dois grupos auto geridos por idosos, com tempo significativo de existência e relevantes trabalhos, que despertaram o interesse da pesquisadora e são desenvolvidos respectivamente pelo Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia e pelo Serviço Social da Indústria - SESI Amoreiras, os quais apresentaremos com detalhes a seguir.

2. Apresentação do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia



Foto da fachada da Instituição: 2009 - arquivo da pesquisadora.

Endereço: Avenida Carlos Lacerda, 503. Jardim Santa Lucia. Campinas.

Telefone: (19) 3223-3080

Site e e-mail: www.ccjsantalucia.org.br e santalucia@ccjsantalucia.org.br

Data da fundação:

- 1977 como PLIMEC

- 25 de outubro de 1985 como Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia

Histórico da fundação

Em 1976 a Federação das Entidades Assistenciais de Campinas – FEAC foi contratada pelo governo do estado para administrar em Campinas, o Plano de Integração do Menor na Comunidade (PLIMEC). O público alvo seriam as crianças e adolescentes que passavam maior parte do tempo nas ruas sujeitas à violência e a outros fatores de risco pessoal e social.

Então em 1977 o PLIMEC iniciou sua atuação nessa comunidade desenvolvendo os três programas propostos: Programa de Educação Complementar para Menores, Programa de Educação Complementar para Pais e Programa de Atuação Indireta.

O PLIMEC foi financiado pelo governo do estado, desde o ano de sua implantação até 1981, quando a FEAC assumiu completamente o projeto, por ter

sido este interrompido por decisão do Estado, pois os dirigentes da FEAC temiam abandonar o atendimento às crianças da comunidade. Antes, em 1980, a FEAC inaugurou a Casa Comunitária onde seriam desenvolvidas as atividades do PLIMEC e mais tarde o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia.

Em 1983 foi lavrada a Escritura Pública de Concessão de Uso, em que a Prefeitura do Município de Campinas concedeu à FEAC o direito de uso do espaço e assim o Departamento de Promoção Social da FEAC elaborou o Programa Comunitário do Jardim Santa Lucia.

O Objetivo do programa seria *“implantar cursos de iniciação profissional, artesanato e atividades de educação para o trabalho, garantindo à clientela envolvida uma atividade produtiva, ocupacional ou terapêutica”*.

Na época, identificou-se que, apesar de já existirem cursos profissionalizantes na cidade, esses não atendiam a realidade da comunidade do Jardim Santa Lucia, pois outros fatores encontrados na avaliação dos técnicos da FEAC enfocando os aspectos sociais dessa determinada comunidade, apontavam: *“falta de capacitação profissional, desemprego e subemprego, baixa renda ou ausência de renda familiar, má alimentação, subnutrição, incapacidade de desempenho de qualquer função e falta de capacitação profissional”*.

Paralelo às ações desenvolvidas pelo Programa de Profissionalização, a comunidade, representada por alguns moradores do bairro, passou a exigir maior participação nas discussões sobre as ações desenvolvidas e o uso do espaço. Como a FEAC já previa no projeto, o sistema de acompanhamento, controle e avaliação, com reuniões freqüentes de técnicos e monitores com a população, surgiram novas discussões sobre a responsabilidade de gerir o Programa, tendo início um trabalho de formação de uma organização não governamental que se concretizaria no Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia.

Em 20 de outubro de 1985 foi fundado o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia em uma assembléia pública que elegeu uma diretoria composta pelos moradores do bairro.

Um dos diretores fundadores do Centro Comunitário foi Eduardo Rodrigues Neves, de 56 anos de idade. Ele concluiu apenas o ensino fundamental e hoje é aposentado, sendo casado e pai de três filhos e residindo em Campinas desde 1973, é atuante na instituição e nos serviços da comunidade.

Observemos abaixo a riqueza da história contada pelo Eduardo:

*Na verdade era um programa do governo do estado. O governo do Estado implantou esse PLIMEC e a FEAC tinha parceria com o Estado. Só que o projeto durou na verdade de 75 até 81. O governo do Estado interrompeu o projeto e acabou sendo abandonado. Ai a FEAC assumiu o trabalho, funcionava nesse espaço aqui que você está vendo: o salão, a cozinha e os banheiros. O resto que você vê hoje não existia. Como a FEAC usava só de segunda a sexta, de sábado e domingo isso aqui ficava a Deus dar. Então a gente começou a se preocupar, porque estava virando um ponto de droga, de prostituição e de tudo quanto é coisa ruim nos finais de semana. **A gente que o senhor fala quem são?** Eram as pessoas que moravam aqui no bairro. A gente formou uma comissão de moradores e chegamos até a FEAC e dissemos que nós queríamos acompanhar os projetos deles, para nos finais de semana, preencher o espaço com algumas atividades. E ai a FEAC gostou da idéia e começamos a acompanhar os trabalhos e o negócio foi crescendo. **Quantas pessoas tinham nessa comissão?** Eram umas quinze mais ou menos todas moradoras aqui do bairro. Ai a gente começou a usar o espaço com atividades que faziam com que as pessoas se sentissem responsáveis pelo espaço. Nós falávamos que era um prédio do governo, mas tudo era feito com dinheiro nosso, dos impostos, então as pessoas tinham que respeitar. Em 83 a FEAC fez uma proposta para a gente formar uma comissão para estar assumindo as atividades, como moradores voluntários aqui do Santa Lucia. Em 80 nasceu a comunidade católica, que também nasceu aqui dentro. Ela nasceu porque a maioria das pessoas que participavam da comissão eram cristãs ou comprometidas com a associação de moradores de bairro, que luta por melhoria para o bairro, porque o bairro não tinha creche, não tinha escola, asfalto, esgoto, não tinha água nem luz. Então a briga começou em 75 e continua até hoje. Então formamos essa comissão e acompanhamos ainda mais de perto, indo em reunião na FEAC e participando mais. Ai em 84 nós formamos uma diretoria provisória e começamos a trabalhar para montar o estatuto da criação do Centro Comunitário, então foi um ano de muito trabalho, de muita reunião. Porque era das 6 da tarde até 10 horas da noite aqui! Quase de segunda a segunda a gente trabalhando na elaboração do estatuto. Essa diretoria provisória funcionou assim em 84 e até a elaboração do estatuto, quando então no dia 20 de outubro de 85 foi a assembléia oficial para a criação do Centro Comunitário.*

Eduardo se mostra uma pessoa politicamente muito consciente de seus direitos e deveres, com uma postura voltada para a coletividade. Tem uma visão ampla das questões que envolvem a comunidade preocupando-se com situações

complexas, desde o início da sua atuação no ano de 1973, quando chegou à Campinas lutando por condições dignas de moradia e de infra-estrutura, não somente para si mesmo, mas para todos os moradores de seu bairro e da região.

O Centro Comunitário nasceu como um espaço de conquista da comunidade que percebia a necessidade de oferecimento de projetos que pudessem mudar as histórias de vida, pois a violência e o tráfico de drogas eram questões muito presentes nessa região, como ele ainda nos explica:

Nós que éramos a diretoria provisória, formamos uma chapa com os mesmos nomes das pessoas que trabalharam e no dia 25 de outubro de 85 a gente passou a exercer a função de diretores voluntários e sermos eleitos de dois em dois anos. Muitos diretores continuam conosco até hoje na diretoria. Tem diretores, hoje, que foram crianças do programa. Então, naquele tempo, de cada dez crianças, oito viravam bandidos, era uma coisa cruel! No final de semana tinha uma gangue daqui e uma do Jardim Yeda que brigavam. Tinha final de semana que matavam cinco daqui, no outro final de semana matavam cinco de lá. Era aquela desordem, uma violência incrível. E nós tínhamos que ocupar o tempo desses adolescentes com alguma coisa para que eles pudessem um dia ser úteis. Então nós montamos a marcenaria, que ficava ali do lado. Funcionou por uns dez anos essa marcenaria, dando suporte para os adolescentes, com assessoria do SENAI e do SESI. E essas crianças saiam diplomadas e iam direto para o mercado de trabalho. E hoje nós temos muitos marceneiros bons, montadores de móveis que são frutos daqui. E o trabalho não parou. Então passou uns dez anos e a gente percebeu que a marcenaria já estava ultrapassada, aí já estávamos entrando na era da informática. A era da informática vai trazer para gente uma mudança brutal. Então nós vendemos a marcenaria em troca de computadores e montamos essa sala ali do lado, com objetivo também de formar o jovem para o mercado de trabalho. Essa sempre foi a característica do Centro Comunitário: ir se aperfeiçoando, cada vez mais para que a gente possa ser uma entidade à serviço dos próprios moradores. Então não atendemos só pessoas que moram na beira das grotas não, nós atendemos a toda a comunidade.

A partir desse histórico notamos que o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia é implantado em um contexto de reivindicações da população organizada, e esse movimento popular trouxe garantias de atendimento às necessidades da comunidade. Ao entrevistar Eduardo e a coordenadora da instituição Maria Aparecida Siqueira Diniz, observamos que esse envolvimento da

comunidade e a visão do trabalho e da missão da instituição, por parte da diretoria, vem sendo valorizada até o momento atual, quando o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia esta próximo de completar 25 anos de existência.

A população atendida pela Instituição

A Instituição atende a aproximadamente 750 famílias, sendo aproximadamente 80% dessas residentes no bairro Jardim Santa Lucia e s demais nos bairros circunvizinhos, que se enquadram nos seguintes critérios:

- famílias ou indivíduos com renda mensal de até dois salários mínimos, segundo lei de gratuidade (adolescente, jovens, adultos e idosos a partir de 60 anos de idade);
- crianças a partir de 06 anos de idade matriculada na rede de ensino;

O Projeto Socioassistencial da Instituição, segundo o texto do Plano de Ação para 2009:

Objetivo geral

Incentivar a integração familiar e comunitária dos participantes sensibilizando-os quanto aos seus semelhantes, **assim como às outras gerações**, fortalecendo os vínculos afetivos através do trabalho em rede e ações coletivas. Colaborar com a melhora da qualidade de vida de modo geral. Proporcionar e desenvolver espaços construtivos que possam se diferenciar das vivências de privação comumente enfrentadas pela população em questão.

Sustentabilidade

O Centro Comunitário possui as seguintes inscrições públicas: Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal, Conselho Municipal de Direitos da Criança, Conselho Municipal de Assistência Social, **Conselho Municipal do Idoso**, Conselho Nacional de Assistência Social, Secretaria Estadual de Desenvolvimento

Social, Atestado de Filantropia e CEBAS – Certificado de Entidade de Assistência Social.

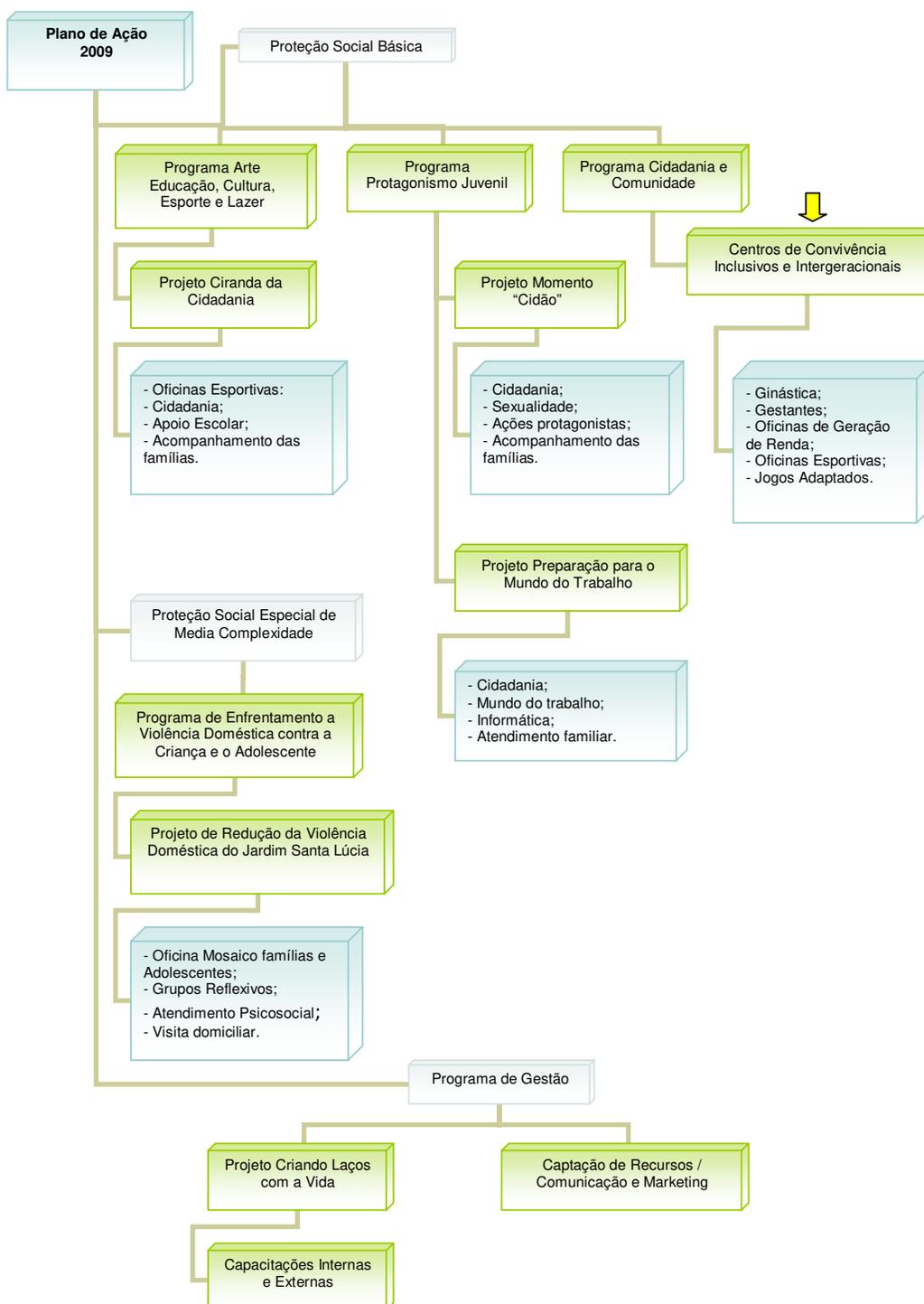
A sustentabilidade da Instituição se dá através de recursos próprios por meio do quadro de sócios contribuintes, da realização de bazar, festas, eventos e aluguel da quadra esportiva.

Ela é co-financiada, através de convênios municipal, estadual e federal, via Fundo Municipal de Assistência Social para as seguintes áreas programáticas: crianças, adolescentes e jovens entre 07 e 24 anos de idade, violência doméstica contra criança e adolescente, **Centro de Convivência Inclusivo e Intergeracional**, Programa de Atendimento Integral a Família – PAIF. Além do co-financiamento da Fundação das Entidades Assistenciais de Campinas – FEAC, para profissionalização de adolescentes e jovens de 14 a 24 anos de idade e da Empresa Petrobras através do Projeto Dê Bola para a Cidadania para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos de idade.

Recursos Humanos

Para o funcionamento de todas as atividades a Instituição mantém um quadro de profissionais contratados das seguintes áreas: 01 coordenadora geral, 03 assistentes sociais, 02 psicólogos, 01 pedagogo, 06 educadores sociais, 03 educadores físicos, 01 artesão, 01 agente administrativo, 01 auxiliar administrativo, 02 cozinheiras, 01 merendeira, 02 faxineiras, além de 01 voluntário.

Apresentação dos Programas e Projetos segundo o Plano de Ação 2009 nos moldes do Sistema Único da Assistência Social – SUAS. (gráfico fornecido pela Instituição)



Apresentação do Projeto para Idosos – Grupo da Amizade

O projeto oferecido para pessoas a partir dos 60 anos de idade faz parte do Programa Cidadania e Comunidade no conjunto das ações que integram o Centro de Convivência Inclusivo e Intergeracional, como pudemos observar no gráfico anterior. É desenvolvido por uma Comissão Gestora formada por oito idosos, um professor de educação física e uma assistente social, sujeitos da presente pesquisa.

Atualmente atende a aproximadamente 60 idosos oferecendo atividade física: ginástica e voleibol adaptado, encontros intergeracionais, grupo de discussão e reflexão (projeto Chá, Conversa e Simpatia), curso de artesanato, passeios e outros eventos.



Fotos: aula de ginástica e voleibol adaptado – 2009 (arquivo da pesquisadora)

Histórico

Criado em 1999 por iniciativa da coordenação do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia para atender uma demanda de idosos do bairro e da região, o projeto teve início oferecendo aulas de ginástica duas vezes por semana, no salão da instituição. No primeiro ano de funcionamento aproximadamente 15 pessoas participavam das aulas. Em 2001, após a construção de uma quadra poliesportiva, foi possível desenvolver as atividades com maior qualidade e abrir novas vagas. Nesse ano o número de participantes somava 35 pessoas.

Segundo a coordenadora geral da instituição, Maria Aparecida Siqueira Diniz, o projeto nasceu de sua observação junto ao Serviço Social, quanto à necessidade de atendimento do público idoso da comunidade que nos últimos dez anos cresceu em número de atendimentos, sempre tendo sido acompanhado por um professor de educação física e um assistente social:

Conversando com a Vera Lucia que era a assistente social, pensamos na possibilidade de montar um trabalho com idosos, que aqui não tinha, nem no Centro Comunitário e nem na região, no bairro não tinha. A gente percebia que vinham no plantão do Serviço Social muitos idosos, sempre com alguma coisinha. Então nós conseguimos um professor, que veio nos procurar, ele chamava José Luiz (...). A gente chamava ele de Zeca (...) ficou trabalhando no salão, aquele que você conhece. Começou com umas 12 pessoas, depois tinha umas 20. E aí o Zeca foi embora pra São Paulo. (...) Consegui um recurso pra pagar um professor, contratamos, falei com o Gilson que era nosso diretor e também professor de educação física, e ele conhecia o Jeferson que começou a dar aula, mas passou no concurso do SESI e também foi embora. Aí veio o Lucas, o Lucas era estagiário. (...) Como o grupo é da comunidade, então eles conversavam e uma foi trazendo a outra e o grupo foi crescendo. Através do plantão também a Vera encaminhava novos idosos e aí o grupo foi aumentando(...) O projeto começou em agosto de 99, porque eu cheguei aqui em março e eu tive esse tempo, de uns três meses, de conhecer a Instituição, de conhecer a comunidade e sentir quais eram as demandas.

Dona Elisa Cândida de Sousa Rodrigues, membro da Comissão Gestora do Grupo da Amizade, participa do projeto para idosos desde sua criação em 1999, acompanhando as mudanças de profissionais e as conquistas do grupo. Diz ela:

Eu lembro que o primeiro professor foi o Zeca, tinha assim mais ou menos umas quinze pessoas. Mas era muito bom, a gente fazia ginástica naquele ultimo salão lá. Foi criado com o Lucas (o nome do grupo), não tinha nome, antes era só uma camiseta branca. Tinha ginástica, bolo para os aniversariantes do mês. Eles davam muitas frutas pra gente, as crianças ganhavam muitas frutas e aí no final da aula, tinha uma bandeja de frutas, era só pegar. (...) Já teve 70 pessoas. Foi aumentando porque a turma vê a gente fazer ginástica, ele levava a gente prá caminhar no Extra, então as pessoas viam aquelas mulheres caminhando. E eles foram deixando as pessoas entrar.

Dona Eurípedes da Silva Nunes, membro da Comissão Gestora e participante do projeto desde o ano 2000, ressalta que nos últimos 10 anos o grupo foi beneficiado por uma programação com maior número de atividades:

Ah sim! Melhorou... os passeios, antes era um por ano, agora a gente faz mais, às vezes até três vezes por ano. (...) Parece que todo mundo tem mais interesse, esta mais envolvido, mais exigente. As atividades estão aumentando, já teve dança de salão, informática, era uma atividade que não tinha antes, agora esta tendo. Agora toda a 6ª feira, com essa mudança... intergeracional, toda 6ª feira vai ter atividades também a tarde. A gente está conversando agora o que vai ter: filme, bingo, estamos pensando.

O professor Lucas Vieira dos Santos, no grupo desde 2000, observa como foi aumentando o número de participantes, algumas dificuldades que enfrentaram e até um momento em 2004, quando foi necessário fechar as inscrições por excesso de envolvidos:

Aí em 2003 para 2004 já tínhamos em média 60 alunos, em média de aula nós tínhamos 55. Foi quando nós paramos, pelo espaço e pelo rendimento da aula, se não você perde qualidade. Não tínhamos materiais suficientes, a Instituição não tinha recurso então nós fazíamos materiais alternativos, garrafinha com areia, bastão, elástico, algumas bolas, imagina uma bola para 10, para 15. Aí em 2004 decidimos que não íamos pegar mais ninguém. Fizemos uma lista de espera. Voltamos a receber em 2007, porque eram muitas pessoas procurando.

Nos últimos anos o professor Lucas também observou algo interessante: o aumento do número de idosos de sexo masculino participando do grupo, hoje representado por aproximadamente 18%, além da presença de alguns casais:

Uma coisa interessante que está acontecendo é que o número de homens no grupo está aumentando e nos últimos um ano e meio, está aumentando o número de casais entrando no grupo. Das últimas dez pessoas que chegaram ao grupo, seis foram casais que vieram. Isso é muito jóia, eu sempre batalhei para isso.

Ao longo dos anos o grupo priorizou a atividade física, freqüentada com assiduidade pelos idosos e os passeios, tendo sido oferecidos em determinados momentos aulas de dança de salão, informática e artesanato. Também foi oferecido um curso de formação de lideranças, ministrado por assistentes sociais e psicólogas através da Pontifícia Universidade Católica de Campinas aos idosos membros da Comissão.

Perfil socioeconômico e educacional dos idosos participantes do Grupo da Amizade



Foto da aula de ginástica – 2009 (arquivo da pesquisadora)

O idoso que deseja participar das atividades oferecidas no Centro de Convivência Inclusivo e Intergeracional é recebido pelo Serviço Social que realiza uma entrevista para apresentação do projeto e cadastramento.

Atualmente o Grupo da Amizade é formado por 60 idosos cadastrados sendo:

- ° 49 mulheres (81,65%) e 11 homens (18,31%);
- ° com idade entre 50 e 86 anos, estando o maior número na faixa etária dos 60 aos 70 anos:

Faixa etária	Mulher	%	Homens	%
50 a 55 anos	02	3,33	0	0
56 a 59 anos	08	13,33	0	0
60 a 65 anos	14	23,33	01	1,66
66 a 70 anos	10	16,66	05	8,33
71 a 75 anos	12	20	04	6,66
+ de 76 anos	03	5	0	0
Não respondeu	0	0	01	1,66
Total	49	81,65	11	18,31

° Quanto a situação econômica do grupo, a maioria das mulheres não possui renda (33,33%) e dentre essas um número significativo, apresenta renda de 01 salário mínimo (26,66%):

Aqui as rendas informadas são apenas as oficiais, provenientes de aposentadoria, pensão ou benefício de prestação continuada previsto na Lei Orgânica da Assistência Social.

Faixa salarial	Mulher	%	Homens	%
Sem renda	20	33,33	01	1,66
01 sal. Mínimo	16	26,66	03	5
01 a 02 sal. Mínimos	04	6,66	01	1,66
03 a 04 sal. Mínimos	0	0	02	3,33
04 a 05 sal. Mínimos	0	0	01	1,66
05 a 06 sal. Mínimos	01	1,66	0	0
Não respondeu	08	13,33	03	5
Total	49	81,65%	11	18,36%

° As mulheres freqüentaram mais a escola do que os homens, sendo que uma maioria cursou até a quarta série do antigo ensino básico (33,33%), com destaque para 04 mulheres contra 01 homem que chegaram a concluir o antigo segundo grau.

Escolaridade	Mulher	%	Homem	%
Sem escolaridade	03	5	0	0
1ª a 3ª série	15	25	03	5
4ª série	20	33,33	5	8,33
5ª a 8ª série	04	6,66	04	6,66
2ª grau incompleto	01	1,33	0	0
2ª grau completo	04	6,66	01	1,33
Total	47	77,98	13	21,32%

° A maioria dos idosos (66,66%) reside no próprio Jardim Santa Lucia:

Bairro	Nº de pessoas	%
Jardim Santa Lucia	40	66,66
Jardim Yeda	03	5
Alvorada	01	1,66
Jardim N. C. Eliseos	13	21,66
Bordom	01	1,66
Ipiranga	01	1,66
Vila União	01	1,66
Total	60	100%

° O tempo de participação da maioria no projeto é de 8 anos, com concentração de um número de pessoas inscritas no ano de 2002, devido a maior divulgação das atividades após a entrada do novo professor de educação física e

a preparação da comunidade católica para a Campanha da Fraternidade do ano seguinte, que privilegiou o tema “Fraternidade e Pessoas Idosas”.

Destaca-se a porcentagem sempre muito maior de mulheres do que de homens participando das atividades, como enfatizado em diversas pesquisas.

Ano de entrada	Mulher	%	Homens	%
1999	4	6,66	0	0
2000	09	15	0	0
2001	03	5	0	0
2002	15	25	02	3,33
2003	06	10	01	1,66
2004	01	1,66	0	0
2005	01	1,66	02	3,33
2006	02	3,33	0	0
2007	0	0	03	5
2008	08	13,33	02	3,33
2009	0	0	01	1,66
Total	49	81,64%	11	18,31%

Atualmente a Comissão Gestora esta trabalhando nos preparativos do aniversário de 10 anos do grupo, através da formulação de idéias e tendo já realizado um concurso para a confecção de uma nova camiseta comemorativa e definido que no mês de agosto, será realizado um café da manhã com todos os participantes do Centro Comunitário e alguns grupos de idosos de Campinas e de municípios vizinhos, além de uma programação que encerra o segundo semestre com um jantar dançante e um passeio.

3. Apresentação do Serviço Social da Indústria – SESI Amoreiras



Foto da fachada da Instituição – 2009 (arquivo da pesquisadora)

Endereço: Avenida Das Amoreiras, 450. Parque Itália. Campinas. São Paulo

Telefone: (19) 3772-4100

Site e e-mail: www.sesisp.org.br/amoreiras e cas03@sesisp.org.br

Data da fundação do SESI São Paulo: 25 de junho de 1946

Data da fundação do SESI Amoreiras: 24 de novembro de 1973

Histórico da fundação

O Serviço Social da Indústria é uma entidade de direito privado, nos termos da lei civil, estruturada em base federativa para prestar assistência social aos trabalhadores industriais e de atividades assemelhadas em todo o país.

A Confederação Nacional da Indústria é a responsável por sua criação por meio do decreto nº 9.403 de 25 de junho de 1946, assinado pelo Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra. O contexto de criação do SESI era o do final da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), o da suspensão em 1944 dos direitos garantidos na Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT de 1943, que trouxe como consequência jornadas longas de trabalho, salários baixos e altos lucros dos empregadores.

Existiam dois grupos de empresários: aqueles interessados na adoção de uma política econômica liberalizante, de forma a facilitar o acúmulo de capital à custa de baixos salários e da expansão das empresas estrangeiras, e de um segundo grupo de outros industriais identificados com valores éticos contrários às práticas do lucro fácil e favorável à construção social em bases mais justas.

Em 1945 é realizada por esse último grupo, a 1ª Conferência das Classes Produtoras, em Teresópolis, que culmina na elaboração da “Carta de Teresópolis”, que propunha o combate ao pauperismo, o aumento da renda nacional, o desenvolvimento das forças econômicas, a democracia econômica e a justiça social.

Inspirados nos princípios sociais da Carta de Teresópolis, um grupo de empresários lançou em 1946 a Carta da Paz Social, expressando o desejo de estabelecer solidariedade e harmonia entre capital e trabalho, e propondo a criação dos serviços sociais, tanto da indústria, quanto do comércio.

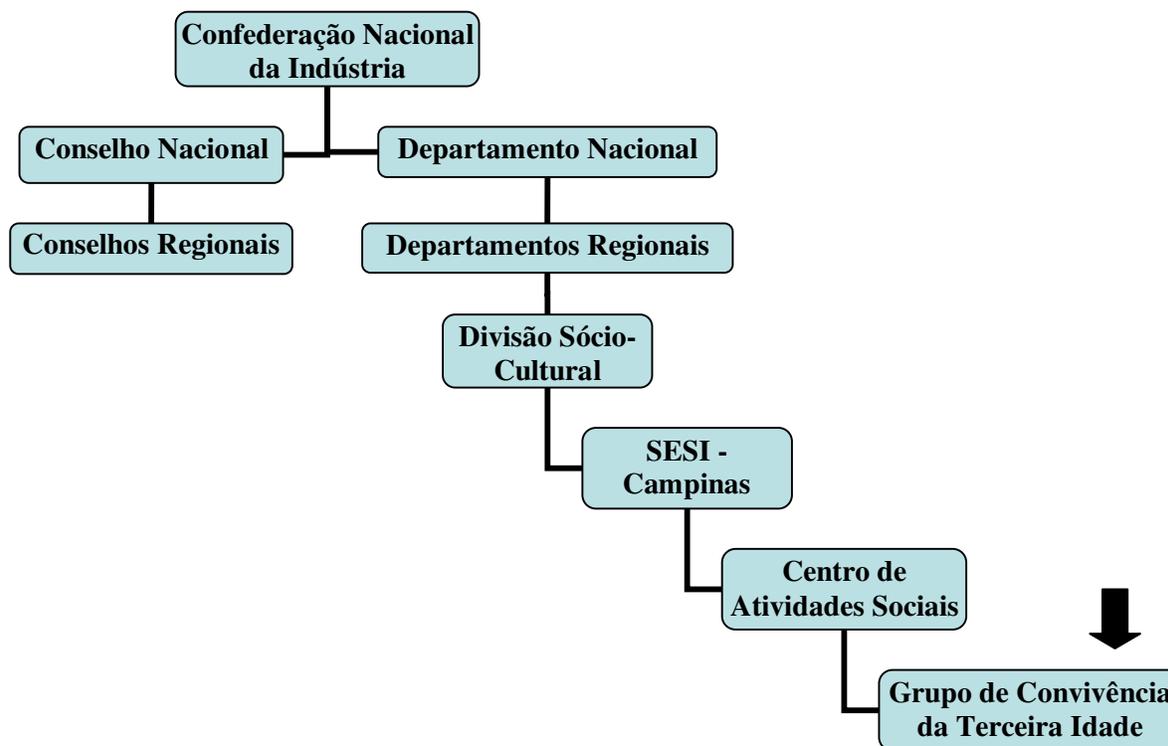
A missão da Confederação Nacional da Indústria era criar um serviço com "a finalidade de estudar, planejar e executar, direta ou indiretamente, medidas que contribuíssem para o bem-estar social dos trabalhadores na indústria e nas atividades assemelhadas, concorrendo para a melhoria do padrão geral de vida no país e para o aperfeiçoamento moral e cívico e o desenvolvimento do espírito de solidariedade entre as classes". Para a execução dessas finalidades, o Serviço Social da Indústria deveria ter em vista, especialmente, providências no sentido da defesa dos salários reais do trabalhador (melhoria das condições de habitação, nutrição e higiene), a assistência em relação aos problemas domésticos decorrentes das dificuldades de vida, as pesquisas socioeconômicas e atividades educativas e culturais, visando à valorização do homem e os incentivos à atividade produtora.

Sustentabilidade

O SESI é mantido por recursos provenientes de contribuições mensais recolhidas compulsoriamente das indústrias em geral, incluídas aí as de telecomunicações, da pesca, da construção civil e do transporte ferroviário.

A contribuição, no valor de 1,5% do montante da remuneração paga aos empregados, é arrecadada pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), órgão do Ministério da Previdência Social, o qual retém 3,5% do total, a título de reembolso de despesas operacionais.

Estrutura organizacional



Composição dos conselhos e departamentos

- **Conselho Nacional:** é composto por um Presidente nomeado pelo Presidente da República; pelo Presidente da Confederação Nacional da Indústria e pelos Presidentes dos Conselhos Regionais. Completa o colegiado o Representante das Atividades dos Transportes, Comunicações e Pesca, Representante do Ministério do Trabalho, Representante das Autarquias Arrecadoras, designado pelo Conselho Superior da Previdência Social, Representante das Atividades

Industriais Militares, designado pelo Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

- **Conselho Regional:** é composto pelo Presidente da Federação das Indústrias do Estado e por três membros titulares e três membros suplentes representantes da indústria, cujos nomes são ratificados em assembléia da Federação das Indústrias e de membros representantes do Governo Estadual (indicação do Governo do Estado), do Ministério do Trabalho e Emprego (indicação do Ministro) e do setor de comunicações.
- **Departamento Nacional:** é dirigido pelo Presidente da Confederação Nacional da Indústria.
- **Departamentos Regionais:** é dirigido pelo Presidente da respectiva Federação das Indústrias, do estado.

Apresentação do Projeto para Idosos – Grupo Amizade na Terceira Idade

O projeto é oferecido para pessoas a partir dos 55 anos de idade e faz parte das atividades oferecidas no Centro de Atividades Sociais – CAS, da unidade do SESI Amoreiras, como pudemos observar no gráfico anterior, sendo desenvolvido por uma Comissão Gestora formada por onze idosos e uma agente de ações sociais, sujeitos da presente pesquisa.



Fotos do encontro e dos jogos de salão – 2009 (arquivo da pesquisadora)

O SESI utiliza as mesmas diretrizes para o trabalho em todas as suas unidades espalhadas pelo Brasil, sob supervisão de analistas da Gerência de Ações Sociais dos Departamentos Regionais. Essas diretrizes são formuladas a partir de estudos e pesquisas sobre as questões da atualidade que envolve o idoso, realizadas pelos técnicos responsáveis e através de visitas desses, às unidades do SESI.

O “Programa da Terceira Idade” é desenvolvido pelo SESI em nível de Brasil, há mais de 20 anos e tem como objetivo: “propiciar espaço de convivência para a população idosa visando à socialização, a melhoria da qualidade de vida, o

resgate da auto-estima e o exercício da cidadania. Através do oferecimento de atividades nas áreas Cultural, Sociorecreativa, Física e Esportiva, Informativas e Filantrópicas, bem como, cursos e oficinas de trabalhos manuais, artesanato e costura”.

Uma das “exigências” para o funcionamento do projeto é a formação de grupos que atuem em **comissões internas elegerdas pelo próprio grupo** e coordenadas pelos Agentes de Atividades Sociais, funcionários do SESI.

Crítérios de participação da população

Para participar do projeto é necessário ter 55 anos de idade ou estar completando essa idade no ano corrente e preencher cadastro no setor administrativo. Não é necessário que o idoso seja trabalhador da indústria ou dependente de um. Qualquer idoso da comunidade pode se inscrever no programa inclusive isentando-se do pagamento como usuário do serviço nos casos das atividades oferecidas no Centro de Atividades Sociais. Para participar das outras atividades do SESI, é necessário o pagamento de uma taxa diferenciada.

Histórico

O projeto foi criado em 24 de fevereiro de 1989 e completou em 2009, vinte anos de existência. O número de cadastrados é de aproximadamente 250 idosos, que se reúnem para uma proposta de grupo de convivência todas as segundas e quartas-feiras, segundo relata a agente de atividades sociais Patricia Dourado Costa.

No início havia um grupo de senhoras que fazia ginástica no Centro de Esportes e Lazer. Então a coordenadora do antigo Centro de Aprendizado Doméstico, as convidou para freqüentar o CAS e fazer cursos uma vez por semana. Elas jogavam bingo, faziam bailes, e ai o grupo começou a crescer. Hoje oficialmente o grupo pertence à Divisão Sócio-Cultural, mas houve uma discussão entre a Divisão de Esportes e o CAS, porque o Esportes considerava que o projeto era deles. Deveria ter umas dez senhoras no início. Sempre existiu uma comissão de idosos. Antigamente tinha o presidente, o vice-presidente, tesoureiro. Era chamado de diretoria.

Qualquer pessoa com 55 anos de idade ou mais pode se inscrever no projeto, independentemente de se associar ao SESI, sendo avaliadas, através de entrevista com a agente de atividades sociais, suas necessidades e a disponibilidade de vagas:

*Na realidade ele não precisa ser usuário do SESI como beneficiário. A terceira idade, eles tem uma inscrição, tem uma matrícula que esta vinculada ao SESI. Ele não precisa ser sócio do SESI, mas a partir do momento que ele se inscreve como grupo de terceira idade, tem lá o arquivo do grupo da terceira idade do SESI, então eles estão vinculados ao SESI de alguma forma, mas eles não têm que contribuir em nada com o SESI. **Qual é o vínculo dessas pessoas, são aposentados da indústria?** Não. A comunidade em geral. Qualquer pessoa que tenha acima de 55 anos, ela pode participar do grupo, tendo vaga, ela tendo disponibilidade, podendo contribuir com esse valor simbólico. A maioria são mulheres, sozinhas, viúvas ou separadas, que moram sozinhas e tem uma renda de um salário mínimo, é o perfil do meu grupo. Muitas delas que começam a ter doenças psíquicas, como a depressão, a tristeza profunda, o médico do posto de saúde encaminha para o grupo. Quando a gente vê que ela não tem mesmo condição nenhuma para contribuir ela é aceita, principalmente quando vem indicação médica, a gente aceita como isenta. Ela não contribui, mas participa. Depois no fim ela melhora tanto que acaba achando um jeito de contribuir. A contribuição não é impedimento.*

As atividades oferecidas no CAS seguem as diretrizes da Gerência de Ação Social com sede em São Paulo e são acompanhadas pela agente de atividades sociais, que compõe a Comissão Gestora e é a responsável pelo acompanhamento dos idosos nos encontros semanais e pelo desenvolvimento das atividades oferecidas no Grupo Amizade na Terceira Idade:

O grupo da terceira idade é o Grupo Amizade na Terceira Idade e ele existe há 20 anos. Completou esse ano. Hoje estão cadastrados aproximadamente 250 idosos. Nós chamamos de grupo de convivência, eles se reúnem as segundas e quartas-feiras. É um grupo só, mas tem pessoas que vem só na segunda, outros só na quarta e gente que vem os dois dias. Mas a idéia agora, como a gente vai implantar o ISO, é regularizar algumas coisas e uma delas é isso: eu vou precisar dividir o grupo. Um grupo de convivência de segunda e um de quarta-feira, mas por enquanto esta assim. Então tem uma média de 100, 110 por reunião. E o que nós desenvolvemos aqui? Basicamente são dinâmicas de grupo que eu faço com eles. O objetivo principal do SESI é a melhoria da qualidade de vida do idoso, assistência para que ele tenha lazer e cultura nesse período que ele esta aqui.

Desenvolvo algumas oficinas: oficina da memória, oficina do saber, que a gente discute assuntos da atualidade. É livre, a pessoa escolhe e vem fazer. Não excedo três horas de tempo, no Grupo de Convivência a gente nunca excede três horas de tempo com eles, porque é muito cansativo e nessas três horas sempre tem um intervalo com um lanchinho. Nós incentivamos, principalmente estimulamos a parte artística deles. Tem muitos poetas aí adormecidos, gente que já foi ativo como artista e agora não faz mais nada ou gente que a vida inteira teve vontade de mostrar suas poesias, sempre escreveu, mas nunca consegui expor, declamar. Nós tínhamos o ano passado e eu vou reativar esse ano, uma oficina que trabalha a cultura mais especificamente. Estimulamos também as atividades com jogos de mesa e exercícios para ativar a memória deles, para resgatar a memória pessoal e estimular a memória cognitiva. Então é basicamente isso que acontece as segundas e quartas-feiras.

Nos 20 anos de funcionamento do projeto, completados em fevereiro de 2009, os participantes mantiveram a assiduidade nos encontros semanais, além das festas, eventos e passeios.

Perfil socioeconômico e educacional dos idosos do Grupo Amizade na Terceira Idade

Atualmente o Grupo Amizade na Terceira Idade é formado por aproximadamente 120 idosos. Os dados que apresentaremos a seguir correspondem às informações prestadas por 64 idosos cadastrados sendo:

- ° 54 mulheres (84,37%) e 10 homens (15,62%);
- ° com idade entre 60 e 91 anos, estando o maior número entre as mulheres e na faixa etária de mais de 76 anos:

Faixa etária	Mulher	%	Homens	%
60 a 65 anos	2	3,12	2	3,12
66 a 70 anos	12	18,75	0	0
71 a 75 anos	16	25	4	6,25
+ de 76 anos	24	37,5	4	6,25
Total	54	84,37	10	15,62

° A maioria das mulheres (37,5%) possui renda de 01 salário mínimo e um número significativo, também de mulheres, apresenta renda entre 03 e 04 salários mínimos (35,93%):

Aqui as rendas informadas são apenas as oficiais, provenientes de aposentadoria, pensão ou benefício de prestação continuada previsto na Lei Orgânica da Assistência Social.

Faixa salarial	Mulher	%	Homens	%
Sem renda	4	6,25	0	0
01 sal. Mínimo	24	37,5	2	3,12
01 a 02 sal. Mínimos	1	1,56	0	0
03 a 04 sal. Mínimos	23	35,93	4	6,25
04 a 05 sal. Mínimos	2	3,12	4	6,25
Total	54	84,36	10	15,62

° A maioria dos idosos (29,68%) não concluiu o antigo ensino básico. Destaca-se a presença de 1 homem e de 1 mulher que concluíram o ensino superior.

Escolaridade	Mulher	%	Homem	%
Sem escolaridade	2	3,12	0	0
1ª a 3ª série	19	29,68	2	3,12
4ª série	12	18,75	4	6,25
5ª a 8ª série	10	15,62	0	0
2ª grau completo	8	12,5	3	4,68
Superior completo	1	1,56	1	1,56
Não respondeu	2	3,12	0	0
Total	54	84,35	10	15,61

° Sendo o SESI uma unidade de serviço localizada próxima a área central, que atende a todo município, com acessibilidade via transporte público, muito facilitada, os idosos cadastrados no projeto residem em diversos bairros da cidade, não pertencendo exclusivamente aos bairros que circundam o local:

Bairro	Nº de pessoas	%
Bandeiras	2	3,12
Botafogo	1	1,56
Cambui	1	1,56
Campos Eliseos	3	4,68
Centro	1	1,56
Chapadão	2	3,12
Cidade Jardim	2	3,12
DIC I	1	1,56
DIC II	1	1,56
DIC VI	1	1,56
Esmeraldina	1	1,56
Guanabara	1	1,56
Ipaussurama	2	3,12
Itajai	1	1,56
Jardim do Lago	1	1,56
Jardim Garcia	3	4,68
Jardim Leonor	1	1,56
Jd Maria Eugenia	2	3,12
Joaquim Inacio	1	1,56
Macuco	1	1,56
Nova Europa	2	3,12
Orozimbo Maia	2	3,12
Ouro Verde	1	1,56
Parque Industrial	2	3,12
Parque Italia	1	1,56
Parque Universitário	1	1,56
Paulicéia	2	3,12
Perseu Leite de Barros	1	1,56
Pompéia	2	3,12
Santa Monica	2	3,12
São Bernardo	6	9,37
Taquaral	2	3,12
Trinta e Um de Março	1	1,56
Vila Horacio	1	1,56
Vila Industrial	3	4,68
Vila João Jorge	3	4,68
Vila Mingone	1	1,56
Vila Teixeira	1	1,56
Não respondeu	1	1,56
Total	64	100%

° O tempo de participação da maioria no projeto fica entre 6 e 10 anos (25%), e um numero significativo (21,87%), participa do projeto entre 11 e 15 anos.

Tempo de participação	Mulher	%	Homens	%
1 a 5 anos	8	12,5	5	7,81
6 a 10 anos	16	25	0	0
11 a 15 anos	14	21,87	1	1,56
16 a 19 anos	6	9,37	1	1,56
20 anos	10	15,62	3	4,68
Total	54	84,36	10	15,61

No próximo capítulo faremos a apresentação e análise dos dados de pesquisa coletados através das entrevistas gravadas com os profissionais e os idosos, que juntos formam as Comissões Gestoras responsáveis pela gestão das ações dos grupos para idosos de ambas as instituições aqui apresentadas, que visam o oferecimento de atividades que possibilitem a experiência de um envelhecimento ativo e saudável.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo irei transmitir ao leitor a riqueza das experiências que vivi ao observar as reuniões e atividades e ao entrevistar os idosos responsáveis pelo funcionamento de dois projetos de alta relevância para a população idosa do município de Campinas, sobretudo, enquanto fator de inclusão social.

Ao concluir que as Comissões Gestoras dos projetos para idosos do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia e do SESI Amoreiras, seriam o objeto de estudo desta pesquisa, iniciei o trabalho de aproximação daqueles que seriam os potenciais protagonistas que eu desejava encontrar atuando na comunidade.

A metodologia de História Oral, por meio da técnica do depoimento oral, foi a escolhida para esse projeto, por se tratar de uma pesquisa qualitativa desenvolvida com idosos da comunidade. A possibilidade de dar voz aos idosos, através de suas narrativas construídas nas entrevistas me chamou a atenção, pois é facilitadora da aproximação entre pesquisador e pesquisado, além de valorizar sua livre expressão a respeito do tema estudado.

Os colaboradores da pesquisa fazem parte da Comissão Gestora dos dois projetos e foram identificados através de contatos com os técnicos responsáveis e através da minha observação nas reuniões da Comissão, considerando aspectos como: o tempo de participação, o nível de envolvimento e a constituição de um quadro de informantes de no máximo 06 indivíduos, sendo 03 do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia e 03 do SESI Amoreiras, que deveria espelhar sempre que possível o universo a ser conhecido através das suas qualidades, isto é, pelas características sociológicas presentes: gênero, idade, nível educacional e inserção profissional no passado.

Assim uma maioria feminina definiu a escuta e gravação dos depoimentos de 04 mulheres, sendo 02 de cada projeto e 02 homens do SESI Amoreiras, pois a Comissão do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia é composta apenas por mulheres. As idades variaram de 58 a 83 anos.

Para melhor compreender a construção da autogestão dos idosos nos espaços pesquisados optamos por ouvir também os profissionais envolvidos com o atendimento dessa população nos dois locais de pesquisa. O conteúdo dessas entrevistas dialogará com os depoimentos dos idosos, para detectarmos: concordâncias, conflitos, demandas não respondidas e expectativas dos profissionais quanto a autogestão dos equipamentos pelos velhos da comunidade.

Os colaboradores foram esclarecidos sobre os objetivos e metodologia da pesquisa e concederam as entrevistas juntamente com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a fim de formalizar a obtenção dos relatos que foram concedidos ao pesquisador.

Foram construídos compromissos éticos de devolução dos resultados ao final da pesquisa, através de recursos audiovisuais ou por escrito.

Passarei a apresentar os dados obtidos através dos relatos dos colaboradores e a partir das observações das reuniões da Comissão Gestora. Posteriormente concluirei relacionando-os com os aportes teóricos que orientam a pesquisa e com os objetivos da mesma, a fim de verificar a existência de ações protagônicas de idosos na comunidade.

1. A construção de uma aproximação com o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia

O Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia foi o primeiro local a ser visitado, onde permaneci por cerca de 7 meses, após fazer o contato inicial com a coordenadora geral que, apresentou-me a Instituição, seus projetos e funcionamento e permitiu-me acompanhar as reuniões da Comissão Gestora e as atividades oferecidas para o Grupo da Amizade. Em seguida fui apresentada ao professor de educação física que acompanha o grupo há aproximadamente 8 anos e foi quem me inseriu nas reuniões.

Atualmente a Comissão Gestora do Grupo da Amizade é composta por 08 idosos, sendo todas mulheres, com idade entre 58 e 71 anos. A maioria participa há mais de 4 anos, sendo que a dona Elisa permanece desde 1999. Todas estão inseridas nas aulas de ginástica e uma delas freqüenta também as aulas de voleibol, além do envolvimento no planejamento e na execução das ações

voltadas para angariar fundos para realizar os passeios e outras ações de interesse do grupo, como os encontros intergeracionais com objetivo de integrar todos os freqüentadores do Centro Comunitário de diferentes idades e seus familiares.

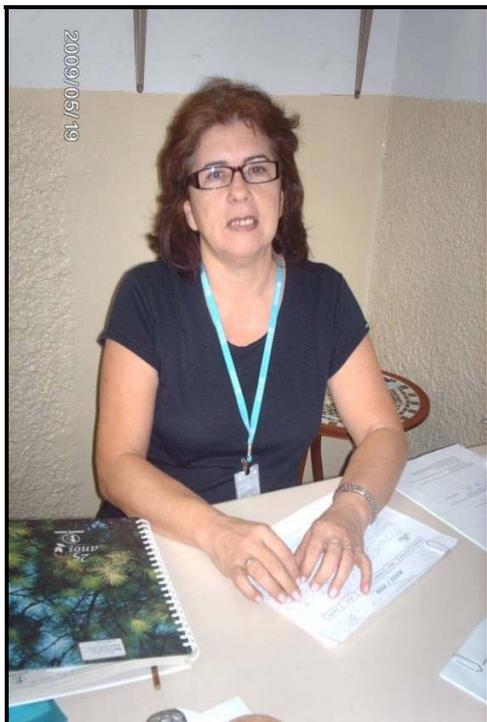
Antes de iniciarmos a apresentação dos dados obtidos através dos relatos, apresentaremos os portraits dos entrevistados, para que o leitor possa também conhecer os sujeitos e mergulhar ainda mais no universo pesquisado.

Quero informar ainda ao leitor, que não foi possível apresentar aqui a emoção vivida através da realização das entrevistas, sobretudo no momento das entrevistas com o diretor fundador e as idosas, pois a expressão, a emoção e os gestos fundidos nos relatos me fizeram compreender ainda mais a importância da memória como reconstrução do passado no presente e do ser humano como agente de sua própria história, protagonizada segundo sua visão de mundo e de vida.

Optamos por iniciar as entrevistas pelos profissionais e o diretor fundador, antes de entrevistarmos as idosas, a fim de conhecer melhor a Instituição onde se insere a Comissão Gestora do Grupo da Amizade.

A seguir apresentaremos os portraits dos entrevistados, que nos autorizaram a utilização de seus nomes completos, assim como de sua história nos projetos.

Nosso primeiro contato foi com a coordenadora geral da Instituição:



Maria Aparecida Siqueira Diniz

- *Idade: 53 anos*
- *Nascimento: 18/03/1956*
- *Local nascimento: Santa Rita de Jacutinga – Minas Gerais*
- *Estado Civil: Solteira*
- *Formação: Biblioteconomia e Documentação*
- *Coordenadora Geral do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia, desde 1999.*

Residindo em Campinas há 26 anos, Maria Aparecida se apaixonou pelo trabalho desenvolvido no chamado terceiro setor, constituído em boa parte por instituições socioassistenciais. Atribui esse encantamento também à sua família, que sempre esteve disposta a ajudar ao próximo, apoiados na crença de que o ser humano é capaz de se desenvolver. Investindo em seu aperfeiçoamento estudou Psicodrama Pedagógico, Literatura Infantil e Infanto-juvenil e Gestão do Terceiro Setor. Sua trajetória profissional no terceiro setor inclui estágio no Arquivo e Museu Frei Galvão em Guaratinguetá, a diretoria da APAE de Aparecida-SP, 11 anos na diretoria do Centro de Educação e Assessoria Popular - CEDAP, e como bibliotecária do Instituto dos Cegos de Campinas, todos estes trabalhos, como voluntária. Além da atuação na coordenação da Creche Mãe Cristina, do Centro Social Romília Maria e atualmente do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia, sempre foi militante na área da assistência social, tendo sido por duas vezes conselheira do Conselho Municipal de Assistência Social de Campinas, além de atuar nos anos de 1987 no Centro de Estudos e Formação Sindical – CEFS e no Instituto Cajamar - INCA nos anos de 1991. Em 1999 foi contratada pelo Centro

Comunitário do Jardim Santa Lucia e entre outros projetos implantou o programa para idosos, a partir da experiência que trouxe de outra instituição e da necessidade que percebeu nos idosos dessa comunidade, “as pessoas idosas viviam esquecidas, não havia o Estatuto do Idoso nem a preocupação em melhorar sua vivência familiar e comunitária”.

O segundo entrevistado foi o diretor fundador:



Eduardo Rodrigues Neves

- *Idade: 56 anos*
- *Nascimento: 25/10/1952*
- *Local nascimento: Apucarana - PR*
- *Estado civil: casado*
- *Escolaridade: ensino fundamental completo*
- *Diretor fundador do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia*

Eduardo Rodrigues Neves, hoje com 56 anos de idade, concluiu o ensino fundamental, é aposentado, casado, pai de três filhos, residente em Campinas desde 1973. Eduardo sempre atuou como protagonista de ações em sua comunidade, que segundo ele, nos anos de 1970 não contava com infra-estrutura básica como asfalto, água encanada, luz ou escolas e postos de saúde. Um homem de visão, preocupado com o bem estar das outras pessoas, principalmente das crianças e jovens que residiam no Jardim Santa Lucia na época e caminhavam, a maioria, para o tráfico e uso de drogas e inevitavelmente para a violência. Segundo ele, o bairro era extremamente violento, com várias mortes aos finais de semana quando duas gangues rivais se chocavam. Preocupado com o futuro das crianças e em poder contribuir com a melhora da qualidade de vida das pessoas que ali residiam, Eduardo atuou efetivamente na formação da Associação de Moradores de Bairro, da Igreja Católica, do Núcleo do Movimento do Partido dos Trabalhadores, entre outros envolvimento sempre em busca desse ideal.

O que nos chama muito atenção na figura do Eduardo é sua atuação tão jovem, pois se iniciou nas lutas pelas melhorias das condições de vida de sua comunidade apenas com 26 anos de idade.

Em seguida o professor de educação física:

Lucas Vieira dos Santos

- *Idade: 32 anos*
- *Nascimento: 20/08/1977*
- *Local nascimento: Campinas*
- *Estado civil: casado*
- *Escolaridade: Graduação em Educação Física*
- *Professor do Grupo da Amizade desde 2000*



O professor Lucas, desde os tempos da graduação, descobriu que gostaria de atuar com a população idosa. Ainda estagiário foi contratado pelo Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia em 2000. Sua motivação para as atividades físicas vem de família, do pai que foi jogador de futebol profissional e da mãe atleta. A paixão pelo trabalho com idosos surgiu da vontade de promover saúde. Jovem, já percebe nos idosos a necessidade de atendimento de suas demandas, sobretudo desta geração de idosos que não teve acesso à educação, cultura, esportes e lazer. Incentivador da Comissão Gestora, o professor Lucas acompanha o grupo de perto e atua como colaborador e intermediador nas reuniões da comissão, trabalhando questões que considera fundamentais ao idoso, tais como: desenvolvimento da autonomia, do senso crítico, da liberdade de expressão e da capacidade de organização, em prol de questões de interesses comuns.

E, por fim, as idosas da Comissão Gestora:



Elisa Cândida de Sousa Rodrigues

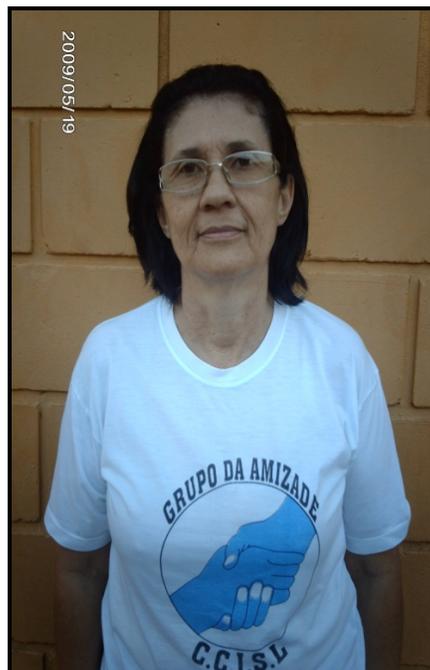
- *Idade: 63 anos*
- *Nascimento: 06/10/1946*
- *Local nascimento: Capetinga em Minas Gerais*
- *Escolaridade: ensino médio*
- *Estado civil: casada*
- *Participa do Grupo da Amizade desde sua criação em 1999.*

Dona Elisa nasceu na cidade de Capetinga em Minas Gerais, tendo se mudado para Penápoles e São Paulo, até chegar a Campinas, onde mora há 42 anos. Casada desde 1966 é mãe de três filhos. Desde criança trabalhou com o pai na mercearia da família: “meu pai criou a gente no balcão da mercearia”. Quando se casou o marido comprou um bar, com mercearia, onde dona Elisa continuou um trabalho que já lhe era familiar e que também era de seu gosto. Em 1999, após a venda do bar, dona Elisa se viu mais disponível para atuar na Comunidade, passando a colaborar com a organização do dízimo na Igreja Católica, nas reuniões no Posto de Saúde e também da coordenação do Baile da Felicidade dirigido para idosos, o qual é motivo de orgulho para ela, sobretudo pelos encaminhamentos que recebe, pois “quando ia ao médico e ele via que era depressão, falta de companhia, mandava no baile (risos). As consultas no posto diminuiram”. Nesse mesmo ano, em 1999, dona Elisa ingressou nas atividades do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia, a convite de uma amiga e assumiu com a assistente social, a primeira iniciativa de formação da comissão gestora, que por alguns anos ficou composta apenas por elas. Dona Elisa apresenta-se como uma mulher ativa que julga sua atuação na comunidade como uma forma de viver de maneira saudável, porque se assim não fosse “seria uma dona de casa, sem ação. E aqui eu participo, eu sei as atividades que corre ai o mundo, todo mundo conversa sobre o que está acontecendo e em casa eu só ia ver televisão, e fazer meu trabalho do dia a dia e eu acho que seria uma vida inútil, eu tenho que

preencher ela. Isso faz muito bem pra mim porque eu gosto de expor minhas idéias, escutar a dos outros e eu analiso e vejo o que é bom pra mim, o que não for bom eu já elimino! E acho que isso faz bem pra gente. Eu não gosto de ser só expectadora, eu gosto de participar!”.

Eurípedes da Silva Nunes

- *Idade: 58 anos*
- *Nascimento: 04/06/1950*
- *Local nascimento: Pontal em São Paulo*
- *Estado civil: casada*
- *Escolaridade: ensino médio*
- *Participa do Grupo da Amizade desde 2000.*



Dona Eurípedes, dona de casa, esposa e mãe de três filhos homens reside em Campinas desde 1979. Quando chegou ao bairro Santa Lucia este ainda estava sendo formado, então logo se veiculou à formação da Associação de Moradores do Bairro, no movimento do Partido dos Trabalhadores e na formação da Igreja Católica, atuando em prol de melhorias para o bairro.

Em 2000, após uma fase difícil, buscou o Centro Comunitário procurando se inserir em atividades que beneficiassem sua saúde física e emocional, quando então começou a participar das atividades do Grupo da Amizade. Sentindo necessidade de atuar na comunidade, como sempre fez, passou a integrar a Comissão Gestora do Grupo da Amizade e se encontra como uma das líderes desde 2005. Ao participar da Comissão, segundo ela: “eu me sinto importante! (risos). Sabe assim quando você se sente importante? Eu gosto de colaborar, eu sempre fui assim... é... falam que eu tenho perfil de líder, então... sei lá, eu me

sinto bem. Sempre fiz parte de alguma coisa, porque quando eu vim pra cá em 79 o bairro não tinha nada, não tinha asfalto, era tudo no começo, fazia parte da Associação de Moradores de Bairro, do núcleo do PT, então eu sempre estive envolvida nessas coisas assim. Eu conheço aqui, desde que era o Plimec, eu já participava, eu vinha fazer curso de artesanato”. Atualmente dona Eurípedes também pertence a diretoria do Centro Comunitário, atua na Igreja Católica e no Baile da Felicidade.

As descobertas através dos relatos: memórias que reconstroem o protagonismo dos idosos

Após a observação de algumas reuniões das Comissões Gestoras, das atividades desenvolvidas e da realização das entrevistas gravadas e transcritas iniciei o trabalho de apreciação e análise dos relatos, a fim de identificar temas que remetessem a existência de iniciativas de protagonismo entre os idosos da Comissão Gestora. Inicialmente encontrei dificuldades de visualizar essas iniciativas, pois pretendia encontrar o relato de ações pontuais, mas percebi que o conjunto dos relatos, todo seu conteúdo e a iniciativa dos idosos durante a realização das atividades eram a verdadeira ação protagônica acontecendo.

A criação de uma Comissão Gestora formada por profissionais e idosos do Grupo da Amizade

Já em 1999, ano em que se criou o projeto para idosos, considerou-se importante a formação de uma comissão gestora composta pelos profissionais e idosos interessados em participar do planejamento e execução das atividades do grupo. Desde então o projeto sempre foi acompanhado por um professor de educação física e uma assistente social, ambos contratados pela Instituição. Através dessa iniciativa de valorização da autonomia e das experiências pessoais, a comissão ao longo dos últimos 10 anos passou por reformulações, sendo constituída inicialmente apenas por dona Elisa e a assistente social.

Ah desde o primeiro grupo, eles acharam necessário fazer (a comissão), porque estava assim desorganizado, uns queriam vir

de uniforme, outros não. Eles queriam fazer o uniforme, precisava saber se todos concordavam. Depois falaram: a gente queria fazer uma festinha de aniversário, precisa contribuir, porque na época não tinha dinheiro. Então foi fundada a comissão, só que para essa comissão, ninguém se prontificou a entrar, então entramos eu e a coordenadora (risos). E assim ficou muitos anos. Ela (assistente social) explicou como era, pôs tudo na lousa, no salão lá no fundo, foi tudo bem bonitinho, só que na hora de entrar, entramos só eu e ela (risos). – dona Elisa

Em 2001 os profissionais propuseram ao grupo uma nova estrutura com necessidade de mais membros responsáveis pelas áreas de finanças, compras, uniforme e festas e eventos. Na ocasião novas pessoas se inseriram na comissão, porém ainda com dificuldades em relação a assumir responsabilidades, muitos permaneceram por pouco tempo e a comissão caminhou até 2005, com pouca representatividade de idosos.

A primeira comissão que elas formaram foi em 2001, foi idéia da assistente social, da Vera. Acho que foi ótimo porque nós tínhamos uns 25 alunos e apareceram pessoas que eram super dispostas a isso, pessoas que queriam trabalhar. Então falamos da idéia pra elas. (...) E aí elas começaram a decidir, só que tem uma coisa, naquele mesmo ano nós começamos a perder pessoas que eram da comissão, aí dos sete que tinha, muitos saíram e aí meio que deu uma desmoronada na comissão. Isso foi em 2001 mesmo, em outubro, setembro, no finalzinho. Aí em 2002 nós não tivemos comissão, passamos um tempo sem comissão. (...) Então pensei precisamos formar a comissão novamente, pra elas criarem independência porque, querendo ou não, na idade delas, elas ficam meio dependentes, de certa forma. Eu queria autonomia, que fosse um grupo autônomo: hoje, se elas chegarem aqui, elas resolvem, se não estivermos, elas fazem a reunião. Só que era assim, em 2004 não tinha gente pra participar, eles não queriam, então a gente começou com três com quatro e aí nós trabalhamos essa questão com eles. Professor Lucas

Dona Elisa apresenta em sua fala, as dificuldades encontradas no início do trabalho de formação da comissão:

Aí ele (o professor) falou: nós precisamos fazer outra comissão. Aí reuniu a turma toda. Aí teve que explicar que isso aí é um compromisso, mas não é um compromisso de morte. Basta você ser fiel àquilo que você falou. Você pegou aquela parte de camiseta, você tem que fazer aquela parte. Ninguém vai buscar você lá na tua casa pra você vim aqui mostrar o seu serviço. Eu

falei: Gente! Participar da comissão não é morte! Até hoje elas pensam assim.

Dona Eurípedes nos confirma em seu relato as primeiras iniciativas da comissão:

Só ela (Dona Elisa) é que recolhia, o pessoal fazia só ginástica. Até muito tempo atrás a gente ainda não fazia essa festinha, não fazia nada para arrecadar fundos também. Então era só a caixinha que ela recebia e ela e o Lucas que cuidavam.

Em 2005, Dona Elisa adoece, e novamente os profissionais investem na formação de uma comissão mais atuante e engajada no planejamento das ações do grupo, o que acaba tendo bons resultados e permanece até hoje com oito membros efetivos, mobilizados e envolvidos no desenvolvimento do projeto.

Dona Eurípedes, consultando seus dados registrados numa agenda, diz:

Eu não sei, eu tenho uma data aqui, 25 de fevereiro de 2005, foi uma reunião da comissão. Nesse dia, eu acho que foi aqui o começo. Porque aqui fala, olha, separou as pessoas por, por exemplo, na parte financeira: Eurípedes, visita: a Enesita. Então eu acho que foi aqui a primeira vez.

A proposta de trabalho dos profissionais envolvidos no projeto sempre esteve pautada na valorização da autonomia dos idosos na Comissão Gestora, de sua capacidade de tomar decisões pertinentes às expectativas individuais e coletivas, considerando, sobretudo, que sendo eles os maiores conhecedores de suas necessidades, seriam também os mais adequados para representar sua categoria.

Uma coisa que eu vejo nelas e acho que faz o diferencial desse grupo, é que elas são fortíssimas. (...) Porque elas são pessoas experientes, pessoas vividas, algumas tem histórias terríveis. O diferencial é a voz que a gente dá pra elas, a questão de você ouvir, a questão do abraço, do acolhimento que é feito com elas. A idéia foi para que elas tivessem mais autonomia e pudessem participar mais, para que elas, de certa forma, tomassem conta do grupo que é delas mesmas. Então a necessidade era essa, e ainda é, para que elas tivessem autonomia, organizassem os próprios eventos, não sozinhas, mas com nossa ajuda também. Mas para não ficar na dependência, se faltasse a assistente social ou o professor. Eu sempre ressalto pra elas que o grupo são elas,

que a assistente social ou o professor é só um colaborador. Essa é uma coisa que foi lançada a idéia, brotou e ainda está brotando, porque tem muita coisa ainda para elas se desenvolverem nessa questão de participação, mas eu acho que está no caminho certo. Elas conseguem hoje, de certa forma, organizar as atividades, não sozinhas ainda, mas esse é o objetivo, pelo menos o meu é esse: que elas cheguem aqui e discutam quais são as necessidades e o que precisa ser feito. É uma troca ser parceiro do idoso para garantir um planejamento que atenda às necessidades deles.
Professor Lucas

Nesse processo de formação da Comissão não apenas quanto as questões estruturais, mas também de sua filosofia e objetivos, observamos que os interesses do Centro Comunitário, representados por seus profissionais, quanto ao envolvimento dos idosos, foi compreendido pelas pessoas que compõem a Comissão, sobretudo pela dona Elisa e dona Eurípedes que reconhecem seu papel político e a importância da parceria entre idosos e profissionais com objetivos únicos de melhorar a qualidade dos serviços oferecidos aos participantes do Grupo da Amizade.

Como já citamos anteriormente, a Comissão surge do entendimento dos profissionais em dar voz ao grupo de idosos que estava sendo atendido pela Instituição. Vistos como os maiores conhecedores de suas necessidades, os idosos seriam os maiores parceiros na construção do projeto.

Eles quiseram que a gente participasse, porque quem conhece o grupo em si somos nós, então eles acharam que eles podem ajudar com as idéias que eles tem, mas que tem que partir de nós porque a gente é que sabe o que o grupo precisa. Ela (assistente social) falou: Isso ai eu organizo sozinha mais vocês organizando o valor se torna outro. E eu achei que tá certo, porque quem conhece o grupo é a gente, os gostos nossos somos nós que sabemos por que você conhece o grupo todo, o que eles querem. E muitas coisas que eles quiseram fazer eu falei: Não adianta, não adianta porque não vai fluir, não virou em nada. Mesmo esse encontro de 6º feira, eu falei não vai virar porque elas, tudo que tem que fazer, tem que ser dentro do horário de ginástica, então se queria fazer um encontro tem que tirar a ginástica, porque na hora da ginástica elas vem, passou daquela hora elas não vem, isso é uma coisa desse grupo não tem jeito. Você programa uma viagem, tem que ser que dia? No dia da ginástica. Eu penso que elas já programaram aquele dia, o dia da ginástica, então o filho já sabe, ela não programa médico. – dona Elisa

Abaixo podemos confirmar ainda mais a consciência dos idosos de que são peças fundamentais no planejamento do que se espera oferecer ao grupo, levando em consideração características pessoais e experiência de vida como um dos requisitos que garantem a qualidade do serviço.

Eles são mais jovens e a gente já tem a nossa idéia feita né, então por isso acho que é importante participar dessa reunião, dessa comissão pra dar as nossas idéias e sempre tem dado certo. A gente já tem mais idade e é o nosso grupo, então participar eu acho muito importante, dar idéias, porque a gente sempre dá idéias e sempre acatam nossas idéias porque a gente tá por dentro do que a gente quer, do que a gente gosta mais. Quem sabe somos nós. Eles trazem as idéias e a gente concorda ou não e eu acho que a nossa comissão tem dado muito certo porque eles sempre atendem as nossas idéias. Eu acho que é também uma forma da gente contribuir com eles pro grupo ir mais pra frente, porque as coisas ficam mais organizadas. A gente, reunindo em menos pessoas é mais fácil de decidir e trazer as idéias para os outros, porque todo mundo junto fica mais difícil. - dona Eurípedes

É importante porque eu acho que quando não tem isso fica aquela coisa muito separada. Um manda e o outro obedece. Não sei se to sabendo explicar direito. E eu acho que para você trabalhar assim, com trabalhos sociais, tem que ter a convivência entre funcionário e aquele que está participando, a socialização, aquela troca. Você vê na dança de salão as meninas da cozinha estão indo. E é legal sabe? Eu já vejo elas com outros olhos, eu via diferente. Da mesma forma isso, se tem o grupo, mas não tem uma representação, parece que fica uma coisa distante. De repente quando você está junto você vê a pessoa com outros olhos, porque você está junto naquela troca do dia-a-dia. A coisa começa a caminhar melhor. Antes eu achava que era uma coisa meio superficial, muito solto. Eu acho super importante. Eu acho que quem não tem isso devia pensar em ter, pelo menos tentar para ver como que a coisa vai caminhar melhor. – dona Elisa

E para o Centro Comunitário o fato de idosos comporem uma Comissão Gestora juntamente com os profissionais faz parte da concretização da filosofia da Instituição que acredita na força e no potencial da comunidade.

Eu acho que faz toda a diferença, o projeto ele é mais consistente, ele agrada, ele tem a alegria, satisfação, prazer de participar, você sente que a comunidade passa a fazer parte, a conhecer aquele projeto, a querer fazer parte dele. A Instituição, os profissionais, eles ficam muito mais próximo do desejo do usuário, do que do contrário. Você erra menos! (risos) A chance de errar é muito

menor. É uma experiência que dá certo e é positiva. Eu tô cada dia mais convencida disso, de pra cada projeto que se faz, você trazer os participantes e a comunidade junto é a chave do sucesso. É uma parceria que acaba dando mais garantias no atendimento dos objetivos porque tudo melhora, a participação melhora, a qualidade da participação melhora, o desejo de outras pessoas estarem no projeto. – Coordenadora Maria Aparecida

O funcionamento da Comissão Gestora: buscando decisões democráticas

A Comissão Gestora se reúne mensalmente ou conforme necessidade, na sede do Centro Comunitário, através de um encontro que tem duração média de 3 horas.

Na primeira reunião que participei, fui extremamente bem recebida pelas idosas, acolhida como uma jovem que estava estudando e por isso deveria receber as contribuições desse grupo, já que consideram ser o estudo algo fundamental para a vida. Após minha apresentação pessoal, informei-as sobre os objetivos da pesquisa e que gostaria de acompanhar as reuniões e mais tarde entrevistar algumas senhoras. Prontamente aceita, iniciei a observação das reuniões que se mostraram extremamente ricas em discussões, apresentação de propostas e tentativas de solução.

O nível de organização das reuniões ficou muito evidente quando observei que, não apenas em meu primeiro dia, mas em todas as reuniões em que estive presente, as idosas e o profissional, mantiveram uma estrutura clara de funcionamento se dando através do:

- a) Início da reunião no horário estabelecido;
- b) Acolhimento inicial com afetividade e companheirismo, ou seja, nos primeiros minutos as pessoas se cumprimentavam e perguntavam sobre o bem-estar uns dos outros;
- c) Informação e elaboração da pauta de discussão pelos membros (profissionais e idosos);
- d) Cumprimento das discussões dos itens da pauta e encaminhamentos para divisão das tarefas;
- e) Agendamento de nova reunião e estabelecimento da pré-pauta.

A Comissão Gestora tem por função discutir, planejar e avaliar ações que envolvem o Grupo da Amizade e conta com a presença do professor de educação física, da assistente social e das idosas. Os assuntos a serem discutidos podem ser trazidos por todos os membros, em geral os profissionais apresentam a pauta e verificam se há assuntos novos a serem inseridos, sempre em uma postura de facilitadores e intermediadores. Os profissionais coordenam a reunião incentivando para que as discussões e as deliberações sejam realizadas pelas idosas de maneira democrática, respeitando suas experiências pessoais.



Foto de uma reunião da comissão: 2009, arquivo da pesquisadora.

Quanto a formação da Comissão não há eleição de membros, as pessoas interessadas em colaborar podem ingressar a qualquer momento, o que exige dos profissionais e dos idosos da Comissão, um acompanhamento das necessidades de aumento do número de membros e desta divulgação para os participantes do Grupo da Amizade.

É aberto pra quem quiser. Nós propomos cargos, por exemplo, a Eurípedes e a Elisa são do financeiro e cuidam da caixinha. A Anita, Alzira faz parte da comissão de visitas, que é quando as pessoas estão faltando, eu falo pra eles que tem que visitar. Tem outra que é a comissão de festas, elas organizam tudo da festa. Elas convocam as pessoas, falam: Vai ter a festa e precisamos da

ajuda de vocês. Então eles colaboram, limpam o salão pro baile, elas agem assim dessa forma. - Professor Lucas.

A divisão de responsabilidades tem como base as áreas de finanças, organização de festas, visitas e compras. Em geral dois idosos se responsabilizam por cada área e todos colaboram na execução das ações como a organização das festas e outras necessidades.

Aqui é a comissão, a gente tem a festa, aí eu tenho que correr atrás do pessoal para ajudar na cozinha, para estar participando com as doações, eu é que geralmente organizo isso, eu já tentei passar assim um pouco isso, não sei se é uma dificuldade minha, porque sou meio autoritária, na linha de liderança quero mandar em todo mundo. Mas já tentei, mas tem gente que não gosta mesmo, tem gente que quer ficar na boa. Então eu faço isso aqui, quando tem festa a gente vende salgado, trabalho no dia, e tem os passeios também. Na época do passeio a gente vê aonde vai, escolhe o lugar. Temos pessoas para organizar as festas, no dia dos aniversários comprar presentes, a visita é para estar convidando o grupo para estar visitando, o financeiro pode estar recebendo, organizando a caixinha. – dona Eurípedes.

Durante as reuniões, observamos que os idosos se mostraram atuantes, decididos, avaliando os detalhes, discutindo os assuntos e não deixaram de contemplar a discussão de toda a pauta. A fala e a expressão eram facilitadas e os idosos utilizavam sua experiência de vida ao decidirem sobre assuntos que já vivenciaram, colaborando no levantamento das necessidades.

O clima da primeira reunião observada estava muito alegre e agradável, pois se tratava da primeira reunião do ano. Os idosos se encontraram em uma sala pequena de reuniões, apenas com cadeiras. A maioria deles portava caderno de anotações e caneta e se posicionavam na reunião através de opiniões e sugestões.

Em vários momentos a comissão mostra seu papel de representante dos idosos, como por exemplo: “eles não gostam que sejam feitos eventos nos dias de aula”, “eles gostam de palestras, não vão vir em evento só pra comer”, “eles querem passear e exigem que tenha piscina”. (Diário de Campo, 2009)

A assistente social convidou a comissão para participar de uma festa junina no dia 14/06, para qual o grupo foi convidado para vender bolos. Discutiram e decidiram por participar, considerando que: “como é muito longe, quem for participar vai ter que ficar a festa toda”, “é melhor arrecadar o dinheiro com o grupo e fazer os

bolos porque pedir para eles trazerem não vai dar certo”, “festa junina o bolo é de fubá!”, “precisamos saber exatamente o que eles querem (os organizadores)”. (Diário de Campo, 2009)

A atual maciça presença das mulheres na Comissão Gestora reforça a questão da participação social feminina, de engajamento nos interesses da comunidade à qual pertencem e na busca de ações individuais e/ou coletivas que promovam melhoria na qualidade de vida. Mostram-se atuantes nas sugestões e decisões, apresentam motivação e interesse em participar como membros da comissão e entendem que possuem poder de decisão.

Encerrando a reunião a comissão solicita uma sala de reuniões mais adequada e a lista atualizada dos idosos inscritos nas atividades, pois justificam que algumas pessoas não estão participando e acabam segurando a vaga de outros: “Isso não pode: ficar segurando a vaga!”. Então citaram vários nomes e possíveis motivos da não participação. O professor reforçou sobre a questão das visitas aos afastados, sendo este um papel da comissão que colabora assim com o controle das vagas, que é de 60. (Diário de Campo, 2009)

A pauta das reuniões em geral diz respeito ao planejamento dos eventos que acontecem no próprio Centro Comunitário ou a partir de convites de terceiros, além da definição dos passeios culturais e de lazer a serem realizados no ano. A Comissão, entendendo que seria importante para o grupo, decidiu que haveria sempre dois passeios no ano, sendo o primeiro de caráter cultural, onde visitariam museus, exposições e o outro com objetivo de lazer e recreação.

Bom, o passeio é o seguinte: todos já sabem que tem dois passeios por ano, tem o passeio no começo do ano e o passeio do final do ano. A comissão decidiu que o primeiro ia sempre ser um passeio cultural. A maioria do pessoal não gosta desse passeio, não gosta de visitar museu essas coisas assim. Não é que não gosta, depois chega lá acaba gostando. O museu da moeda lá em São Paulo o pessoal adorou. Se fosse perguntar pro grupo antes, a maioria não iria, porque ia falar: Ai que coisa chata! A comissão decidiu, foi a maioria e todo mundo adorou o passeio. Então você entendeu porque as vezes é melhor decidi? Então você chega e fala: Vai ser o passeio dia tal, a comissão decidiu, a gente já viu o lugar. Porque a gente vai lá no lugar para ver. Agora a gente decidiu que não vai mais, porque quando a gente vai, a gente vê de uma forma, observa e é uma coisa. Eles falam vai ter isso, vai

ter aquilo e no dia não é aquilo, aí só reclamação, então agora a gente decidiu que não vai conhecer o local mais, a gente vai ver pelo folder, pela internet. Ninguém vai ficar mais responsável. Mas tem que ser mais ou menos assim o passeio senão dá confusão. O passeio do final do ano pode ser mais longe e é mais caro.

Observamos que há claras evidências de que a Comissão Gestora é a grande responsável pelo funcionamento do Grupo da Amizade, sobretudo nas atividades que não envolvem as aulas de ginástica e de voleibol, por serem essas oferecidas e ministradas pelos profissionais do Centro Comunitário. Toda a organização logística dos demais eventos é realizada graças aos esforços dos membros da Comissão, como podemos notar no relato do professor Lucas.

Elas participam de tudo. Eu e a Laís somos responsáveis por algumas coisas tipo colaborar com o levantamento da pauta da reunião, a Laís cuida da parte de contatos para patrocínio e outras coisas, eu também faço algumas compras pra elas. No dia elas vem e preparam tudo. Você quer um exemplo do nosso baile? Elas vem aqui pra lavar a quadra, elas vem pra enfeitar, elas vem fazer os salgados que vão ser vendidos, a Eurípedes cuida disso, ela é salgadeira então ela convoca o pessoal: Oh pessoal eu quero tantas pessoas aqui pra fazer o salgado, tal hora é pra fazer o recheio, tal hora pra embrulhar e na hora da festa!

Quanto à questão da democracia nas discussões da Comissão, notamos que a postura dos profissionais sempre foi o de facilitadores e de apoio as decisões dos idosos. Entendemos que os profissionais vêm nos idosos uma parceria que garante a qualidade dos serviços prestados assim como maior satisfação dos idosos inscritos.

Com relação a democracia estendida ao Grupo da Amizade, a Comissão entende que sempre é possível e necessário consultar o grupo sobre diferentes assuntos, porém julgam ser algo que precisa ser melhor trabalhado, pois a comunicação com os cerca de 60 idosos, é considerada como uma das dificuldades da Comissão.

O Lucas sempre deixa a gente decidir as coisas, ele traz o folder de um passeio e é a gente que escolhe, ele não impõe. – dona Elisa

Eu acho que é uma coisa bem democrática. Você precisa. Como fala? Não pode deixar tanto na democracia assim, precisa direcionar, porque são pessoas muito... é muita gente, então as vezes fica indeciso, então se você vai ouvir todo mundo, ai fica assim: Oh eu nesse dia eu tenho médico! Eu nesse dia tenho compromisso, eu vou cuidar das minhas netas! Nesse dia não dá! Você entendeu o que eu quis dizer? Então tem vez que você precisa direcionar a coisa pra chegar lá. Na medida do possível, conversar, a gente ouve a opinião, por exemplo, tem vez que precisa decidir, como dessa vez, se vai participar da festa ou não. Então a gente pergunta, tem vez que não. Como agora, que está precisando de dinheiro: O caixinha está zerado, então a gente já decidiu que vai fazer a festa. – dona Eurípedes

As dificuldades e as conquistas no trabalho da Comissão Gestora

As maiores dificuldades relatadas pelos membros da Comissão dizem respeito a baixa participação dos idosos do grupo na organização das ações, ficando a maioria das responsabilidades por conta apenas dos membros da Comissão. Outro dificultador está relacionado às falhas na comunicação, pois encontram barreiras como: dispersão, desatenção, conversas paralelas quando necessitam transmitir informações ao grupo, como podemos perceber nas falas registradas no diário de campo de uma das reuniões.

É difícil também a colaboração porque as vezes a gente faz festa para arrecadar fundos para o nosso caixa e a colaboração é muito difícil, ninguém quer saber de trabalhar. A caixinha, também a gente tem alguma dificuldade, mas depois tudo acaba bem, dá tudo certo, eles acabam concordando.

Ah é a mesma coisa que ela disse sobre a convocação, quando a gente vai fazer festa, para os trabalhos, para ajudar. É difícil, difícil, marcar um dia: Ah esse dia eu não posso. É muito difícil prá que as pessoas venham trabalhar no dia certo, no horário.

Eles reclamam. Só que eles não querem participar, a gente fala que está aberto, pode vir participar, mas eles não querem. Mas na hora de criticar... todo mundo critica. Por que não vêm participar também, dar sua idéia, colaborar não é?

Na visão dos profissionais, como a coordenadora Maria Aparecida, são percebidas as mesmas dificuldades observadas pela Comissão quanto ao envolvimento de outros idosos do grupo na execução das ações. Acredita que existe algum tipo de colaboração, porém pouco expressiva, e que muitas vezes

não atende às necessidades da Comissão. Avalia também que há necessidade de um trabalho da equipe técnica de mobilização e conscientização de todo o grupo, para que a participação de todos seja mais efetiva.

Eles colaboram assim: é pra trazer um refrigerante: eu trago. É pra trazer um bolo: eu trago. É pra pagar dez reais: eu pago. Isso eles fazem, mas sem por a mão na massa. Está melhorando isso, graças a Deus! Agora os homens, quando tem um evento, um churrasquinho, já se propõem a fazer, viu que é legal, que dá certo. (...) Isso eu acredito que é uma proposta em construção, que talvez agora, com essa aproximação dos técnicos, do Serviço Social, isso melhore. Eu acho que falta assim: talvez seja um erro da própria Instituição, por ter muitos projetos, tinham poucos assistentes sociais prá trabalhar em vários projetos. Nós não demos a dedicação pra esse fator, um acompanhamento mais de perto. Agora porque tem um profissional pra cada projeto eu acredito que possa se trabalhar mais isso no grupo. Porque essas coisas acontecem, mas precisam ser faladas, precisam ser discutidas, talvez não foi o tempo necessário. Faz-se as avaliações, se faz as reclamações e fica por isso mesmo. Ai quando tem outro evento, repete-se a mesma coisa.

O professor Lucas, além de relacionar as mesmas dificuldades quanto ao envolvimento do grupo, lembra de necessidades estruturais, como uma sala de reuniões mais adequada e do investimento em capacitação para os membros e propõe também um aumento do número de participantes da Comissão Gestora.

Espaço físico a gente não tem, não tem um local adequado. A gente se reúne aqui e quando dá no salão. Outra dificuldade é que falta uma capacitação na questão de liderança, eu estou procurando um pessoal que venha vir fazer um trabalho, uma capacitação sobre liderança. Eu acho que elas têm vontade, tem até o dom, mas falta. Eu procuro trazer alguns textos, mas preciso de uma pessoa com experiência nessa parte. Acho que a dificuldade também é que precisamos de mais pessoas participando, pelo menos umas três ou quatro pessoas.

Outra dificuldade apontada diz respeito a própria atuação da Comissão, que não conta com o apoio sistemático de todos seus membros nas discussões e na execução das tarefas, sobrecarregando seus pares.

É como eu te falei, tem gente que não tem jeito pra coisa, eu vejo, nessa comissão. Mas tem a boa vontade, ta vindo, ta ali, foi chamado, aceitou, mas não tem aquela participação, parece que não ta entrosado como se fizesse parte da comissão. Na reunião a

pessoa está lá, as vezes fala uma coisa ou outra mas lá dentro não. O ideal seria que todos da comissão tivesse esse papel, que soubesse se impor, soubesse conversar com as pessoas, ter responsabilidade, não deixar só alguns ficar decidindo. Ficaria mais fácil. Não dá, por exemplo, eu podia chegar e falar eu fico com essa parte, você fica qual parte? Mas não dá. Também eu não posso falar! Porque como que eu vou falar? Como que você vai trocar de pessoa na comissão? Uma que nem todos gostam de participar, você tem que vim em reunião, tem responsabilidade! Então nem todos gostam, a minoria gosta. Então você não tem opção e aí você teria que mudar isso, mas a pessoa não muda, se você não tem perfil para determinada coisa não adianta! – dona Eurípedes.

Em 2009, o Grupo da Amizade completou dez anos de existência e aproximadamente quatro anos da atuação desta Comissão Gestora, em um formato metodologicamente mais organizado quanto a divisão de tarefas, exposição de idéias e número de participantes. As conquistas, ao longo dos anos, foram consideradas pela comissão como avanços, sobretudo pela possibilidade de organização logística das ações e da interação nas discussões, planejamento e avaliação.

Ah, tem as festas! Porque antes de ter a comissão não tinha, a gente não fazia festa. Então depois que fizemos a comissão tem mais possibilidade da gente organizar a festa pra arrecadar dinheiro, então é uma coisa que a gente mesmo organiza tudo.

Ah de bom é a nossa união, a do grupo, graças a Deus nós estamos todos bem. (Caderno de campo, reunião da comissão, 2009)

Professor Lucas observa que as idosas, nos últimos anos, amadureceram como representantes do grupo, compreendendo cada vez mais sua atuação nas proposituras e decisões, o que vem de encontro com os objetivos iniciais de formação da Comissão Gestora.

Elas começaram a colocar mais as coisas, o que queriam fazer ou o que pretendiam. Antes a gente trazia a idéia e elas concordavam e pronto. Hoje não, elas já perguntam se pode fazer isso, pode fazer aquilo. Ainda precisa melhorar muito, mas nesse ponto nós crescemos, elas já se colocam, dão opinião realmente: “Mas isso é bom, quanto vai custar?” Essa comunicação delas com o grupo melhorou também.

Para a coordenadora Maria Aparecida os maiores avanços do grupo são o desenvolvimento da autonomia e o reconhecimento pela comunidade e pelo município de Campinas, de maneira geral, do trabalho desenvolvido no projeto.

Eu vejo realmente a autonomia, a confiança que eles têm, o grau de satisfação, a apropriação sim do projeto. Acho que é um projeto que caminha, o projeto cresceu, acho que teve um crescimento, tanto de participação quanto na qualidade das atividades. (...) Eu acredito que hoje o projeto conseguiu ser referência em Campinas. Quando se fala de terceira idade em Campinas, lembra-se do Centro Comunitário Santa Lucia, eles são até paparicados. Tipo assim: vai ter ônibus, o Santa Lucia quer ir? Reserva um ônibus pra eles. Vai ter um desfile de 7 de setembro, vocês vão? A gente já tem um ônibus! Então acho que isso se deve a isso, a esses dez anos. (...) O fato deles terem a camiseta, gostarem de sair com a camiseta, de escolher o nome do grupo, de escolher o desenho, tudo isso é deles, eles que opinam, que pagam, que bancam. Então isso fortalece o grupo, eu acho assim que o grupo é muito forte, ele é forte na comunidade, ele é forte dentro do Centro Comunitário e no município.

Também ressalta como um avanço a postura ética, consciente e cidadã que o grupo e a comissão construíram ao longo do tempo e que reafirmam nas decisões de participação ou não em certos eventos para os quais são convidados:

Quando eles são convidados pra algumas questões políticas no município, eles avaliam que eles não vão. Ah vamos fazer um abraço na catedral? Mas tinha um intuito político partidário. Eles não foram! Isso eu acho legal deles. Deles saberem avaliar. Ah vai ter uma camiseta, ah não vou usar essa camiseta! E nem por isso o grupo deixa de ser convidado. É uma postura ética, que também acho que é importante, é um crescimento do grupo.

Para dona Eurípedes a maior conquista se relaciona ao nível de envolvimento pessoal que cada um alcançou ao ingressar na Comissão e ao assumir um compromisso de parceria com o Centro Comunitário, o que segundo ela aproximou mais os envolvidos estreitando os laços que são considerados importantes para o bom andamento do projeto além de melhorar a programação oferecida.

Parece que antes era uma coisa meio solta, parece que não tinha muita responsabilidade com o grupo, eu sinto isso, por mim. Eu mesma me sentia assim, parece que eu vinha, mas não tinha

aquele compromisso com o grupo, com o que você se propôs a fazer. Depois que formou a comissão melhorou até as pessoas que não são da comissão, ficou todo mundo mais envolvido, parece que realmente se tornou um grupo aqui, sabe? Mudou a coisa. Não sei nem se só sou eu que sentia isso, mas eu acho que não, acho que depois da comissão deu uma, uma, sei lá parece que todo mundo ficou comprometido com a coisa, com o grupo. Melhorou, assim os passeios, antes era um por ano, agora a gente faz mais, as vezes até três vezes por ano, duas vezes. Melhorou sim. Parece que todo mundo tem mais interesse, tá mais envolvido, mais exigente, não quer repetir lugar sabe? Esta aumentando as atividades, agora tem a dança de salão, tem a informática, era uma atividade que não tinha antes, agora esta tendo. Agora toda a 6 feira, com essa mudança intergeracional, toda 6 feira vai ter atividades também a tarde. A gente tá conversando agora o que vai ter: filme, pensando em bingo, estamos pensando.

Interesse pessoal em ser membro da Comissão Gestora: posição social e benefícios

As entrevistas revelaram que a participação na Comissão é motivada pelo histórico de envolvimento em ações da comunidade, tanto a dona Eurípedes quanto a dona Elisa são mulheres que acompanharam as transformações sociais ocorridas no Jardim Santa Lucia ao longo dos últimos 30 anos, participando inclusive de movimentos sociais como a Associação de Moradores do Bairro, do Conselho Municipal de Saúde, de projetos do Posto de Saúde e de ações da Igreja Católica. E atualmente continuam envolvidas em diversos espaços com a mesma característica de luta comunitária, afirmando uma postura protagônica e de participação social.

Sou dona de casa, sou coordenadora do dizimo, sou coordenadora de um baile da felicidade que é na Igreja com o Posto, visando saúde. Os velhinhos iam muito ao posto pra medir pressão, então eles se reuniram com a dona Gil e a coordenadora do Posto pra ver se eles iam lá e deixavam de ir ao posto, porque as vezes iam lá só conversar, pegava uma consulta só pra conversar com o médico, queriam uma atenção. (...) É de 4º feira das 2 as 5 horas, na Igreja Nossa Senhora da Libertação aqui no bairro mesmo. Eu tenho 3 sanfoneiros, e esta numa média de 115 pessoas participando, paga 2 reais porque a gente compra copo, água.(...)Existe o baile há 4 anos. (...) Porque ficou assim, quando ia no médico e ele via que era depressão, falta de companhia:

mandava no baile! (risos). As consultas no posto diminuíram. – dona Eliza

Sempre fiz parte de alguma coisa, porque quando eu vim pra cá em 79 o bairro não tinha nada, não tinha asfalto, era tudo no começo, fazia parte da associação de moradores de bairro, do núcleo do PT, então eu sempre estive envolvida nessas coisas assim. Eu conheço aqui desde que era o Plimec, eu já participava, eu vinha fazer curso de artesanato. – dona Eurípedes

Quanto as características pessoais que motivaram a participação, observamos que as idosas disponibilizam suas habilidades e preferências que, ao longo da vida, foram sendo construídas através da convivência familiar e social, e que nesse momento podem se beneficiar delas como meio para a manutenção de sua inserção social e do exercício da cidadania.

Eu me envolvi na parte de dinheiro, mas é porque meu pai me criou trabalhando no balcão da mercearia, então eu tenho pratica de caixa, então meu trabalho é todo envolvido nisso. No baile que eu tomo conta eu também sou do caixa. Mas isso faz muito bem pra mim porque eu sou do povo, eu gosto de estar participando em tudo, tudo que tem eu participo. Isso faz muito bem pra mim porque eu gosto de expor minhas idéias, escutar a dos outros e eu analiso e vejo o que é bom pra mim, o que não for bom eu já elimino. E acho que isso faz bem pra gente, a gente ficar fechado só vim aqui escutar... Eu não gosto de ser só expectadora eu gosto de participar! – dona Eliza

Bom, eu sempre gostei de participar dessas coisas, quando eu participava ativamente da comunidade, eu sempre era de equipe, ou era de finanças, eu sempre estava metida em alguma equipe, então é uma coisa minha, que eu gosto mesmo. – dona Eurípedes

Os benefícios pessoais alcançados pelas idosas também foram relatados durante as entrevistas, afirmando ainda mais o nível de satisfação em se sentirem úteis e engajadas socialmente, encontrando na Comissão e no Grupo a possibilidade de, não apenas serem atendidas em suas necessidades de saúde física, mas, sobretudo emocionais melhorando sua qualidade de vida e possibilitando um processo de envelhecimento ativo e saudável.

Ah encontrei sim, é uma coisa que você, que a gente nem percebe, só assim quando pára para pensar na coisa, que nem agora que a gente ta falando sobre isso, então você vai ver o quanto foi bom, o quanto foi importante, porque você acaba conhecendo outras pessoas e o fato de estar fazendo exercício que é uma coisa boa e também a vivência com outras pessoas. No

caso a psicóloga, ela indicou para isso, para a gente estar em grupo, convivendo com outras pessoas. Eu não me lembro muito bem quando eu comecei a me sentir outra, porque a coisa vai indo e você não percebe, mas o pessoal até estranhou porque eu era muito fechada, mas eu não sou assim. Eu sou assim agora com eu estou. Nossa foi ótimo, hoje estou bem graças a Deus. Eu me sinto importante! (risos). Sabe assim quando você se sente importante? Eu gosto de colaborar, eu sempre fui assim... é... falam que eu tenho perfil de líder, então... sei lá eu me sinto bem sabe?, de estar fazendo isso. Você viu: agora estou com a minha mãe acamada, eu sou filha única, ela tem mais de 90 anos e isso da trabalho né, é aquela responsabilidade de ta ali. Tem dia que eu to tão cansada de manhã, que eu não dormi bem a noite, que eu não eu não gostaria de ir pra ginástica, mas eu venho porque eu tenho esse compromisso. Gosto de participar de reunião, o pessoal lá em casa fala: você não pára! Agora eles nem falam mais! (risos). Então pra mim traz só satisfação, eu gosto muito, se um dia isso acaba... (risos), vai ser triste. Se de repente mudam as coisas eu não possa participar mais, porque pra mim é importantíssimo estar aqui. – dona Eurípedes

Eu quis preencher meu tempo ocioso porque antes eu trabalhava com meu marido na mercearia e depois ele aposentou e fiquei com meu tempo ocioso. Ai eu fui convidada por uma amiga e então eu entrei, gostei da amizade primeiramente e depois do exercício que no dia a dia fez muito bem pra mim. Quando eu estou de férias eu sinto meu corpo cansado, então eu acho que a ginástica faz muito bem pra mim e também a companhia das outras. Isso é que foi o mais importante, fez bem pra minha saúde, pro meu dia a dia. Eu fico na ativa! Porque a gente ficar em casa a gente fica meio esquecido, meio besta, então melhor fica ai na ativa. – dona Elisa

A relação entre a Instituição e a Comissão Gestora

A relação da Comissão com o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia apresenta-se como uma relação respeitosa considerando o acompanhamento dos profissionais, na coordenação e condução democrática das reuniões. A relação com os demais profissionais, como a coordenadora geral da Instituição e a Diretoria, é mais distante no que diz respeito a vínculos e periodicidade de encontros, porém foi considerada pelos idosos da Comissão, como uma relação saudável, de consideração e apoio ao trabalho desenvolvido pelos mesmos.

O Centro Comunitário, eu acho que eles acham muito importante as nossas reuniões e falam sempre que o Centro Comunitário é

comandado por nós, que nós somos a parte principal do Centro Comunitário, sem nós ele já teria acabado. Tem algumas coisas que poderia melhorar, por exemplo, sobre as coisas que a gente precisa pegar na cozinha, tem hora que a gente tem um pouco de dificuldade pra pegar. Local também. Uma vez a gente tava fazendo salgadinho, e a cozinha já tinha sido ocupada, tivemos que pegar as coisas e ir fazer na casa de uma de nós. – dona Elisa

Eu acho que assim, eu pelo menos no que eu faço, eu to conhecendo mais o pessoal que trabalha aqui agora, do que antes de entrar na comissão. É aquela coisa mais próxima, quando eu ligo, eles sabem quem é, é aquela coisa assim mais próxima. E no grupo, melhor ainda, porque esta aquela coisa mais..., é como eu estava te falando você chega e... já vem, um quer saber uma coisa, o outro quer pagar, é aquela coisa fica muito mais ligada. – dona Eurípedes

A visão da coordenadora geral do Centro Comunitário e do professor de educação física, coincide com a opinião dos membros da Comissão Gestora no que diz respeito a relação de respeito e de valorização construída ao longo dos anos.

A diretoria vê o grupo como sendo autônomo. A Comissão como um exemplo da autonomia do grupo. Não incomoda a diretoria, porque a diretoria por ser da comunidade, ela aposta em autonomia. De repente ela é um rosto da diretoria, uma filosofia assim. Se o Centro Comunitário em algum momento não puder acolher o grupo, ele não vai deixar de existir, ele vai continuar existindo, eles vão procurar outros meios, outros espaço pra não deixar de existir. Então eu acredito nesse amadurecimento. – Coordenadora Maria Aparecida

Eu tenho certeza que eles vêm como um projeto muito importante, tanto que todo ano investem na compra de materiais e capacitação dos professores. Quando se pensou em cobrir a quadra, se pensou em todos que usavam, mas o projeto foi a prioridade, porque também o grupo cobrou muito depois que começou a crescer. Antes não era assim, mas hoje esta entre os dois projetos mais importantes do Centro Comunitário, que veio somar também com esse projeto intergeracional, onde vai ter que trabalhar as famílias, então vai ter que ter um investimento maior, uma atenção maior. Eu acho que a diretoria sabe que existe, mas não conhece muito o trabalho da Comissão, não conhece profundamente como ela trabalha. A coordenação conhece e tenho certeza que a Cida passa para eles nas reuniões o que o grupo esta fazendo. Até nós também nunca pensamos em convidar alguém pra participar de uma reunião. E esse é um

projeto importantíssimo para o Centro Comunitário porque é um projeto que beneficia a comunidade. – Professor Lucas

Especificamente sobre a relação dos idosos da Comissão Gestora e os funcionários do Centro Comunitário percebemos durante as visitas que a relação é harmoniosa, e está mais uma vez, pautada na visão que os profissionais têm dos idosos, ou seja, da crença na capacidade de organização e de desenvolvimento da autonomia de cada um.

O professor Lucas enfatiza essa relação como facilitadora das ações do projeto:

É facilitadora porque elas estão tomando decisões que me ajudam. Seria mais fácil eu chegar e dar as orientações, mas eu creio que essa parceria, os questionamentos me fazem crescer. A idéia sempre foi que a Comissão ajudasse a deixar o grupo cada vez mais autônomo, não esquecendo que elas não são um grupo que fazem o que quer dentro do Centro Comunitário. É um grupo com autonomia, mas que está ligado ao Centro Comunitário. É uma troca ser parceiro do idoso para garantir um planejamento que atenda necessidades. Isso é uma verdade, é uma garantia que o grupo ia crescer, elas e até eu também.

Assim como na fala da dona Eurípedes:

Olha eu acho que há respeito, até agora não houve nenhum momento que teve uma divergência, uma divergência grande pra gente saber, se precisava ter um atrito ou não. A gente está sempre conversando numa boa. O Lucas ele respeita a opinião da Comissão, a gente respeita ele, a gente ajuda ele com relação ao respeito do grupo, do respeito que nós temos que ter com ele. A Comissão está sempre em cima das pessoas, porque não é porque está na terceira idade não, que as pessoas tem bons modos. Já aconteceu de gente ser bastante desrespeitosa com ele, ele está falando e a pessoa está fazendo careta por trás, que nem criança. A Comissão fica em cima disso, mas eu vejo que já mudou. O respeito é muito grande tanto da parte dele quanto da nossa.



Eurípedes Helena Alzira Anita Dinazaria
Foto: membros da Comissão na aula de ginástica: 2009, arquivo da pesquisadora.

Os desafios e as demandas atuais apontadas pela Comissão Gestora

Desde o ano de 2008 o Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia vem adequando seus programas e projetos à uma proposta da Prefeitura do Município de Campinas, para implantação dos Centros de Convivência, Inclusivos e Intergeracionais. O objetivo da proposta é trabalhar as diferentes idades, priorizando o oferecimento de atividades que congreguem crianças, jovens, adultos e idosos.

Inicialmente tal proposta trouxe uma série de reflexões para a equipe técnica, pois o Centro Comunitário já atende às diferentes idades, porém em projetos específicos de atendimento às necessidades de cada faixa etária. Dessa forma passaram a construir propostas de encontros intergeracionais, que reunissem diferentes idades, e acontecessem periodicamente na sede da Instituição tais como: voleibol adaptado, grupo de reflexão Chá, Conversa e Simpatia, palestras, exposição e discussão de filmes, curso de artesanato e outros eventos.

A necessidade de construir essa nova proposta foi posta à Comissão Gestora do Grupo da Amizade e repercutiu em diversas discussões, não somente de ordem estrutural, mas, sobretudo individual e emocional, pois o tema envolvia a disposição do idoso, da criança, do adolescente e do adulto de se socializarem com outras idades, através de atividades conjuntas que exigem compreensão, flexibilidade e paciência nos relacionamentos sociais.

A proposta de trabalho intergeracional apesar de, sem dúvida, ser considerada de suma importância, está em processo de construção, pois como lembra a coordenadora Maria Aparecida, até para os profissionais tais propostas exigem reflexão, pois já houve um tempo em que se incentivava o idoso a investir em si mesmo, por já ter criado seus filhos e as vezes até os netos. Que esse momento seria em prol de seus interesses particulares. Por isso a proposta de trabalho intergeracional, deve passar por um processo de reflexão que considere questões culturais e as expectativas individuais.

Ah, só lembrando: uma dificuldade. Tudo do projeto a gente discute com eles. Por exemplo: quando termina o ano, quando começa um novo ano nesse projeto, eu sempre sento e explico tudo pra eles. Uma coisa que eles estão engolindo é a questão do centro de convivência inclusivo e intergeracional. A atividade intergeracional que eles aceitam é o grupo de mulheres de ginástica! É o máximo que eles estão aceitando pra fazer atividades conjuntas mais vezes. Eles aceitam adolescentes e criança em outras atividades, mas não nas organizadas por eles. Eu acho que é cultural e acho que nós mesmos somos co-responsáveis por isso, quando se criou o grupo, porque eles queriam trazer neto, inclusive nos passeios (...) até o técnico da área social fez um trabalho, que esse era o momento deles, que eles já criaram os filhos. Eles incorporaram isso. Agora você vem dizer... então eles estão começando a flexibilizar, a pensar: então temos que trazer os adultos, as crianças, os adolescentes. Estão começando a incorporar isso, mas é muito devagarzinho.

Dona Eurípedes, já acredita que deve haver investimento nesse tipo de trabalho e ainda em sua opinião, a maior dificuldade está na disposição do próprio idoso, que segundo ela, já tem uma postura formada e coloca mais barreiras para esse contato com os mais novos.

Então, como pessoa eu gosto, eu acho importante você conviver com as idades. Por que você vai viver separado? Eu acho isso

*importante para o futuro. Quem sabe se com isso vai mudando. Porque hoje..., já mudou bastante, mas os jovens geralmente são afastados do idoso, não são todos que gostam de ficar com idoso, ouvir, conversar. Com isso eu acho que a tendência é melhorar, aprender a conviver com a diferença, tanto o idoso aprender a aceitar o jovem, a criança, como o jovem aceitar o idoso. Eu acho muito importante isso daí. Agora no grupo, é aquela coisa. O próprio idoso ele tem preconceito. Então alguns: “Ah eles não gostam da gente, um dia vão ser velho também!” (...) Mas a gente conversou que isso vai ser muito bom e aí o próprio idoso vai deixar de ter preconceito, porque as vezes é um preconceito dele próprio, ele mesmo se afasta por ele se sentir velho e diferente: “Porque sou mais velho, já não tenho mais pique!” Então ele se afasta. Eu acho que é bem isso um preconceito do próprio idoso. E de não pensar que o jovem é jovem, tem coisa de jovem, aquelas alegrias que a gente não tem mais, aquelas coisas bobas que eles tem. Então é um preconceito do próprio idoso. **A senhora acha que é mais do idoso?** Eu acho que é mais do idoso porque ele não aceita. É lógico que o jovem não vai querer ficar perto de idoso chato, de uma pessoa que só fica reclamando: “Ai, menino não tem juízo!”. “Ai, porque aquilo está errado!”. Entendeu? Eu acho que o idoso, ele é que afasta a pessoa, porque pode ver quando o idoso é legal, prá frente, como é diferente a relação dele, então eu acho que isso aí vai ser muito bom, esse entrosamento agora. Quem sabe no futuro, agora eles vão aprendendo e vão passando para os filhos.*

Para comemorar os 10 anos de existência do grupo, a Comissão Gestora está trabalhando, desde o ano de 2008, na formulação de idéias tendo já realizado um concurso para a confecção de uma nova camiseta comemorativa e definido que em agosto, será realizado um café da manhã com todos os participantes do Centro Comunitário e alguns grupos de idosos que serão convidados para essa festa de aniversário, além de uma programação que encerra o segundo semestre com um jantar dançante e um passeio.

Encerrando essa apresentação, observamos como tendências mais fortes na atuação da Comissão Gestora, no âmbito do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia:

- a) Uma maioria feminina constitui o grupo e a Comissão Gestora;
- b) Há uma preocupação, quando se discute as atividades intergeracionais, com aceitação parcial enfatizando o resguardo de um espaço de atividades que são próprias para o idoso;

- c) Evidencia-se a capacidade dos idosos de exercer autonomia e independência nas decisões, na organização das atividades do grupo e na escolha de aceitar ou não convites feitos ao grupo.
- d) Necessidade de ampliação da Comissão Gestora no sentido de melhor partilhar as responsabilidades e quanto a melhora nas condições físicas para realização das reuniões mensais.
- e) Necessidade de trabalhar a relação da comissão com o grupo mais amplo no que diz respeito à comunicação e envolvimento na execução das ações.

2. A construção de uma aproximação com o SESI Amoreiras

O SESI Amoreiras foi o segundo local pesquisado, onde permaneci por cerca de quatro meses. Inicialmente fui recebida pela coordenadora geral e pela agente de atividades sociais, responsável pelo Grupo Amizade na Terceira Idade, que me apresentou aos idosos durante um dos encontros e posteriormente para a Comissão Gestora do grupo.

Atualmente a Comissão Gestora do Grupo da Amizade na Terceira Idade é composta por 11 idosos, sendo 09 mulheres e 02 homens, com idade entre 63 e 83 anos. A maioria participa da Comissão há mais de 18 anos, sendo que 05 deles participam desde o primeiro ano de funcionamento do grupo.

Optamos por iniciar as entrevistas com os profissionais e o diretor fundador, antes de entrevistarmos as idosas, a fim de conhecer melhor a Instituição onde se insere a Comissão Gestora do Grupo Amizade na Terceira Idade.

A primeira entrevistada foi a agente de atividades sociais:



Patrícia Dourado Costa

- *Idade: 36 anos*
- *Nascimento: 09/11/1973*
- *Local nascimento: Salvador*
- *Estado civil: divorciada*
- *Escolaridade: Graduação em Biologia*
- *Trabalha com o Grupo Amizade na Terceira Idade desde 2002*

Patrícia reside em Indaiatuba e se formou em Biologia na UNESP de São José do Rio Preto. Chegou ao SESI em 2002, com interesse em trabalhar na área de gestão ambiental. Não tendo nenhuma experiência no trabalho com idosos e recém pós-graduada a procura de trabalho, Patrícia foi informada que deveria atuar na gestão ambiental, porém com o grupo de idosos. Esse foi seu primeiro desafio, pois além de nunca ter trabalhado com idosos, o grupo já tinha uma história de formação, com uma linha de trabalho já estabelecida. Em 2005, surgiu uma oportunidade de trabalho na cidade de Indaiatuba e Patrícia pediu demissão do SESI. Porém ao trabalhar alguns meses sentiu que o novo emprego não era exatamente o que a fazia feliz, então escreveu uma carta e solicitou retornar ao SESI. Foi permitido pelo Recursos Humanos que ela participasse do processo seletivo para sua própria vaga e então conseguiu assim retornar ao grupo. “Concorri com 13 pessoas e passei novamente. Na prova escrita eu tinha que escrever uma redação sobre experiência com a terceira idade, então contei sobre o que eu já tinha vivido. As idosas torceram muito, fizeram até novena, depois eu tive que pagar as promessas. O grupo de convivência é uma alternativa para essa falta de lugar que o idoso encontra hoje, parece que eles não encontram um lugar agradável para se socializar”.

Em seguida, entrevistamos um dos diretores do SESI Amoreiras:



Francisco de Almeida Netto

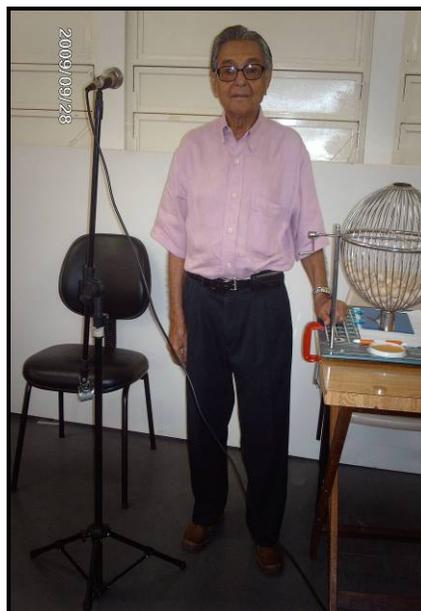
- *Idade: 70 anos*
- *Nascimento: 28/06/1939*
- *Local nascimento: Pirassununga*
- *Estado civil: casado*
- *Escolaridade: superior*
- *Acompanha o Grupo Amizade na Terceira Idade desde 1989*

Formado em Biologia é funcionário do SESI há 48 anos. Atua como diretor local do Centro de Atividades, que congrega unidades do SESI em 7 municípios da Região Metropolitana de Campinas. Como um dos fundadores do SESI em Campinas, Sr Francisco relata que a instituição decidiu iniciar o trabalho com idosos ao observar as demandas dos aposentados da indústria, o que é considerado por ele algo fundamental, pois principalmente para os homens a perda do status do trabalho é extremamente prejudicial à saúde e à socialização. Acompanhando o grupo desde sua criação, enfatiza que o espaço de convivência oferecido pelo SESI tem possibilitado a inclusão social e o fortalecimento da rede de amizades dos idosos participantes.

Aqui apresentamos os idosos da Comissão Gestora:

Orlando Cantáfio

- *Idade: 83 anos*
- *Nascimento: 08/04/1926*
- *Local nascimento: Monte Alto*
- *Estado civil: casado*
- *Escolaridade: ensino médio*
- *Participa do Grupo Amizade na Terceira Idade desde 1989*



Bancário aposentado em 1987, atuou por 34 anos no mesmo banco na cidade de São Paulo. É pai de três filhas. Mudou-se com a família para Campinas em 1989, com 63 anos de idade. No mesmo ano ingressou nas atividades do Grupo Amizade na Terceira Idade acompanhado da esposa, com quem está casado há quase 60 anos. Ao chegar ao grupo o casal foi convidado para participar da Comissão Gestora, o que foi aceito prontamente, pois haviam acabado de chegar à cidade e gostariam de conhecer novos amigos e também se ocuparem. Sr Orlando participa da Comissão há 20 anos e relaciona sua participação à possibilidade de continuar sentindo-se útil, sobretudo, após a aposentadoria.



Carmelo Moreno

- *Idade: 73 anos*
- *Nascimento: 1936*
- *Local nascimento: Catanduva*
- *Estado civil: casado*
- *Escolaridade: fundamental*
- *Participa do Grupo Amizade na Terceira Idade desde 2001*

Residente em Campinas desde 1961, Sr Carmelo nasceu na cidade de Catanduva onde viveu até os 3 anos de idade, indo então para Ribeirão Preto. Com 9 anos, foi morar no sertão de Panorama, em Marília. Aos 23 anos se casou e se mudou para Campinas, onde nasceram seus três filhos e seus oito netos.

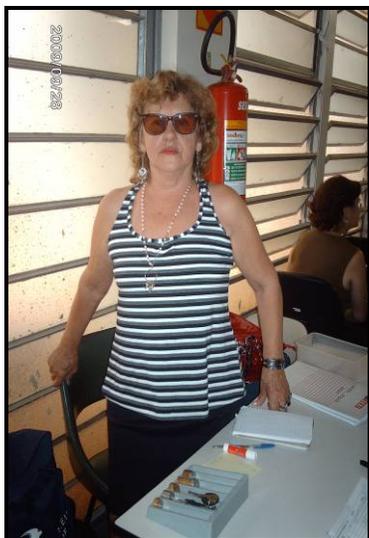
Aposentou-se com 56 anos de idade em 1992, afirma ser uma pessoa muito ativa, sempre ocupada com a manutenção de sua casa e com a dedicação, duas vezes por semana, como integrante da Comissão, o que acredita ser um benefício para ele: “Ah eu tive ganhos de saúde, porque eu conheço meus colegas, que aposentaram no mesmo tempo que eu e ficaram em casa e estão doentes. Então a pessoa aposentou. É idoso? Continua trabalhando ou vai passear! Faz que nem nós: vai passear, vai para Santos. Não fica em casa dormindo, porque se ele ficar lá, adoce. Que nem eu trabalho, desde os 7 anos, era no sítio. Me aposentei com 56. Eu falei: Bom meu lazer é agora, eu não tive infância. Agora em agosto fez 17 anos que eu aposentei. Me aposentei no 92. Pensando nos meus amigos, eu ganhei em saúde. Está com um ano eu fiz uns exames, fui ver o resultado. Seis tipos de exame. A doutora falou: só uma coisinha que você tem, um pouquinho de colesterol. (risos) Ah, só um pouquinho? Eu só como gordura. Ah, então manera! Eu manerei um pouquinho, mas não sinto nada. (risos) Você viu eu vivo correndo, em casa também. Ixi, amizade eu tenho com todo mundo, amizade com todos”.

Maria José Carvalho Cantáfio

- *Idade: 76 anos*
- *Nascimento: 26/09/1032*
- *Local nascimento: Vista Alegre do Alto*
- *Estado civil: casada*
- *Escolaridade: ensino médio*
- *Participa do Grupo Amizade na Terceira Idade desde 1989*



Casada há 56 anos é mãe de três filhas. Antes de chegar a Campinas em 1989, residiram por 30 anos num condomínio de bancários, na cidade de São Paulo onde relata ter feito inúmeras amizades. Devido a aposentadoria do esposo e o “stress da cidade grande”, mudaram-se para Campinas em busca de qualidade de vida. Para dona Maria José não foi uma tarefa fácil se adaptar na nova cidade, sobretudo pela dificuldade em fazer novas amizades com os campineiros, porém foi uma de suas novas vizinhas que a convidou para começar a freqüentar o Grupo Amizade na Terceira Idade em 1989. Logo após a coordenadora do grupo convidou a dona Maria José e seu esposo para fazerem parte da Comissão, o que foi assumido como um compromisso há 20 anos e que envolve satisfação pessoal: “Eu falo que eu gosto demais! Porque quando eu mudei aqui eu não conhecia ninguém, ai fui fazendo amizade, e ai a gente fez bastante amizade. A gente acha falta o dia que a gente não pode vir, por algum motivo, a gente fica o dia todo bolando o que você estaria fazendo. É engraçado. A mente funciona assim: estaria fazendo isso, estaria fazendo aquilo! Eu gosto demais daqui”.



Dina Gonçalves da Silva

- *Idade: 72 anos*
- *Nascimento: 13/05/1938*
- *Local nascimento: Rio de Janeiro*
- *Estado civil: casada*
- *Escolaridade: fundamental*
- *Participa do Grupo Amizade na Terceira Idade desde 1989*

Dona Dina é atuante como tesoureira na Comissão há 20 anos, pois sempre gostou de números, porém relata que o maior benefício que encontrou, em todos esses anos de participação, foram as inúmeras amizades que fez. “Para mim o mais gratificante é isso. Sair de casa não é tanto porque eu posso sair para viajar, para ir para baile, para outras coisas. Trabalhar como eu trabalho mexendo com dinheiro eu também posso fazer. Mas o mais gratificante, para mim, é a amizade, isso não tem dinheiro que pague. Porque você sente quando as pessoas gostam de você de verdade”. “Olha pela minha identidade, eu estou com 71, na realidade eu tenho 72. Meu pai demorou em me registrar. Sou viúva do primeiro marido, tenho três filhos. Uma menina com 54, outro com 52 e outra com 51. Tenho quatro netos e três bisnetos. Sou carioca, nasci e me criei no centro do Rio de Janeiro, daí a minha mais velha veio para cá fazer mestrado de economia. E eu sou mãe igual galinha, eu gosto dos pintos tudo embaixo da asa. Sou muito dengosa com os filhos, com os netos e os bisnetos. E a minha filha dizia: Ah mãe quando eu firmar eu vou trazer você para cá”. Eu dizia para ela: “Filha não vou pagar aluguel não. Porque no Rio eu tenho casa. Não pago aluguel. Até que ela conseguiu me trazer, trouxe a irmã, trouxe o irmão. Então eu vou fazer 20 anos de Campinas. Cheguei em Campinas, vim para o SESI e estou aqui até hoje. Acho que eu só saio daqui quando eu morrer, só se me expulsarem: Olha eu não quero mais você aqui! (risos). Eu trabalhei e criei meus três filhos sozinha. Trabalhei muito como empregada e depois resolvi trabalhar por minha conta e ser vendedora. Sou aposentada, paguei meu INSS, sempre. Eu paguei minha autonomia”.

A criação de uma Comissão Gestora formada por profissionais e idosos do Grupo Amizade na Terceira Idade

Desde 1989 quando o Grupo Amizade na Terceira Idade começou a funcionar já fazia parte da orientação da Divisão de Ações Sociais, a constituição de uma Comissão Gestora, com vistas a estimulação da autogestão do grupo, o incentivo ao trabalho em equipe, a cooperação mútua e o aparecimento de lideranças, por meio da formação de comissões de trabalho (turismo, festas e eventos, cultural, financeiro e outras). Quanto a nomenclatura utilizada, inicialmente denominavam esse grupo de Diretoria, mas no final de 2008, passou a ser Comissão.

A idéia inicial da criação da Comissão Gestora partia das observações da Divisão sobre a necessidade de criar espaços de participação como continuidade da autonomia e de atuação após a aposentadoria, algo necessário, sobretudo, para o público masculino.

A verdade é que a aposentadoria é um problema. Muitos gostam, mas é um problema. Você vê que a participação do público feminino é muito maior, a mulher é mais social. O homem se aposenta (gesto com as mãos expressando: não tem o que fazer), ele se retrai ou ele quer só conversar com homem, ou vai no jardim e fica ali, ou passa a varrer a frente de casa, não conversar com ninguém. Isso é uma luta, porque quando ele perde a função do trabalho, os horários dentro da empresa, ele não é capaz de se organizar. Eu acho que deveria ter um trabalho muito profundo. Hoje já tem empresas grandes que fazem isso: preparam para a aposentadoria. Porque é complicado. Eles tinham necessidade disso. Têm muitos que exerceram a profissão de contador, por exemplo. Então eles chegam aqui e encontram uma possibilidade de continuar fazendo isso, então eles fazem o balanço, o controle do dinheiro que é deles mesmo. É impressionante eles chegam aqui e querem atuar, se organizam para fazer tudo: o café, a compra de gêneros alimentícios, organizar os bailes e os bingos. Eles fazem tudo, nós apenas damos o suporte. – Diretor do SESI Sr. Francisco

Sendo o SESI uma instituição público/privada de âmbito nacional e organizada de maneira uniforme nas unidades espalhadas pelo Brasil, o formato da Comissão Gestora já fazia parte do próprio projeto para idosos da instituição, onde havia os cargos de: presidente, vice-presidente, 1° e 2° secretário, 1° e 2° tesoureiro, diretor social, diretor cultural e fiscal. Inicialmente os idosos foram

sendo convidados pelos funcionários a ocupar esses cargos, segundo suas habilidades.

Dentro das diretrizes que orientam a gente para formação do grupo de convivência, que é como o SESI quer que seja esse grupo, um dos itens obrigatórios é ter essa Comissão. Então essa Comissão é escolhida pelo próprio grupo. – Agente Patrícia

Quando eu vim do Rio, eu vim para cá (SESI), para fazer curso e a coordenadora da época me chamou para entrar no grupo. Tinha nem um mês de grupo ela me chamou para entrar na comissão e como eu tenho facilidade para mexer com contas, com número, eu entrei para fazer parte como tesoureira e continuo até hoje. Entrei em, bom, fundou em fevereiro de 1989 e eu cheguei em setembro de 89. – dona Dina

A Comissão e o Grupo Amizade na Terceira Idade estão ligados diretamente à coordenação geral do Centro de Aprendizado Social – CAS e são acompanhados por uma agente de ações sociais, funcionária do SESI. No ano de 2008, com a alteração na nomenclatura, passando de Diretoria para Comissão, também houve a extinção da estrutura de cargos e os idosos foram orientados a se organizarem conforme as necessidades atuais do grupo, dividindo as responsabilidades basicamente quanto: ao recebimento das mensalidades e venda de cartelas de bingo, confecção e distribuição de lanche, controle de presença, organização do espaço físico, organização do show de talentos e do bingo e organização de outros eventos.

E aí essa comissão é formada pelos próprios integrantes e a gente procura, dentro da habilidade de cada um, a gente já direciona: Quem vai cuidar da parte cultural? Agendar, pegar nossos artistas e agendar, estimular a parte cultural. Cuidam também da manutenção do mural, estão sempre colocando informação e fotos dos eventos no mural. Depois a parte do turismo: quem vai cuidar da viagem, montar, escolher, arrecadar o dinheiro, saber quem quer ir, pagar a empresa. Eu dou toda a assessoria, mas eles que fazem tudo. O lanche, quem vai ficar na cozinha, vai cuidar do lanche que vai ser oferecido, se vai comprar bolo. O financeiro também tem sempre dois cuidando da parte financeira, porque eles arrecadam um valor simbólico, que na realidade é para manutenção desse lanche aí, e das atividades que vão fazer. Então todos que podem, contribuem mensalmente, hoje o valor é de R\$ 5,00 reais, que é para comprar o lanche, comprar o presente dos aniversariantes do mês. Então são dois na parte financeira, um presta conta para o outro e eles me passam os dados do balancete financeiro, o que entrou de dinheiro naquele

mês, o que foi gasto e qual é o saldo final. Meu trabalho é digitar no computador e colocar no mural. – Agente Patrícia.

Entre os idosos não houve problemas com relação à divisão das tarefas, cada um pode escolher as novas responsabilidades, conforme seu desejo e habilidade, assim como aceitar ou não a proposta da funcionária.

No início não tinha esse cargo de palco. Esse cargo de palco eu peguei esse ano agora. Pediram para a gente optar e eu peguei a parte de palco, porque eu sempre cantei. Então eles acham que assim, sou mais desembaraçada. E eu gosto muito também. Então falaram: a parte de palco seria bom você fazer. Agora quando nós temos que fazer as coisas na cozinha eu também participo, temos que vir de manhã. – dona Maria José

Cada pessoa tem uma responsabilidade. A mais responsável pela cozinha é a Marli e a Léo. Elas que comandam lá dentro o que falta, o que precisa, elas duas que comandam. Agora o dinheiro, quem comanda o dinheiro é Marli, a mesma Marli lá que fica junto com a Léo e a Dina. A gente chega mais cedo para organizar. Uma e meia começa o grupo, começa a abertura, aí tem as pessoas que cantam. Quem dá a abertura é a Maria José, a esposa do Orlandinho. A abertura legítima é a Patrícia, depois ela que comanda o resto, ela chama os cantores, depois ela canta o bingo. E eu fico no meio conferindo os bingos, a Terezinha que me ajuda pagar. Entendeu? – Sr. Carmelo

Na avaliação dos idosos da Comissão Gestora, a parceria entre idosos e funcionários tem possibilitado o desenvolvimento das ações e o atendimento das expectativas dos idosos do grupo, revelada pela assiduidade e alto índice de participação nos encontros, chegando a receber até 120 idosos por dia.

Constatou-se também, que para os idosos, participar da Comissão representa um investimento pessoal naquilo que gostam de fazer para o próprio bem estar e pelo bem estar dos idosos do grupo.

Eu acho, porque o idoso conhece melhor o outro idoso, os gostos, o pensamento e como eu falei, no princípio, como eu conheço todo mundo, conheço os problemas de quase todo mundo, por exemplo, uma hora que vai servir doce e eu sei de uma que não pode, mas gosta de doce, eu já digo: olha vai devagar, olha o diabetes! Entendeu? Então eu acho que é importante, porque vamos supor que você estivesse lá. Você não conhece a cabeça dos idosos como nós idosos conhecemos, sabemos que uns são mais exigentes, outros são menos. Tem gente que reclama de tudo, tem gente que fica de boquinha fechada, então eu acho importante essa comissão. É vantajoso se o próprio idoso está

dentro da Comissão, participando e até porque a gente, no final das contas faz aquilo que gosta. – dona Dina

Os idosos enfatizaram ainda nos relatos, quando perguntamos sobre a importância de existir uma Comissão, o caráter de responsabilidade que essa Comissão teria enquanto mantenedora do grupo, pois atualmente o SESI não disponibiliza nenhum recurso financeiro, além dos recursos humanos e físicos já existentes, para a realização dos encontros.

Eu acho que é bom porque nós não temos quem nos dê as coisas. Por exemplo, o SESI dava bolacha, café, mas depois tirou. Então nós tivemos que se virar com isso, então a gente comprava. Quando vai fazer um café, temos que comprar o café e o açúcar. Sozinho o grupo não anda. – dona Maria José

O grupo se sustenta com nós mesmos, com o bingo e a mensalidade de R\$ 5 reais. E é assim que funciona isso aqui. (...) O grupo é bem independente, ele (SESI) oferece o grupo só. O que gasta aí é por conta deles, uma luz elétrica. Mas outra coisa: é sustento do grupo mesmo. Nós que decidimos as coisas. As meninas fazem reunião com a gente, se nós acharmos de acordo tudo bem, mas se nós não acharmos de acordo, não faz. – Sr. Carmelo

Nós ocupamos o espaço do SESI, levamos o nome do SESI, por exemplo, eu apresento a quadrilha em vários lugares, é a quadrilha da terceira idade do SESI, entendeu? Mas financeiramente nós não temos nada que o SESI nos dê. Então a comissão serve também para isso: para ver o que tem que comprar. Então eu acho que a diferença é essa, há lugares que já dão toda estrutura financeira, que hoje não temos. Funcionamos com a arrecadação que tem dentro do grupo: com a mensalidade e o binguinho. – dona Dina

Além da importância em ouvir os idosos do grupo e verificar a possibilidade do atendimento de suas solicitações ou propostas, os entrevistados também julgam relevante a existência da Comissão Gestora pela responsabilidade logística que é garantida através do compromisso dos envolvidos em preparar os encontros do grupo.

Eu acho importante. Por exemplo, a bolacha era diferente, antes. O grupo já vinha falando que podia mudar o tipo de bolacha, então a partir desse ano agora, eu encostei a máquina, agora já é outro tipo de bolacha. Então foi por intermédio deles, eles pediram se podia mudar. Dava chá quando tinha festa: “Ah podia dar uma

coca cola, um refrigerante? Mudamos. Quando tem uma festinha nós damos refrigerantes. – Sr. Carmelo

É porque é assim: eu acho que nada acontece sozinho, ninguém faz nada sozinho. Tem que ter um apoio, todo mundo trabalhar junto. E vamos supor que não tivesse a comissão. Então vai ter a reunião hoje, a pessoa pega e vai lá na cozinha: “Ah vou servir um café, mas não tem açúcar, não tem café, não tem bolacha para servir”. Então a comissão já olha o que precisa comprar para a próxima reunião. E se fossem voluntários na hora, talvez em certo momento não desse certo. Porque você chega quer fazer café: “Ah não comprei pó!”. Então eu acho que a comissão é importante, ela sabe de tudo, organiza tudo: o que tem que comprar, o que vai fazer na próxima reunião, na próxima festa. – dona Dina

A importância de participar do processo de discussão e planejamento das atividades, também foi relatada pelos idosos, de maneira extremamente interessante, como um fator que evidencia a consciência do seu papel na Comissão e das parcerias que devem ser estabelecidas, objetivando a satisfação dos participantes do grupo.

Eu acho que é importante por causa da reunião. Depois que termina tem a reunião, nós com as meninas. Então elas fazem a reunião, vê o que precisa, como é que esta o grupo, vai falando e a gente vai respondendo. Faz uma avaliação, porque são elas que comandam, nós somos a Comissão, somos em 11. Nós colocamos a mão na massa. É importante nós participarmos da Comissão, porque acaba ajudando, porque se elas (funcionárias) quiserem fazer uma coisa que nós achamos que não é de acordo, nós erguemos a mão e o que vale é quem ergueu mais a mão. Tipo de uma votação. Por exemplo, se acabar o bingo acaba o grupo porque idoso gosta de bingo. É assim o negocio, funciona desse jeito, então precisa elas acompanharem nós e nós acompanharmos elas. Tem que fazer uma parceria. – Sr. Carmelo

Eu acredito que sim porque essa é a finalidade da Comissão. Porque se você fizer o que eles não gostam, eles não participam. – Sr. Orlando

O funcionamento da Comissão Gestora: buscando decisões democráticas

No primeiro encontro do Grupo Amizade na Terceira Idade de que participei, fui muito bem recebida por todos. A agente de ações sociais me apresentou e solicitou que eu falasse a todos sobre minha presença como

pesquisadora. Após a apresentação pessoal, informei-os sobre os objetivos da pesquisa e que gostaria de acompanhar as reuniões e mais tarde entrevistar algumas pessoas da Comissão Gestora.

O carinho despendido pelos idosos é algo que vale a pena registrar ao leitor, pois o acolhimento e a sensação de apoio são fantásticos. No contato com idosos, em geral, minha sensação é de ser recebida e motivada por pessoas com o dobro ou o triplo da minha idade, que me olham e parecem saber como será minha trajetória, já que eles já foram jovens um dia e por isso são solícitos em colaborar no que puderem.

Como eu me pronunciei do palco e a sala onde acontecem os encontros é bastante ampla, quando terminei minha fala e me dirigi ao fundo da sala, demorei-me a conseguir chegar, pois parecia que eu atravessava um corredor de congratulações onde uns me olhavam sorrindo, outros queriam me dar a mão: “seja bem vinda”, “que bom que você escolheu a gente”, “é isso mesmo: você tem que estudar”, “você gosta de velhos, é?”.

A Comissão Gestora se reúne todas as segundas e quartas-feiras para realizar os encontros do Grupo da Amizade na Terceira Idade. Como o grupo acontece das 13:00 as 16:00 horas, os membros da Comissão chegam ao SESI a partir das 11:00 horas da manhã para iniciarem a organização geral do encontro, conforme as responsabilidades assumidas por cada um deles.

A estrutura do encontro está dividida em quatro momentos:

- Primeiro momento: Abertura: em geral realizada pela agente de ações sociais, com o canto do hino do grupo, uma oração, informes, avaliação de eventos ou passeios, leituras de texto, entre outros. Nesse momento também, na época oportuna, se faz a eleição da Rainha e da Princesa da Terceira Idade e a divulgação de eventos realizados pelo SESI.
- Segundo momento: show de talentos: coordenado por um dos membros da Comissão consiste na declamação de poesias, música, leitura de textos, declarações de agradecimento ao grupo ou a Deus e a amigos falecidos, entre outros, realizada pelos idosos do grupo.

- Terceiro momento: bingo, realizado por vários membros da Comissão com a tarefa de cantar o bingo, verificar os ganhadores e fazer o pagamento para os mesmos.
- Quarto momento: lanche, confeccionado e servido pelos membros da Comissão e alguns voluntários que se prontificam na hora, conforme necessidade.

Todos os membros da Comissão mantêm uma característica muito forte que é a assiduidade nos encontros e nas reuniões, pois são inteiramente responsáveis pela realização do encontro em todo seu desenvolvimento, estando a funcionária do SESI presente em momentos pontuais, no início para a abertura e no final para a reunião, apesar de se encontrar disponível nas dependências do SESI.

A gente vem duas vezes por semana, segunda e quarta. Começa da uma e meia às cinco. Eu chego mais cedo, porque esse serviço meu aí, abrir o vitrô, se eu deixar para depois, enche de gente, fica ruim para eu encostar lá. Então tem que abrir, acender as luzes, ligar o ventilador, água, bebedouro e fazer chá. Vai dois galões para fazer chá, sou eu que viro. Os caldeirões grandes sou eu que viro. Então é correria no começo e agora no fim. (...) Cada pessoa tem uma responsabilidade e a gente chega mais cedo para organizar. – Sr. Carmelo

Após a realização do encontro a Comissão Gestora, sempre acompanhada da agente de ações sociais, permanece no espaço para fazer a avaliação do dia e verificar necessidades para o próximo encontro. Nesse momento também realizam a avaliação ou discutem sobre as providências de outros eventos que tenham acontecido ou que estão sendo planejados, tais como: passeios, festas e outras atividades.

Nós temos a reunião, depois da reunião do grupo, a gente participa os problemas, a programação, vê o que vai fazer, o que precisa comprar. Porque aí, eu faço as compras, faço e trago. As festas, cada uma a gente programa o que vai fazer, se é cachorro quente, se é esfiha, se é bolo. – dona Dina

Normalmente a gente faz mini reuniões todas as segundas e quartas assim que acaba o grupo. Os idosos vão embora e fica só a Comissão e aí a gente faz uma reuniãozinha ali rápida: como é que foi o dia, teve algum problema ou não teve, foi legal, gostaram

do lanche. Quando tem as grandes festas: comemoração do aniversário do grupo a gente faz um lanche especial, compra um bolo gigantesco. Dia das Mães, Dia dos Pais. Agora vai ter a Festa Junina que vai ser um big evento. Então a gente se reúne para resolver isso: Ah acabou o copo. Quem vai comprar? Então pega o dinheiro, traz a nota. – Agente Patricia



Foto da Comissão Gestora – arquivo da pesquisadora, 2009.

A avaliação sistemática das ações realizadas após cada encontro é considerada adequada pela Comissão que adotou essa postura mais pontual, devido a própria atribuição de realizar dois encontros semanais, julgando ser mais apropriado verificar as necessidade de imediato.

Anualmente a Comissão se reúne no mês de janeiro para planejar o retorno das atividades após o recesso, fazer a programação do primeiro trimestre do ano, além da confirmação de participação dos membros da Comissão ou a necessidade de entrada de novos idosos.

Todo ano uma semana a gente se reúne, para participar se todos vão ficar, se alguém vai sair, se precisa colocar mais alguém para ajudar, se vai continuar o mesmo preço, se o bingo que vende vai ser vendido ao mesmo preço, essas coisinhas. E já faz uma programação de pelo menos os três primeiros meses. Porque logo que a gente recomeça é aniversário do grupo, que é dia 24 de

fevereiro, então já tem que ver o que vai fazer, encomendar, planejar o que vai fazer. - dona Dina

As dificuldades e as conquistas no trabalho da Comissão Gestora

Atualmente as maiores dificuldades observadas pelos idosos da Comissão Gestora dizem respeito a diminuição dos recursos financeiros em conta bancária, o que tem impossibilitado a realização de atividades costumeiras entre o grupo, como bailes, almoços comemorativos e grandes eventos.

Devido as mudanças na estrutura de cargos ocorrida em 2008, o SESI orientou para que a Comissão utilizasse parte do valor que havia em conta corrente e que foi poupado durante os 20 anos de existência do grupo, através da arrecadação a partir das mensalidades e da realização de festas, para compra de alguns equipamentos. A comissão, portanto, no final desse ano, adquiriu um micro computador, cortador de frios, entre outros e realizou um grande almoço de final de ano, deixando um pequeno valor em conta.

A dificuldade é financeira. Dá para fazer as coisas, mas é restrito, não é como era. Não sei se eu posso falar, mas não temos dinheiro. Antigamente se fazia aquele almoço de final de ano, os bailes, hoje não tem mais condições. O bingo é que dá um pouquinho de dinheiro, mas é só para manter o lanche do grupo, fazer o bolo dos aniversariantes. A gente tinha dinheiro em caixa, mas eles disseram que a instituição filantrópica não pode ter dinheiro em caixa. Eu não entendo isso, como não? Então a gente comprou o computador, a maquina de frios, umas coisas e fez um bom almoço no final do ano. Sobrou um pouco de dinheiro, mas não dá mais para fazer as coisas, igual antes. – Sr. Orlando

Outra dificuldade relatada pela Comissão Gestora diz respeito ao financiamento por parte do SESI, do lanche e de transporte para os passeios. Nos primeiros anos de funcionamento do grupo, foram dispensados recursos para a compra de alimentação e aluguel de ônibus para a realização de passeios do grupo, porém aproximadamente quatro anos depois, foi solicitado à Comissão que assumisse essas responsabilidades, a partir da arrecadação que vinham realizando, o que foi aceito, porém avaliado como uma dificuldade porque inviabilizava a realização de outras ações.

Eu acho que a pior dificuldade que a comissão teve foi quando, porque quando começamos o grupo, o SESI dava apoio, não em

dinheiro, mas nós tínhamos ônibus para passear, perua para passear, eles davam para gente o café e a bolacha. E quando foi cortado, teve uma dificuldade porque nós começamos a fazer essas despesas que nós não estávamos acostumados a fazer. Mas, de certo modo eu acho que a comissão se saiu muito bem, se não, não estaria há 20 anos, não é?- dona Dina

Nós sempre tivemos bastante dinheiro. Foi juntando pelas mensalidades, pelo bingo. De primeiro o SESI dava até café, quando nós entramos dava o café e a bolacha. Depois de um certo tempo, eles tiraram e nós começamos a comprar com nosso dinheiro. Então por exemplo, tinha uma festa. Depois da festa a gente fazia um bingo. Então o bingo rendia bastante, todo mundo vinha, 250, 280 pessoas. E foi juntando sabe. Teve um dia que a gente fez almoço no dia das mães, dia dos pais, festa de fim de ano e o almoço em fevereiro do aniversário do grupo. Agora não está dando mais. A maior dificuldade é financeira porque hoje nós compramos tudo. Apesar de que, nós não deixamos de festejar nenhuma data. Mesmo que seja mais simples, sempre festejamos.
– dona Maria José

E por fim apresentaram como dificuldades as relacionadas ao espaço físico, onde são realizados os encontros. Em 1989 quando o grupo começou havia poucas pessoas participando, porém ao longo dos anos esse número foi aumentando e houve necessidade de ampliação do espaço. Paralelamente a esse fato, o próprio SESI sofreu alterações em sua estrutura, devido a ampliação da demanda geral, por isso construíram um sala específica para os encontros do grupo. Ela é considerada pequena e com algumas limitações, como por exemplo a diminuição do espaço de palco, impossibilitando os ensaios de dança e aulas de teatro que vinham acontecendo e a diminuição no número de acomodações.

No começo foi uma dificuldade porque teve que dividir o grupo. Era um grupo de 180, 190 pessoas. Começou a vir muita gente, a sala enchia muito, uma parte ficava aqui no corredor, então incomodava as aulas de costura, de pintura, porque você sabe as pessoas conversam muito. Depois não sei se muita gente foi saindo, o que foi que aconteceu, que muita gente começou a vir os dois dias. Tem muita gente que vem os dois dias. Apesar de que nós gostamos, porque agora temos a nossa cozinha e onde fazer o chá. Para nós ficou melhor nessa parte. – dona Maria José

Eu sinto muita falta dessa parte que eu te falei, que é do bailado, do figurado, do teatro, isso é uma coisa que eu sinto muita falta. Tudo isso tinha no grupo. Tinha porque nós tínhamos um palco grande, que é aquele que esta ali. Agora nós temos um palco muito pequeno, não tem condição. A quadrilha que eu ensaio, apresento fora daqui. O espaço que foi ficando pequeno. É triste

principalmente quando a pessoa vem com atestado médico, mas se é para acomodar mal... Vamos supor que no dia de reunião venha 150 pessoas, um banheiro só, para mulher. Ai você conta ali, daqueles homens, se tiver 15, é o máximo, o resto tudo mulher. A maioria toma remédio de pressão, faz xixi toda hora. É complicado. É triste quando a pessoa chega, até porque nós temos o exemplo de pessoas que vieram com depressão e hoje em dia estão ótimas. Então quer dizer, foi bom para ela, poderia ser bom para outro. Mas como que a gente vai fazer? – dona Dina

As conquistas na visão da Comissão dizem respeito, sobretudo, a possibilidade de acolher os idosos que buscam a atividade como lazer e socialização, possibilitando que esses combatam o isolamento e melhorem a auto estima, além da realização de inúmeros eventos, passeios e apresentações que já puderam proporcionar.

Ah melhorou bastante, porque toda pessoa que chegava aqui meio triste, acabrunhada, que tinha perdido o marido. Porque a maior parte são viúvas mesmo. Ai elas entravam aqui e num estantinho elas já se recompunham, porque a gente ia fazendo, ia conversando, como a gente faz até hoje, ajudando. É uma coisa muito boa, porque antigamente quando eu não era terceira idade, eles eram mais jogados, não eram? Há um tempo atrás? Porque hoje em dia você não pode fazer nada com uma pessoa de idade, você não pode fazer nada porque, como diz, você pode ir até preso, não é? – dona Maria José

Então eu costumo falar que só o fato de você conseguir tirar um idoso de dentro de casa já é uma conquista. A mulher: só trabalhando e quando vai descansar um pouquinho, só pensando em doença. E o homem, comendo e dormindo e ficando tudo obeso, ou comendo e dormindo ou judiando da mulher. Porque você sabe que o homem tem mais dificuldade de aceitar a velhice do que a mulher. A mulher aceita na boa o homem não. É verdade! Tanto que, se do casal, o homem morre a mulher se vira bem, o homem sozinho já é complicado e eu já escutei as pessoas falarem: Eu não vou lá! Lá só tem velhos e eu não sou velho. E a pessoa tem 60, 60 e poucos anos e geralmente é homem. Homem não aceita a velhice fácil não, mulher é mais tranquilo. Então eu acho que só o fato do grupo conseguir tirar o velho de casa, vir jogar um bingo, participar, viajar como ontem, eu cheguei da praia com eles. Quase 50 pessoas, tudo da terceira idade. Porque a pessoa fica muito em casa, principalmente a pessoa idosa, ai começa a entrar em conflito com a neta, o filho ai começa entrar em depressão, por isso que vários médicos mandam procurar aqui, quando está com depressão. Pena que o nosso espaço é pequeno e a gente não pode acomodar todo mundo que quer vir. Não tem condição para muita gente, mas eu acho que só o fato de

sair de casa, já vale a pena todo trabalho e preocupação que a gente possa ter. – dona Dina

Interesse pessoal em ser membro da Comissão Gestora: posição social e benefícios

A maioria dos idosos que ingressaram na Comissão Gestora não o fizeram por uma iniciativa pessoal e sim foram convidados para participar, através das funcionárias do SESI. Porém ao identificarem-se com a proposta, notamos nos relatos que passaram a descobrir a relação dessa participação com os seus interesses pessoais.

Entrei em setembro de 89. Acabou que eu fiquei com a tesouraria. Porque as pessoas tem medo de ficar mexendo no dinheiro, acham que é muita responsabilidade. Mas é um serviço que eu gosto muito, primeiro porque eu gosto de mexer com numero, não é a toa que tenho dois filhos economistas (risos) e segundo porque eu gosto de conviver com as pessoas, eu gosto muito. Você vê, eu sei o nome de todo mundo, eu sei a maioria dos problemas de todo mundo. Então, além de mexer com dinheiro eu gosto de conviver com as pessoas e eu, fazendo essa parte do dinheiro, eu lido mais com eles. Porque eles podem entrar e sair e não falar com quem está na cozinha, com quem está lá no microfone, mas se tem que pagar, tem que passar por mim! Não tem jeito porque sou eu que faço a cobrança. Então para mim é muito prazeroso, o dia que eu não puder vir mais, eu fico triste. Faz 20 anos que eu mexo com essa parte financeira – dona Dina

*Eu entrei porque na Comissão era o Toninho e a Cidinha, e eles saíram. Então o Balista falou: quem que eu vou por? Então convidou eu e a Léo, se nós queríamos. **E o que o senhor acha de participar?** Ah eu gosto! Eu gosto porque ficar em casa eu não tenho paciência. (risos) Em casa eu também sou desse jeito, eu não tenho paciência de ficar parado. As vezes sento para assistir televisão com a Léo, um pouco já estou saindo. Ué você não vai ficar aqui? Ah, vou dar uma volta! Não na rua, fico no quintal. O quintal meu é grande tem três casas, a minha que eu moro e mais duas no fundo. Então fico por lá. – Sr. Carmelo*

Pudemos relacionar o relato de um dos homens entrevistados com os objetivos do SESI em proporcionar espaços de autonomia após a aposentadoria, pois ele refere-se à manutenção do status social e a possibilidade de sentir-se útil socialmente.

Sentir-se mais valorizado, não fico só jogando bingo não, eu sou diretor. Antes era diretor agora é Comissão, diz que só a nossa, ainda era diretoria, então mudou. Não ganho nada, a gente se sente útil. Antigamente eu fazia as compras, mas sempre tem que mudar, então colocaram outras pessoas para fazer as compras. Eu fiz por muitos anos, sem ganhar, nem a gasolina. (...) Eu acho importante porque se não eu não vinha há 20 anos, não é? E nós, principalmente estando na Comissão, somos um pouquinho mais, como é que fala? Acho que compensa você comandar. É claro você não manda em ninguém, não é que manda, mas é modo de dizer. – Sr. Orlando

Dos quatro idosos entrevistados, três deles estão na Comissão há 20 anos e os maiores benefícios apontados por eles, dizem respeito à socialização e conquista de novas amizades, ficando evidente também que o fato de desempenharem um papel não apenas de participantes recebedores das ações, mas de participantes protagonistas colaborou com a sua permanência no grupo e na Comissão por tantos anos.

A relação entre a Instituição e a Comissão Gestora

Partindo do pressuposto que a formação de uma Comissão Gestora nasceu junto com o projeto para idosos do SESI, as relações criadas, ao longo dos anos, são consideradas pelos idosos e funcionários como harmoniosas e de respeito mútuo, considerando, sobretudo, a parceria estabelecida para o bom funcionamento do grupo, no qual Comissão e SESI executam ações conjuntas, não sendo possível a ausência de um dos parceiros no desenvolvimento dessas.

Com o tempo o Grupo Amizade na Terceira Idade conquistou independência na realização de suas ações e autosustentação financeira, estando vinculado ao SESI, porém com autonomia no que diz respeito à realização de seus encontros utilizando os espaços físicos do SESI e sendo acompanhado por uma funcionária.

Como já citamos anteriormente, o SESI por ser uma entidade público/privada de âmbito nacional, tem uma estrutura de atendimento definida, portanto algumas orientações vindas do Departamento Regional devem ser cumpridas, sem muitas possibilidades de negociação. Porém, até o momento, a Comissão julga que as mudanças que ocorreram ao longo dos anos não

prejudicaram em excesso o grupo, apesar de haver algum tipo de prejuízo citado como dificuldades, mas que foram sendo superados.

Na relação com a agente de ações sociais os idosos entendem que as discussões e reflexões devem considerar a posição desta como funcionária do SESI, sempre prezando pelo bom senso nas decisões.

Ah, mas a gente não pode contrariar, discordar muito. Sei lá! Diz que vem lá da FIESP, eles que comandam, que tem que ser assim. – Sr. Orlando

É nem tudo a gente pode fazer porque elas são empregadas, não pode sair do que vem. Então tem que aceitar porque também a gente não vai prejudicar elas. Então vamos supor, a gente quer dar um baile, mas elas tem ordem de que não pode. Nós temos que aceitar, porque nós também estamos ocupando o espaço e temos que aceitar o limite deles. Quando é uma coisa que não prejudica elas, que está dentro do que elas podem fazer, aí está tranquilo. Eu reclamo muito do espaço, porque esse salão aqui é enorme não é? Já fizemos muito teatro ali, muito bailado e figurado. Não é porque sou eu que ensaio, as pessoas gostam e já tira mais de casa. – dona Dina

Os desafios e as demandas atuais apontadas pela Comissão Gestora

Durante as entrevistas dois principais assuntos foram apontados pela Comissão Gestora como necessidade de discussão. O primeiro diz respeito a reflexão sobre a atividade do bingo e a outra sobre a orientação do SESI para que o número de idosos por encontro se limite a 60 pessoas.

Como vimos no tópico sobre o funcionamento da Comissão, existe durante os encontros a realização do bingo que é uma atividade oferecida desde que o grupo foi formado e que, no entendimento dos idosos, é um das atrações mais fortes para a participação dos membros do grupo.

Essa questão se colocou como algo a ser pensada, pois o SESI entende que o grupo poderia ser mais eclético no oferecimento das atividades, pois grande parte do tempo de realização do encontro é destinado ao bingo e há dificuldade, por parte dos idosos, em aceitar novas propostas, como por exemplo, palestras ou oficinas temáticas.

A Comissão não vê a atividade como problema, sobretudo, porque julgam agradar os idosos, e que realmente não aceitariam novas atividades, sendo passível até de uma diminuição drástica no número de participantes, caso o bingo viesse a não acontecer.

É com esse dinheiro que o grupo funciona e com o bingo, porque as mulheres gostam do bingo e também passa tempo. Mas eles querem evitar um pouco porque diz que a terceira idade do SESI não é só bingo, é palestra, exercício. Falou em palestra, vou dizer a verdade (risos), as pessoas não querem participar, não as agrada. (...) Os funcionários vem só pra abertura e o resto nós que fazemos. Eles querem fazer exercício, por exemplo, (risos), a gente é velho! Então naquela época fazia, colocava aquelas madeiras no chão, então fazia subir e descer (risos). Só que tinham quantos? Umas 20 pessoas, agora com 200 não dá pra fazer. - Sr. Orlando

Porque mesmo nós estando nessa Comissão, eles falam que o grupo se interessa mais em vir por causa do bingo. Porque idoso gosta de bingo, a gente sempre comenta que se tirar o bingo acaba. Já faz muitos anos que a gente fala disso. Porque tem pessoas que vem, que ela tem vergonha, ela não vai no palco, não fala nada, não recita, não lê uma mensagem. Você conta nos dedos. Porque para cantar não tem pessoas diferentes, são sempre os mesmos. Porque elas não querem vir, elas tem vergonha. Então tem que ter, vamos supor, se tivesse só a Luciana e Patricia elas tem que planejar. Porque palestra elas não gostam mesmo, não suportam. A maioria vem por causa do bingo, não é nem por causa de ganhar, porque não é sempre que ganha. Mas o pessoal gosta mesmo é disso daí. – dona Maria José

Justificam ainda que, na verdade, os idosos usam as atividades, e o próprio bingo para se socializar com outras pessoas, pois a necessidade de contato social seria fundamental para eles.

Tinha mais umas brincadeiras, mas acontece que o nosso pessoal é muito bingueiro. O pessoal gosta de bingo e de baile. Agora também tem o pessoal que gosta de ficar ai jogando a carta, o dominó, damas. Ai joga e na hora do café vai para lá. Agora se tivesse mais espaço, faríamos mais gente sair de casa. Porque a maioria dos idosos, vou falar dos nossos aqui, ai eu me incluo porque eu também sou idosa. Eles, as vezes, não querem muita coisa, eles querem só alguém para ouvir. Entendeu? A maioria dos idosos não querem nada, só querem alguém para ouvir o que ele tem a dizer. Então a pessoa que gosta de jogar bingo, vem e joga.

Quem gosta de cantar, vem e canta. Quem é mais, assim acanhado, faz amizade com a colega, já fica conversando. Então isso que é importante, não é nem chegar cantar e jogar bingo. É fazer amizade com outra pessoa, conversar, aí pega intimidade já conta o seu problema, escuta o da outra. Então eu acho que o grupo só por isso já tem a importância dele. Ficar ali duas, três horas ali, acho que esquece os problemas, esquece da doença. – dona Dina

Com relação as novas diretrizes do SESI quanto ao número de participantes nos encontros, provem de um documento encaminhado neste ano de 2009 para as unidades. Ele orienta que a partir de uma avaliação dos técnicos do Departamento Regional, os grupos utilizem a nomenclatura “terceira idade” ao se referir ao projeto, e que realizem seus encontros para um público preferencialmente de até 60 pessoas, visando a qualidade do trabalho a ser desenvolvido.

A realidade do Grupo Amizade na Terceira Idade é de um número aproximado de 120 participantes por encontro, variando nos dias em que há comemorações. Dessa maneira a funcionária do SESI se incumbiu de, junto a Comissão Gestora, pensar alternativas para atender às novas diretrizes. Tal discussão vem sendo construída ao longo das reuniões, e até o momento as principais reflexões giram em torno de:

a) Hoje o grupo é único e oferece atividades duas vezes na semana, sendo coordenado por uma Comissão Gestora.

A proposta inicial do SESI é de que o grupo se divida em Grupo 1 e Grupo 2, e os idosos passem a freqüentar a atividade apenas no dia do seu grupo. Essa proposta faria com que os idosos passassem a ter um dia de atividade semanal, ao invés de dois dias.

b) Cada grupo teria a sua própria Comissão Gestora.

Estando o público dividido em Grupo 1 e 2, deveriam ser criadas as respectivas Comissões, porém surgiu uma questão que diz respeito aos recursos materiais e financeiros adquiridos até o momento pela Comissão e pelo grupo existente. Com quais recursos o novo grupo funcionaria?

Em umas das reuniões de que participei que tratava desse assunto, houve muita divergência de opiniões e não se chegou a uma definição, sendo remarcada

nova reunião para tratar do assunto. As principais colocações dos idosos nessa ocasião, registradas no caderno de campo da pesquisadora, foram:

Eu acho que nós somos um grupo, nós temos que ficar juntos, se é para escolher um dia só para vir, que a Comissão permaneça e a gente cuida do nosso grupo e eles cuidam do deles.

Isso não vai dar certo. E as nossas coisas? Vamos ter que dividir? E o armário que estão as nossas coisas, como eles vão usar junto com a gente?

Vai ser uma confusão, as pessoas estão acostumadas a poder vir os dois dias ou no dia em que quiserem, agora só vão poder vir na segunda ou na quarta?

As pessoas não vão aceitar as dinâmicas, as atividades que vocês tem que fazer, eles querem o bingo!

Eu espero sinceramente que dê certo. Mas não vai dar! Antigamente nós tínhamos só um dia na semana, aumentou porque aumentou a participação, agora vai voltar um dia só? Ninguém quer assumir responsabilidades, ninguém vai querer fazer parte dessa nova Comissão.

Mas nós precisamos pensar nisso, porque é uma orientação do SESI, devido a qualidade e o ISO, vai ter que acontecer de alguma maneira. Vocês vão se adaptar, não se adaptaram a outras coisas até hoje?

É até agora, nunca houve mudança nenhuma assim. Agora essa mudança que está sendo mais radical.

Até o momento em que encerramos a pesquisa houve outras reuniões para discutir o assunto¹⁸, porém com pequenas possibilidades de intervenção por

¹⁸ Após o encerramento da pesquisa, ao visitar o local, soubemos que haverá dois grupos a partir de 2010. Será eleita uma Comissão Gestora para cada grupo com a sugestão de que as candidaturas surjam de idosos que não compõem a Comissão atualmente em funcionamento. Em conversa informal com alguns idosos soubemos que houve descontentamento por parte dos idosos do grupo devido a redução dos encontros de dois dias para apenas um dia na semana. Quanto a possibilidade de renovação da Comissão e a não permissão para reeleição, alguns idosos se referiram estar decepcionados e sentindo-se desvalorizados após anos de dedicação como membros da Comissão. Entendemos que, devido as exigências burocráticas de implantação de um sistema de qualidade (ISO), apesar da orientação da Divisão de Ações Sociais para formação da Comissão Gestora, não fica clara sua intenção, já que nos parece ter muito mais um papel executivo do que protagonista, quando observamos que a Comissão, não consegue opinar e alterar decisões vindas do Departamento Regional que parece não considerar as realidades locais

parte da Comissão Gestora, pois esta diretriz deverá ser obedecida o mais rápido possível, devido a implantação do ISO em 2010, onde a unidade passará por constantes auditorias. Para tanto, estabeleceu-se alguns procedimentos:

- orientação ao grupo sobre o novo formato do projeto para 2010.
- distribuição de ficha de cadastro com a opção do dia que gostariam de participar.
- após a formação dos dois grupos, se procederá à eleição das novas Comissões Gestoras.

Encerrando essa apresentação, observamos como tendências mais fortes na atuação da Comissão Gestora, no âmbito do SESI Amoreiras:

- 1) Uma maioria feminina constitui o grupo e a Comissão Gestora, conta com forte participação das mulheres nas discussões e dos homens mais na execução.
- 2) A Comissão conquistou independência financeira e criou fortes vínculos com os idosos do grupo, porém em algumas circunstâncias não tem autonomia para discutir determinações vindas do Departamento Regional de São Paulo.
- 3) Há uma necessidade de discutir a visão dos profissionais e dos idosos quanto a estrutura dos encontros do grupo e quanto a possíveis alterações.
- 4) Evidencia-se que a Comissão tem alto nível de responsabilidade na execução das tarefas para a boa realização dos encontros do grupo.
- 5) A proposta de trabalho sugerida pelo Departamento Regional parece não respeitar as realidades locais e a autonomia das Comissões Gestoras, apesar de ser condizente com o atendimento ao público idoso.

nem as manifestações dos usuários. Com essa atitude o SESI desvaloriza o processo de organização dos idosos por eles atendidos e não reconhece o protagonismo dos membros da Comissão Gestora, caracterizando um nítido retrocesso na relação da entidade com os idosos por ela atendidos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Estudar o envelhecimento do ser humano tem sido algo extremamente importante para mim, envolvendo um grau de sensibilidade que me remete para além de apenas um corpo envelhecido, mas para a unicidade daquele velho que busca realizar seu projeto de felicidade anseio comum a todo ser humano.

O prolongamento da vida trouxe e ainda trará desafios importantes para a humanidade. Esses desafios estão intimamente relacionados às políticas públicas de bem estar geral da população, porém um fator de fundamental importância embasa essas mudanças: as relações afetivas intergeracionais.

O atendimento das novas demandas da população que mais cresce em todo mundo terá importância a partir do conceito que a sociedade desenvolverá sobre sua existência e sobre sua representação, cada vez mais intensa, em todos os ambientes sociais e familiares.

Considerando que envelhecer com dignidade está relacionado às oportunidades que o indivíduo teve e explorou, ao longo da vida e no momento da velhice, à chance de ter acesso as condições adequadas de educação, saúde, habitação, alimentação, trabalho e lazer, uma velhice bem sucedida dependeria de todos esses fatores que irão determinar a longevidade, a produtividade, a satisfação, a manutenção da sociabilidade através de uma rede de relações de amizade e familiares, e ainda do desenvolvimento das capacidades de auto-regulação da personalidade e das motivações para buscar formas de interação social.

O investimento na convivência saudável entre as diferentes idades deverá trazer contribuições importantes para a qualidade de vida das pessoas idosas, sobretudo diante do aumento dos anos de vida que exigirá intervenções de todas as ciências a fim de atribuir qualidade à esses anos em que se viverá mais.

O desenvolvimento do protagonismo do idoso como uma ferramenta de apoio para a aquisição de novos papéis e de inclusão social, merece atenção, pois se apresenta como um investimento importante para o atendimento das demandas dessa população, que em sua maioria se encontra muito ativa ao entrar nos 60

anos de idade, e que pode ser motivada pelas instituições que coordenam Centros de Convivência para Idosos e pelas Instituições de Longa Permanência à elaborarem novos projetos de vida.

Esta pesquisa pensa o protagonismo de idosos independentes e autônomos, porém sabe-se que a longevidade traz como consequência algo ainda em estudo pelos especialistas, que diz respeito ao atendimento dos idosos muito idosos, já que mais anos de vida, representam também mais cuidados com saúde e bem estar geral.

Nesse sentido, acreditamos que o protagonismo exercido pelos idosos mais jovens possibilitará à esses a vivencia de um envelhecimento saudável e prazeroso e poderá repercutir em ações que atinjam também os demais idosos que se encontram dependentes, pois é a partir dessa ação cidadã consciente que os órgãos responsáveis poderão atentar para as diferentes demandas postas por cada faixa etária do envelhecimento e pelos diferentes idosos, visto ser o processo de envelhecimento algo heterogêneo.

A partir de agora irei expor ao leitor as observações provenientes da análise dos dados que coletei ao entrevistar idosos e profissionais e ao acompanhar as atividades realizadas pelas Comissões Gestoras, esperando colaborar assim para o conhecimento da velhice e do envelhecimento, atribuição do campo da Gerontologia e de outras ciências afetas a esse tema tão relevante para os dias de hoje e, sobretudo, para os tempos de amanhã.

Retomando meus objetivos, inicio pela confirmação do meu próprio tema de pesquisa “**O Protagonismo de Idosos em Comissões Gestoras**”, pois descobri que ele é real e merece ser conhecido.

Busquei com esta pesquisa “descobrir iniciativas de protagonismo em idosos integrantes de Comissões Gestoras na comunidade: como se mobilizam e se organizam em parceria com diferentes profissionais, em busca do atendimento de suas demandas visando um processo de envelhecimento saudável”. E concluo-a com a descoberta dessas iniciativas reveladas na atuação dos idosos das duas

Comissões Gestoras estudadas, em diferentes momentos de sua ação, mas também no conjunto de todo funcionamento dos projetos, sendo essas ações as que funcionam como peças fundamentais para sua existência e efetividade.

O conceito de protagonismo de idosos que procuramos construir no primeiro capítulo desta pesquisa, diz respeito à uma ação propositiva de reflexão, discussão e ação que fazem parte do processo de planejamento das ações do grupo. Essa postura, em geral, é adotada por pessoas com perfis compatíveis às exigências de participação não somente como agentes passivos, mas como sujeitos políticos que, a partir disso, constroem um projeto comum através de uma cultura que fundamenta seus discursos e práticas, articulando dessa forma as ações dirigidas ao grupo maior.

Partiremos para a apresentação das observações tendo como eixos de reflexão as relações entre o surgimento do protagonismo e a origem das instituições onde se inserem as Comissões Gestoras; a estrutura dos grupos e as características sociológicas apresentadas pelos membros das Comissões Gestoras e pelos idosos do grupo.

Focalizando o **protagonismo e a relação com a origem das instituições onde se inserem as Comissões Gestoras** observamos que a Comissão Gestora do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia nasceu em um berço de iniciativa comunitária, ou seja, já a própria criação da instituição, surge do envolvimento e do trabalho da comunidade local organizada. É da vontade de um grupo de pessoas que deseja melhorias para o local onde sua família vive, a criação de um espaço de atendimento que ancore um futuro melhor para as crianças e os adolescentes. Portanto, é nesse bojo que a instituição investe na formação da Comissão Gestora composta por idosos, pois esses podem trazer consigo as reais necessidades de seu segmento, representando-os nas discussões e no planejamento das ações.

Assim, a efetiva presença da comunidade é incentivada e preservada como parte da filosofia da instituição. É também valorizada como essencial para o

bom funcionamento do projeto, que deverá cumprir o objetivo de oferecer espaços de acolhimento e convivência.

Essa forma de existir do Centro Comunitário faz com que, inevitavelmente, a Comissão seja incentivada a solidificar cada vez mais sua atuação, a ser cada vez mais protagonista de ações em prol do grupo que coordena.

Notamos que os membros da Comissão Gestora do Grupo da Amizade se constituem, através de suas ações, observadas sobretudo no momento da realização de suas reuniões, como sujeitos políticos atuantes em prol de seus pares por meio da parceria que estabelecem com a instituição. Evidencia-se uma forte presença das mulheres que compõem essa Comissão seja como representantes de uma classe, de uma categoria ou de uma parcela da população.

Em alguns momentos as ações esbarram na falta tanto de recursos financeiros como de estrutura física, porém se fortalece a filosofia da ação comunitária responsável pela avaliação e busca de melhorias das atividades oferecidas, a partir da capacidade que a Comissão tem de se organizar de maneira autônoma.

No caso da Comissão Gestora do SESI Amoreiras vimos que há diferenças quanto ao objetivo de formação da Comissão e de como esta se consolidou. Também há que se lembrar que o SESI é uma instituição de âmbito municipal, ou seja, as pessoas que são beneficiadas tem origem nos diversos bairros da cidade e que a instituição foi implantada a partir da iniciativa de uma instituição privada e por isso difere também na proposta de constituição da Comissão Gestora.

Como vimos na apresentação do SESI a idéia inicial era de criar espaços de ocupação para os idosos recentemente aposentados. Para a formação da Comissão Gestora, os idosos foram convidados a participar e não estariam ali movidos pela vontade de buscar melhorias no atendimento da comunidade local, como vimos ser a marca do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia.

Portanto, a filosofia das instituições difere no aspecto da representatividade, ou seja, a Comissão Gestora do SESI é portadora da voz de idosos vindos de todo município, com a demanda principal de inclusão social, socialização e convivência.

Assim podemos sugerir como reflexão desta pesquisa, que o fato de uma Comissão ser criada a partir do desejo de atuação da comunidade e a outra não possuir esse aspecto, que a primeira é facilitadora do surgimento de novas iniciativas de protagonismo. Dessa maneira concluímos que o protagonismo existe na atuação das duas Comissões, mas é mais visualizado enquanto força política no Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia.

Os membros da Comissão Gestora do SESI são fortemente protagonistas em suas ações de desenvolvimento e manutenção das atividades do Grupo Amizade na Terceira Idade, mas não possuem a mesma força política que a Comissão Gestora do Centro Comunitário, pois encontram barreiras organizacionais dentro do próprio SESI, que é uma instituição público/privada que funciona a partir de diretrizes centrais, ou seja, é coordenado por departamentos regionais e nacional para funcionar, segundo normas estabelecidas para todos os seus núcleos, normas essas que não permitem uma maior flexibilização. Mesmo assim podemos dizer que as ações da Comissão são protagônicas, porque se realizam num espaço de discussão, porém se limitam a alguns momentos não podendo ser ampliadas, devido a obrigação de cumprir as diretrizes da instituição.

Como exemplo para a reflexão acima podemos nos reportar a atual dificuldade financeira, que foi apontada como a mais relevante pelos idosos entrevistados da Comissão Gestora do SESI, por não permitir a realização de atividades que eram rotineiras e consideradas importantes para o grupo. Os idosos relataram que atualmente o grupo não possui valores em caixa suficientes para a realização dessas atividades, porque no final do ano de 2008, foram orientados pelo SESI a utilizarem uma parte do valor, já que esse vinha sendo poupado há alguns anos. Os idosos relataram que não concordaram com o uso do

valor na escala em que foi gasto, o que desfalcou o caixa, porém mesmo assim, cumpriram com o pedido da instituição.

Entendemos que nesse momento a autonomia da Comissão Gestora pode ter sido cerceada e desconsiderada, devido a uma orientação central da instituição, não havendo uma decisão mais democrática, nem uma atitude mais contestadora por parte da Comissão Gestora do SESI.

Quanto às **ações protagônicas segundo a estrutura dos Grupos para Idosos**, observamos que devido a diferença na estrutura das atividades oferecidas no Grupo da Amizade e no Grupo Amizade na Terceira Idade, as possibilidades de criação de vínculos entre os membros das Comissões Gestoras e os idosos dos grupos também são diferentes nos dois espaços pesquisados.

A Comissão Gestora do SESI nos parece ter maiores possibilidades de estabelecer contato mais próximo e efetivo com os idosos do grupo, devido aos encontros serem realizados duas vezes por semana, o que garante também a manutenção desses laços e dá maior visibilidade ao trabalho desenvolvido por seus membros, pois são responsáveis por toda organização e condução do encontro, não permanecendo apenas nos bastidores.

No Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia a Comissão mantém os vínculos com os idosos porque participa das atividades físicas oferecidas, mas não tem a mesma visibilidade de coordenação da atividade, pois essa cabe ao professor de educação física. Nesse caso, a Comissão Gestora se coloca diante do grupo em determinados momentos, como por exemplo, para o anúncio de inscrições para um passeio ou a realização de algum evento.

Vale lembrar que essa Comissão citou como uma de suas dificuldades a questão da comunicação com o grupo, pois como em geral esse espaço comunicativo é o das aulas de ginástica, relatam que os idosos apresentam falta de atenção, justificados pelo fato de estarem ali com objetivo de praticar a atividade física e não para conversar ou debater.

As dificuldades no quesito comunicação entre a Comissão Gestora e o grupo, não interferem diretamente no desenvolvimento do protagonismo dos idosos, mas prejudicam a representatividade desses com relação aos interesses do grupo, pois havendo maiores vínculos supõe-se que os idosos do grupo pudessem expor mais suas necessidades e que essas fossem acolhidas pela Comissão que os representa, na tentativa de atendê-las através de negociação com a instituição.

Quanto ao acompanhamento dos profissionais, como facilitadores das discussões das Comissões Gestoras, observamos que o protagonismo dos idosos pode ser incentivado também segundo a visão desses sobre o tema em questão.

A formação acadêmica dos profissionais que compõem as Comissões Gestoras é em Biologia, Educação Física e Serviço Social. Nenhum deles cursou pós graduação em Gerontologia, sendo todos autodidatas na aquisição de conhecimento sobre o envelhecimento.

Durante as observações nos espaços pesquisados notamos que os mesmos assumiram posturas profissionais condizentes com o respectivo local de trabalho. Ou seja, os profissionais do Centro Comunitário desenvolveram e adotam uma postura de investimento na autonomia dos idosos da Comissão Gestoras, motivando-os a serem agentes comunitários ao propor e refletir com liberdade e consciência sobre sua importante presença dentro do grupo e da instituição.

Já os profissionais do SESI encontram maiores barreiras para incentivar o aparecimento do protagonismo da Comissão Gestora, pois a instituição apresenta uma estrutura organizacional e uma filosofia diferenciadas das do Centro Comunitário, o que impossibilita a realização de um trabalho mais sistemático para o surgimento de um movimento entre os idosos, fundamentado numa postura protagônica que vá além da já existente, podendo, em alguns momentos, até se opor às diretrizes centrais da instituição.

Observamos também que o investimento em maiores níveis de protagonismo tem alta relação com o perfil dos profissionais, pois esses são os representantes das entidades gestoras e por isso são vistos pelos idosos como os que apresentam as diretrizes e as possibilidades de ampliação das ações do grupo.

Quanto aos recursos físicos e financeiros de ambos os grupos, ficou evidente a autosustentação através da arrecadação das mensalidades, da venda de bingo ou da realização de eventos para angariar fundos. Percebeu-se também que cabe às instituições o suporte no oferecimento do espaço físico para realização das atividades e a disponibilização dos profissionais habilitados.

Quanto as mudanças nas estruturas dos projetos, a partir do relato dos idosos das Comissões Gestoras, não foi mencionada por nenhuma das duas a necessidade ou intenção de extinção ou inserção de novas atividades. Apenas, por parte do SESI, estão sendo sugeridas alterações, ainda em discussão, quanto a divisão do grupo em dois outros com número menor de participantes. Tal fato nos leva a entender que a Comissão Gestora encontra-se satisfeita com as atividades que vem sendo propostas e inclusive afirma em seus relatos que os idosos do grupo também estão.

Focalizando o **protagonismo e a relação entre as características sociológicas presentes entre os membros da Comissão Gestora e entre os idosos dos dois grupos estudados**, observamos que os perfis socioeconômicos e educacionais dos membros da Comissão Gestora e aquele dos idosos do Grupo da Amizade do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia, apresentam semelhanças que podem estar relacionadas às possibilidades de sucesso ou insucesso das ações protagônicas da Comissão, considerando alguns aspectos tais como:

- a) A Comissão Gestora é formada por 8 mulheres, compatível com a realidade do grupo que é formado por 81,65% de idosos do sexo feminino.

- b) 50% dos membros da Comissão residem no próprio Jardim Santa Lucia, assim como 66,66% dos integrantes do grupo.
- c) 50% dos membros da Comissão possuem renda de 01 salário mínimo, compatível com os 31,66% dos idosos que participam do grupo. 37,5% dessas pessoas também não possuem renda alguma, assim como 35% dos idosos do grupo.
- d) Com relação a escolaridade, apenas 5 dos 60 idosos do grupo concluíram o ensino médio, sendo que 4 deles são membros da Comissão Gestora.

As observações acima nos revelam uma relação entre gênero, bairro de residência e nível socioeconômico que apresenta muitas semelhanças entre os membros da Comissão Gestora e os idosos do Grupo, sendo que ela difere apenas quanto ao nível educacional.

O fato de haver maior presença das mulheres do que dos homens nos projetos para idosos é muito comum e reflete uma questão cultural de participação da mulher nos espaços comunitários, algo que vem aumentando também entre os homens, porém de maneira ainda pouco expressiva.

Notamos na atuação da Comissão Gestora do Centro Comunitário, que as mulheres apresentam um perfil de agentes e são responsáveis por todas as fases do planejamento e execução das ações, mantendo dessa forma o sucesso dessas, sem necessariamente depender do apoio de idosos do sexo masculino, através do desenvolvimento de uma postura autônoma, independente e consciente.

O fato de 80% do total dos idosos que concluíram o ensino médio pertencerem à Comissão Gestora é algo que merece destaque, pois sugere que quanto maior o nível educacional maiores são as possibilidades de mobilização e envolvimento em ações da comunidade, a partir de uma visão mais ampla do exercício da cidadania.

Não se pretendeu dizer aqui que os idosos com níveis educacionais mais baixos não se mobilizam e não participam de ações da comunidade e sim que, um perfil de agente protagonista, pode surgir de maneira mais natural em indivíduos que tiveram mais acesso a informações e desse modo se sentem mais preparados para participar de discussões coletivas, onde é exigida uma postura propositiva e autônoma.

Outro fator importante diz respeito ao fortalecimento dos vínculos com a comunidade, já que a maioria dos idosos do grupo reside no próprio Jardim Santa Lucia ou no seu entorno, o que acreditamos favorecer as ações de protagonismo em sua grande maioria baseadas no interesse comum de melhorias no atendimento da população que ali reside.

Como já vimos anteriormente, a Comissão Gestora do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia, apresenta altos níveis de protagonismo. Observamos que o sucesso dessas ações estão intimamente relacionadas a representatividade de seus membros, ou seja, o Grupo da Amizade esta representado através das semelhanças sociológicas e dos objetivos comuns de melhora do atendimento e da qualidade de vida dos idosos, que são partilhados também pelos membros da Comissão Gestora.

Entendemos, portanto que o protagonismo desta Comissão Gestora, além ser naturalmente valorizado pela instituição é também reflexo dos anseios de todo grupo, pois ambos se identificam na busca de ações que favoreçam o envelhecimento saudável.

Iniciando o relato das características sociológicas da Comissão Gestora do SESI e dos idosos do Grupo Amizade na Terceira Idade, observamos que existem semelhanças e diferenças entre ambos que podem ser descritas considerando a coleta de dados realizada com 64 idosos do grupo:

- a) A Comissão Gestora é formada por 9 mulheres, compatível com a realidade do grupo que é formado por 84,37% de mulheres e por 2

homens que representam os 15,62% dos idosos do sexo masculino do grupo.

- b) Os membros da Comissão residem em diferentes bairros da cidade, assim como os idosos do grupo, como já observado anteriormente devido a própria característica do SESI de atendimento a todo município.
- c) 63,63% dos idosos da Comissão Gestora possuem renda de mais de 3 salários mínimos, semelhante à maioria dos idosos do grupo que se encontram na mesma faixa de renda (35,93%).
- d) Com relação ao nível educacional, apenas 2 idosos da Comissão Gestora não tem escolaridade, sendo que 63,63% concluiu o ensino fundamental e 18,18% o ensino médio. E a maioria dos idosos do grupo estudou até a 3° série (32,8%).

Diferentemente da Comissão Gestora do Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia, a Comissão Gestora do SESI, conta com a participação de 2 idosos do sexo masculino em sua composição. Mesmo assim o número de mulheres (81,81%) é mais alto, representando também a maioria feminina que constitui o grupo.

Observamos também que no processo de discussão das ações que a Comissão Gestora realiza, a participação dos homens é preservada, porém nota-se um maior envolvimento destes na fase de execução do que na de proposições.

Com relação a situação econômica e educacional os membros da Comissão diferem dos idosos do grupo, pois 63,63 dos primeiros concluíram o ensino fundamental enquanto a grande maioria dos idosos do grupo (29%) cursaram apenas até a 3° série do antigo ensino básico.

Observamos desse modo, que, assim como na Comissão Gestora do Centro Comunitário, os idosos que se dispuseram a participar de ambas as Comissões Gestoras apresentam maior nível de escolaridade.

Para a situação econômica encontramos uma maioria na faixa salarial de mais de 3 salários mínimos, o que é representado por 35,93% dos idosos do grupo, porém não por sua maioria, pois a maioria dos idosos do grupo do SESI entrevistados, se encontra na faixa salarial de 1 salário mínimo (37,5%). Portanto, os membros da Comissão Gestora possuem melhor condição socioeconômica do que a maioria dos idosos do grupo.

Diante das relações acima, notamos que o protagonismo da Comissão Gestora do SESI existe, porém não surge na mesma intensidade apresentada pela Comissão Gestora do Centro Comunitário, talvez por aquela possuir maiores semelhanças com os idosos do Grupo da Amizade, o qual representa. Constatamos que claramente existem ações protagônicas por parte dos idosos do SESI, reveladas também pela alta participação do grupo nos encontros semanais, porém a Comissão Gestora atua mais no nível da execução das ações e não na resposta efetiva às demandas da comunidade local, como foi notado no Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia.

Tal fato na realidade se deve, como já mencionamos, por ser o SESI uma instituição de âmbito municipal e de gerencia nacional, que recebe idosos de toda a cidade a procura de socialização. No espaço do SESI, não é a participação da comunidade local a questão mais relevante e sim o acolhimento e a socialização dos membros do grupo não importando a comunidade local de onde provenham.

Poderíamos dizer talvez que a diferença mais clara entre as duas Comissões Gestoras estudadas é a maneira como o protagonismo emergiu, pois as ações desenvolvidas por seus membros são fundamentais para a realização dos encontros, estando estes totalmente sujeitos a acontecer ou não, a partir da atuação desses idosos. A assiduidade dos idosos do grupo revela o sucesso das ações protagonistas de ambas as Comissões Gestoras no atendimento da demanda desses idosos por maior inclusão social.

Chegando ao final dessas considerações entendemos que o protagonismo entre idosos esta fortemente relacionado à objetivos comuns, à criação de

vínculos e à força grupal e comunitária que as pessoas criam e recriam ao longo da vida, buscando a realização de um projeto de felicidade.

Concluimos ainda que o impacto social dos projetos desenvolvidos através do empenho dos idosos das Comissões Gestoras, de seu envolvimento e do uso de suas habilidades pessoais, contribui significativamente com o desenvolvimento da auto-estima, da autoconfiança, do autoconceito, da visão do futuro, do senso de identidade e do nível de aspiração vital dos idosos e possibilita a conquista de um espaço diferenciado de atuação, de busca de novos papéis sociais como atores responsáveis pela organização, mobilização e fortalecimento do segmento por eles representado.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BORGES, MCM. **Gestão Participativa em organização de idosos**. Tese de mestrado. Campinas: Unicamp, 2003.

BRASIL. **Lei 8.842 de 04/01/1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.

BRASIL. **Lei 10.741 de 01/10/2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

CAMARGO, A.; D'ARAÚJO, C. **Como a história oral chegou ao Brasil**. Rio de Janeiro.1999.

COSTA, ACG. **Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DALARI, D apud SOUZA, ML. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. São Paulo: Cortez. 8ª Edição, 2004.

DEPS, VL. In NERI, AL (org). **Qualidade de vida na idade madura**. Campinas: Papirus. 7ª edição, 2007.

ESCAMÉZ, J; GIL,R. **O Protagonismo na Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRA, MM. In MEUHY, JCS (org). **(Re)Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996 – (série eventos)

GOHN. MG. **O protagonismo da sociedade civil. Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. São Paulo: Cortez, 2005.

JOUTARD, P. **História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 4ª edição, 2001.

LANG. ABS (org). **Desafios da pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: CERU. 8, série 2, 2001.

MARTINELLI, M.L. **Pesquisa qualitativa – um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MARTINS. JPS. **FEAC: Biografia de um pacto social. 40 anos de integração, apoio e solidariedade**. Campinas: Átomo, 2005.

MEIHY, JCSB. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 5ª edição, 2005.

MINAYO, MCS. In: Vários Colaboradores. **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo. SESC: PUC, 2006.

NERI. AL. **Qualidade de vida na velhice. Enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2007.

PAZ, SF. In: PY, L (et al). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. São Paulo: Setembro, 2006.

PEREIRA. FC. Artigo: **O que é Empoderamento (Empowerment)**. Retirado do site: <http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia8/artigos1.php> em 15.06.09.

POLLACK, M. **Memória e identidade social**. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992.

SIMSON. ORMv. Artigo: **História Oral, autoridade compartilhada e empoderamento: contribuições de pesquisa em processos de transformação social**. Apresentado no Seminário: Sharing Authority, Building Community Alliances Through Oral History, Digital Story-telling and Collaboration, realizado na

Universidade Concórdia, Montreal, Canadá de 07 a 10 de fevereiro de 2008 pelo Centre for Oral History and Digital Story-telling.

SOUZA, ML. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. São Paulo: Cortez. 8ª Edição. 2004.

Sites:

www.campinas.sp.gov.br

www.sesi.org.br

www.mds.gov.br

Bibliografia

ABREU. RC. **A Escola e o Programa Cuidar: para além do protagonismo e do voluntariado**. Trabalho de conclusão de curso. Campinas: Unicamp. 2006.

OLIVEIRA. AB. **Protagonismo Juvenil: o Programa Aprendiz Comgás no Município de Campinas**. Tese de Mestrado. Campinas: Unicamp. 2009.

RAICHELIS, R. **Esfera pública e Conselhos de Assistência Social: caminhos da construção democrática**. São Paulo: Cortez. 1998.

ANEXOS



ANEXO 1
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
DA UNICAMP



CEP, 22/09/09.
(PARECER CEP: Nº 154/2009)

**FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

🌐 www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

PARECER

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “PROTAGONISMO EM GRUPOS DE IDOSOS, MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Cristiane Aparecida Braido

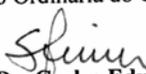
II - PARECER DO CEP.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP tomou ciência e aprovou o novo título “**O PROTAGONISMO DE IDOSOS EM COMISSÕES GESTORAS**” e os novos objetivos, referente ao protocolo de pesquisa supracitado.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

III – DATA DA REUNIÃO.

Homologado na IX Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 22 de setembro de 2009.


Prof. Dr. Carlos Eduardo Steiner
PRESIDENTE do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13083-887 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187

ANEXO 2
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sra. Elisa Candida de Sousa Rodrigues

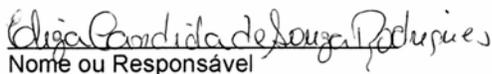
Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.
Assine se concordar:



Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braidó
Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP
Fone: 3268-0109 ou 9189-6670
Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP
Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Sr. Lucas Vieira dos Santos

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:



Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braido

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sra Maria Aparecida Siqueira Diniz

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:


Nome do Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braido

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Sr. Eduardo Rodrigues Neves

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

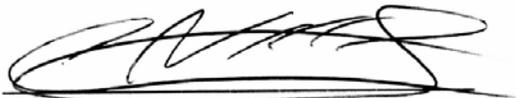
Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:



Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braidó

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sra. Eurípedes da Silva Nunes

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:



Nome do Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braido

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sra Patricia Dourado Costa

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.
Assine se concordar:



Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braidó

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Sr Francisco Marcondes Neto

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:



Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braidó

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Sr. Orlando Cantáfio

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

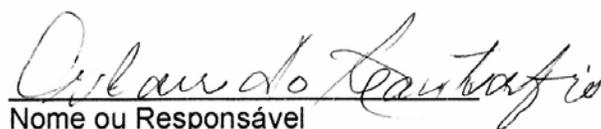
Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:



Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braidó

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Sr. Carmelo Moreno

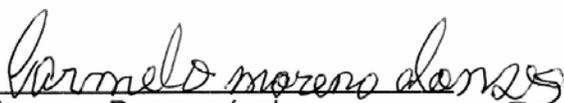
Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.
Assine se concordar:


Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braido
Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP
Fone: 3268-0109 ou 9189-6670
Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP
Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sra. Maria José Carvalho Cantáfio

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:


Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braido

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sra. Dina Gonçalves da Silva

Quero convidá-la para participar de uma pesquisa que estou realizando sobre projetos que possuem comissões formadas por idosos que colaboram no planejamento e execução das atividades.

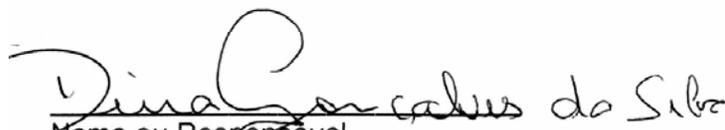
Esse estudo está ligado ao curso de mestrado que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

O Sr. (a) terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:


Nome ou Responsável

Responsável: Cristiane Aparecida Braido

Aluna do curso de mestrado em Gerontologia da UNICAMP

Fone: 3268-0109 ou 9189-6670

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3521- 8936

ANEXO 3

GUIA DE AÇÕES DESENVOLVIDAS COM A POPULAÇÃO IDOSA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

Guia de ações desenvolvidas com a população

Apresentação

A elaboração deste guia de ações desenvolvidas com a população idosa do município de Campinas, foi elaborado diante da necessidade de conhecer a rede de serviços oferecida no município, como subsídio para a definição dos possíveis locais de estudo e discussão com foco na pesquisa a ser desenvolvida durante a realização do mestrado em gerontologia da Unicamp.

A coleta de dados foi realizada através de contato telefônico em todos os serviços e entrevista no local, em pelo menos um serviço de cada área. Pretendeu-se, durante o contato, conhecer em linhas gerais o tipo de serviço oferecido e como se dava a participação do idoso no planejamento, execução e avaliação das atividades oferecidas.

Elaboração:
Cristiane Aparecida Braido

Assistente Social

Mestranda em Gerontologia – Unicamp

A fase de coleta de dados teve início em novembro de 2007, sendo realizada também nos meses de janeiro a fevereiro de 2008. Para finalizá-la partiu-se do princípio que as informações estavam sendo saturadas, no momento da entrevista com profissionais e idosos, nas pesquisas on line ou nas pesquisas em documentos informativos, quando as mesmas passaram a se repetir. Porém a pesquisadora entende que não conseguiu contemplar todos os serviços do município, por talvez existirem ações não divulgadas ou conhecidas.

O objetivo inicial da pesquisa a ser desenvolvida, com o tema “Protagonismo de idosos em Comissões Gestoras”, sobretudo na fase da coleta de dados mencionada acima, foi atingido, sendo encontrados dois grupos auto geridos por idosos, com tempo significativo de existência e relevantes trabalhos, que despertaram o interesse da pesquisadora: Centro Comunitário do Jardim Santa Lucia e SESI Amoreiras.

2008

ASSOCIAÇÃO DOS IDOSOS DE CAMPINAS

Atividades: orientação sobre direitos e deveres, encaminhamentos, passeios, coordenação de grupos na comunidade.
Endereço: Ferreira Pentecado, 1331. Cambui
Telefone: 3384-1919

Grupos associados

GRUPO ANDORINHAS

Atividades: ginástica, dança, artesanato, passeio, confraternizações.
Endereço: R. Frederico Ozanã, 360. Vila Joaquim Inácio
Telefone: 3276-2810

GRUPO AMIZADE III

Atividades: ginástica, dança de salão, danças regionais, artesanato, passeio, confraternizações.
Endereço: Av. Cardeal D. Ângelo Rossi, s/n. Vila Padre Anchieta
Telefone: 3282-2142

GRUPO UNIÃO

Atividades: ginástica, artesanato, passeio, confraternizações.
Endereço: R. Barão de Porto Feliz, s/n. Jardim Eulina.
Telefone: 3241-5909

GRUPO NOVA IORQUE

Atividades: ginástica, passeio, confraternizações.
Endereço: R. Alberto Soares, s/n. Carlos Lourenço
Telefone: 3255-1586

GRUPO REVIVER I

Atividades: ginástica, artesanato, passeio, confraternizações.
Endereço: R. Dr. Mário Yhan, s/n. Vila Pe Manoel da Nóbrega.
Telefone: 3229-1567

GRUPO REVIVER II

Atividades: ginástica, artesanato, passeio, confraternizações, palestra.
Endereço: Salão Comunitário do Jardim Independência
Telefone: 3388-0111

GRUPO REVIVER III

Atividades: ginástica, artesanato, passeio, confraternizações, lian gong, bingo.
Endereço: Paróquia N. S. do Perpétuo Socorro. Nova Europa
Telefone: 3238-7629

GRUPO HARMONIA

Atividades: passeio
Endereço: Joaquim de Souza Vilela, nº 346 – São Bernardo
Telefone: 3272-2431

GRUPO SORRISO

Atividades: passeio
Endereço: sem endereço
Telefone: 3242-1014

SESC CAMPINAS

Atividades: hidroginástica, natação, voleibol adaptado, teatro, projeto gerações, ginástica, palestras, sarau, artesanato, grupo de reflexão, projeto Escola Aberta, passeio.
Endereço: Av. Dom José I, nº 270 – Bonfim
Telefones: 3737-1515

SESI SANTOS DUMONT

Projeto: Grupo Maioridade
Atividades: oficina de memória, ginástica, vôlei, basquete, hidroginástica, caminhadas, torneios, palestras, artesanato, passeios, desfiles de moda, bailes, confraternizações, jogos, gincanas.
Endereço: Av. Ari Rodrigues, 200. Bairro Bacuri
Telefone: 3225-7580

SESI AMOREIRAS

Projeto: Grupo Amizade na Terceira Idade
Atividades: oficina de memória, ginástica, vôlei, basquete, hidroginástica, caminhadas, torneios, palestras, artesanato, passeios, desfiles de moda, bailes, jogos, confraternizações, gincanas.
Endereço: Av. das Amoreiras, 450. Parque Itália
Telefone: 3772-4176

MOVIMENTO TEMPOS

Atividades: ginástica, yoga, jogos de salão, baile, bingo.
Endereço: Barão de Monte Alegre, 330. Vila Teixeira
Telefone: 3241-6506

GRUPO INDEPENDENTE DA TERCEIRA IDADE KAIRÓS

Atividades: defesa de direitos do idoso em sua coletividade.
Endereço: Rua: José Paulino
Telefone: 3251-2886

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE BAIRRO DO PARQUE INDUSTRIAL - ASSAMPI

Atividade: baile
Endereço: R. Maria Bibiana do Carmo, 66 - Pq. Industrial
Telefone: 3273-2001

ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS DE CAMPINAS E REGIÃO

Atividades: bingo, passeio, atendimento jurídico, farmácia.
Endereço: Dr. Quirino, 1.054. Centro
Telefones: 3232-7960

ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS FUNDAÇÃO CESP

Atividades: plano de saúde, turismo, atendimento jurídico, atividades esportivas, cursos, grupos de reflexão.
Rua: Teófilo Braga, 489. Taquaral
Telefone: 3242-2500

ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS E PENSIONISTAS DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS E OUTRAS CATEGORIAS DE CAMPINAS.

Atividade: dança, hidroginástica, ginástica, natação, yoga, passeio, bingo, artesanato, atendimento jurídico.
Endereço: R. Dr. Quirino, 550. Centro
Telefone: 3234-1351

ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS E PENSIONISTAS DA UNICAMP

Atividades: convênios com especialidades da área da saúde
Endereço: Av. Campos Sales, 532, 7º andar, sala 71. Centro
Telefone: 3237-4872

UNIÃO DOS VETERANOS DE CAMPINAS

Atividades: bailes
Endereço: R. Tenente G. L. Mallet, 222. Jd. Chapadão
Telefones: 3242-6135

UNIÃO DOS FERROVIÁRIOS APOSENTADOS DA MOGIANA

Atividades: atendimento jurídico e assistencial, colônia de férias, convênio médico.
Endereço: R. Luzitana, 1122. Centro
Telefone: 3232-1344

UNIVERSIDADES

UNICAMP

Projeto: Grupo Flor da 3ª Idade
Atividades: grupo de reflexão, atividades intergeracionais, passeio, palestras, canto
Endereço: Serviço Social – UNICAMP
Telefone: 3788-7460

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Atividades: universidade da terceira idade
Rua: Boaventura do Amaral, 354. Bosque.
Telefone: 3233-2330

IGREJAS**70MINISTÉRIO DA IDADE COM QUALIDADE**

Instituição: Igreja do Nazareno
Atividades: artesanato, oração, coral, ginástica, passeio, confraternizações, visitas a instituições de longa permanência.
Endereço: Rua Professor Luiz Rosa, 299. Centro
Telefone: 3234-7591

MOVIMENTO DE VIDA ASCENDENTE

Instituição: Igreja Católica
Atividades: reuniões de estudo da bíblia e de outros textos com objetivo de trabalhar amizade, espiritualidade e apostolado.
Endereço: Rua Maria Encarnação Duarte, 417 – Chácara da Barra
Telefone: 3252- 4386.

MINISTÉRIO DA MELHOR IDADE

Instituição: Igreja Presbiteriana
Atividades: canto, palestras, confraternizações.
Endereço: Barbosa da Cunha, 562 – Jd. Guanabara
Telefones: 3241-6953.

LÍRIOS DE SÃO JOSÉ

Instituição: Igreja Católica - Paróquia São José
Atividade: oração, palestras, passeios, bingo, confraternizações.
Endereço: Rua Vinte e Quatro de Maio. Vila Industrial.
Telefone: 3273-4709

GRUPO CANTINHO DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Atividade: artesanato, costura, venda de artigos religiosos, colaboração na manutenção da igreja católica da comunidade.
Endereço: R. Sophia Velter Salgado, sn. VI Castelo Branco
Telefone: 3227-5492

ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS**CENTRO COMUNITÁRIO JARDIM SANTA LUCIA**

Atividades: ginástica, palestras, passeios, confraternizações, dança de salão, informática, intergeracionais.
Rua: Carlos Lacerda, 503. Jardim Santa Lucia
Telefones: 3223-3080

CENTRO PROMOCIONAL NOSSA SENHORA DA VISITAÇÃO

Atividades: artesanato, projeto intergerações, passeio, caminhada, alongamento, atendimento de fisioterapia, nutrição, fonoaudiologia, grupo sócio educativo, confraternizações.
Endereço: Av. Marcio Egidio de Souza Aranha, 143. Jd Ipaussurama
Telefone: 3227-8128

CENTRO DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR - COF

Atividades: condicionamento físico, artesanato, dança, projeto intergerações, passeio, confraternizações.

Endereço: Av. Governador Pedro de Toledo, 2.082, Chapadão
Telefone: 3234-8646

NÚCLEO DE AÇÃO SOCIAL - NAS

Atividades: artesanato, oficinas socioeducativas, tarde de recreação, passeio, confraternizações.

Endereço: Av. Eng. Jorge B. de Castro, 433. Barão Geraldo
Telefone: 3289-3470

ASSISTÊNCIA SOCIAL DA PARÓQUIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Atividades: artesanato, yoga, bingo, palestras, passeio, atividades lúdicas e de lazer, confraternizações. Atendimento de denúncias de maus tratos contra o idoso.

Endereço: R. Otavio Mendes, 156. Botafogo.
Telefone: 3231-3040

CENTRO ASSISTENCIAL ROMILIA MARIA

Atividades: passeio, ginástica, dança, alfabetização, informática.

Endereço: R. Aguinaldo Macedo, 123. Vila Ipê
Telefone: 3271-1022

PROJETO GENTE NOVA - PROGEN

Atividades: atividades sócioeducativas, cursos de culinária, corte e costura, atividade física, passeio, confraternizações.

Endereço: R. Castenuovo, 699. Vila Castelo Branco
Telefone: 3269-6088

LAR DOS VELINHOS DE CAMPINAS

Atividades: instituição de longa permanência

Endereço: R. Irmã Maria S. Paula Terrier, 300. Vila Prost Souza
Telefone: 3743-4300

LAR EVANGÉLICO ALICE DE OLIVEIRA

Atividades: instituição de longa permanência

Endereço: Dr. Lás Casas dos Santos, 289. São Bernardo
Telefone: 3272-3741

LAR DA AMIZADE ILCE DA CUNHA HENRY

Atividades: instituição de longa permanência
Endereço: R. Pe Francisco de Abreu Sampaio, 390. Parque Itália
Telefone: 3272-8018

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE NOSSA SENHORA DE MISERICÓRDIA

Atividades: instituição de longa permanência

Endereço: R. Santa Maria Rosselle, 71. Mansões Santo Antonio.
Telefone: 3256-6586

SOCIEDADE DAS FILHAS DE NOSSA SENHORA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Atividades: instituição de longa permanência

Endereço: R. Antonio Vicente Levantezi, 290. Vila São João
Telefone: 3225-8285

ASSISTÊNCIA VICENTINA FREDERICO OZANAM – LAR DAS SENHORAS IDOSAS

Atividades: instituição de longa permanência

Endereço: Dr. Sales de Oliveira, 119. Vila Industrial
Telefone: 3272-3753

SERVICO PÚBLICO – PREFEITURA COORDENAÇÃO DA ÁREA DE ESPORTES E LAZER.

CENTRO DE VIVÊNCIA DOS IDOSOS

Atividades: ginástica, GAP, condicionamento físico, Tai shi shuan, alongamento, caminhada, jogos de salão, bocha de cancha, coral, artesanato, passeios com a família, confraternizações.

Endereço: Av. Heitor Penteado – Portão 04 – Pq. Portugal
Telefone: 3743-0753

CENTRO ESPORTIVO DOS TRABALHADORES

Atividades: condicionamento físico

Endereço: R. Mário Yhan, sn. VI Pe Manoel da Nóbrega
Telefone: 3729-0232

CENTRO DE LAZER FERDINANDO TILLI

Atividades: condicionamento físico e caminhada
Endereço: R. Olindo Gardelin. Parque Valença
Telefone: -----

PRAÇA DE ESPORTE GILBERTO CAMPO VALENTE

Atividades: ginástica
Endereço: R. Mafalda Guedes Milano, nº 117 – Joaquim Egídio
Telefones: 3798-0229

PRAÇA DE ESPORTE BOA VISTA

Atividade: condicionamento físico
Endereço: R. dos Ipês Amarelos, s/n. Vila Boa Vista
Telefone: 3245-7887

PRAÇA DE ESPORTE SALVADOR LOMBARDE NETO

Atividade: condicionamento físico, hidroginástica
Endereço: R. Barão de Porto Feliz, s/n. Jardim Eulina
Telefone: 3743-0613

PRAÇA DE ESPORTE TANCREDO NEVES

Atividade: ginástica
Endereço: Av. Tancredo Neves, s/n. Campos Elíseos
Telefone: 3727-0270

PRAÇA DE ESPORTE CARLOS GRIMALDI

Atividades: condicionamento físico e hidroginástica
Endereço: R. Maria Bibiana do Carmo, s/n. Parque Industrial
Telefone: 3772-0242

PRAÇA DE ESPORTE FERDINANDO PANATTONI

Atividades: condicionamento físico, vôlei, hidroginástica
Endereço: R. Frederico Ozanã, 360. Vila Joaquim Inácio
Telefone: 3776-0546

PRAÇA DE ESPORTE DORIVAL DANIEL WATGE

Atividades: condicionamento físico
Endereço: R. João Brasil, s/n. Jd. São Vicente
Telefone: 3771-0254

PRAÇA DE ESPORTE JOSÉ GENTIL FRANCO CAMPOS

Atividades: ginástica
Endereço: R. Joaquim Teodoro T. de Souza, nº80 – Vila Prost Souza
Telefone: 3743-0493

PRAÇA DE ESPORTE VILA UNIÃO

Atividades: condicionamento físico
Endereço: R. Luiz Mesquiatti, 78. Vila União
Telefone: 3723-0257

PRAÇA DE ESPORTE POMPEU DE VITTO

Atividades: hidroginástica, condicionamento físico e vôlei
Endereço: R. Plínio Pereira Neves, 260. Nova Europa
Telefone: -----

PRAÇA DE ESPORTE DIC IV

Atividades: condicionamento físico, natação, hidroginástica, vôlei.
Endereço: Av. Suaçuna, s/n. Jardim Aeroporto
Telefone: 3766-0942

PRAÇA DE ESPORTE PRIMAVERA

Atividades: condicionamento físico e vôlei.
Endereço: R. Aimorés, 395. Vila Costa e Silva
Telefone: -----

GINÁSIO DO TAQUARAL

Atividades: Vôlei adaptado, ginástica e alongamento
Endereço: Av. Heitor Penteado, 915. Lagoa do Taquaral
Telefones: 3252-1300

BOSQUE DOS JEQUITIBAS

Atividades: condicionamento físico
Endereço: R. Coronel Quirino. Centro
Telefone: 3231-8795

**COORDENAÇÃO DA ÁREA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL**

CENTRO DE REFERÊNCIA DO IDOSO

Atividades: atendimento de casos de violência contra idosos, capacitação de recursos humanos, articulação das políticas.

Endereço: Rua Ferreira Penteadó, 1331 – Cambuí
Telefones: 3295-8209

CENTRO DE CONVIVÊNCIA SÃO QUIRINO

Atividades: intergeracionais, atividades sócio educativas, artesanato, canto
Endereço: R. Moscou, 1237, São Quirino
Telefones: 3296-1332

CENTRO DE CONVIVÊNCIA ESPAÇO ESPERANÇA

Atividades: intergeracionais, atividades sócio educativas, artesanato, canto
Endereço: Dr. Osvaldo Resende, 173, Jardim São Marcos
Telefones: 3216-4939

CENTRO DE CONVIVÊNCIA HOMEM DE MELO

Atividades: intergeracionais, atividades sócio educativas, artesanato, canto.
Endereço: Av. John Boyd Dunlop, 12800, Campo Grande
Telefones: 3221-8080

CASA DO IDOSO E DA IDOSA

Atividades: instituição de longa permanência
Endereço: R. Imarês, 446, Vila Costa e Silva
Telefone: 3208-4144

Boa Vista. R. das Acacias, sn. F: 3245-2662
Jardim Aurélia. R. Cadete João Teixeira, 431. F: 3243-5182
Jardim Eulina. R. Martin Luther King Jr., sn. F: 3243-0233
Padre Anchieta. Av. Papa João Paulo II, sn. F: 3281-3009
Santa Bárbara. R. Pedro Gimenes Villar, sn. F: 3281-0182
Santa Mônica. R. Olivio M. de Camargo, 107. F: 3246-0801
São Marcos. Av. Maria L. P. de Camargo, sn. F: 3246-1229

DISTRITO DE SAÚDE SUL -- Centros de Saúde

Carvalho de Moura. R. Celso Luglio, sn. F: 3226-4401
Esmeraldina. R. Victor Metrelles. F: 3279-2141
Faria Lima. Av. Faria Lima, 90. F: 3272-8513
Figueira. R. Jerônimo Tognolo, 77. F: 3238-9484
Orozimbo Maia. R. Laerte de Moraes, 135. F: 3295-5805
Parapanema. R. Boaventura Lemos, 590. F: 3252-7189
Santa Odila. R. Beato M. Champagnat, 187. F: 3276-9716
São Domingos. R. Juvenat de Oliveira, sn. F: 3225-9980
São Jose. Av. José Carlos A. Galvão, 184. F: 3268.9547
São Vicente. R. Francisco A. Silva, 365. F: 3271-5977
Vila Ipê. R. Synira de Arruda Valente, 1400. F: 3279-2161
Vila Rica. R. Manganês, 126. F: 3269-4475

COORDENAÇÃO DA ÁREA DE SAÚDE

Em geral os centros de saúde desenvolvem atividades tais como: ginástica, alongamento, lian gong, grupos educativos em saúde, ações socioeducativas e confraternizações.

DISTRITO DE SAÚDE NORTE – Centros de Saúde

Barão Geraldo. Av. Albino J B Oliveira, 893. F: 3289-9691

DISTRITO DE SAÚDE LESTE -- Centros de Saúde

31 de Março. R. Antonio Pavin, 1065. F: 3207-0074
Centro. R. Barão de Jaguará, 656. F: 3231-9016
Conceição. R. Dr. Silvino de Godoy, 40. F: 3207-0601
Costa e Silva. R. Joaquim M. de Macedo, sn. F: 3208-1018
São Quirino. Av. Diogo Alvares, 1450. F: 3256-7243
Souzas. R. Cons. Antonio Prado, 410. F: 3258-8465
Joaquim Egídio. R. Jose Ignacio, 136. F: 3298-6419

DISTRITO DE SAÚDE SUDOESTE - - Centros de Saúde

Aeroporto. R. Cairi, F: 3153266-1725
Capivari. R. Padre Eustaquio, 229. F:3223-6260
DIC I R. Dezessete, sn. F: 3226-9001
DIC III R. Jose Caivani, 228. F:3266-8005
Itatinga R. Caiua, 218. F:3225-7145
Santa Lucia R. São Benedito, 50. F: 3268-6261
São Cristóvão Av. Martinho Lutero, 121. F:3225-7800
Tancredo Neves Av. Tancredo Neves, 5101. F:3227-3811
União dos Bairros R. Pedro Degrecci Jr, sn. F: 3226-9519
Vista Alegre Av. Simmbu, 903. F:3266-9873
Santo Antônio R. Pastor João P. Vieira, sn. F:3266-3134
CAIC R. José Augusto de Matos, sn. F:3223-2889

DISTRITO DE SAÚDE NOROESTE - - Centros de Saúde

Balão do Laranja R. Paulo P. Sobrinho,35. F:3229-9865
Florence Av. Nelson F. de Souza, 292. F:3261-2462
Floresta R. Flavio Marinho Mendes, 150. F:3261-2010
Integração R. Zocca, 161. F:3229-9868
Ipaussurama Av. Marcio E. S. Aranha, 351. F:3269-2229
Perseu L. Barros Av. Paulo P. Sobrinho, 1580. F:3269-0219
Valença R. Natale Bertucci, 20. F:3261-1800
Pq Itajai R. Paulo P. Sobrinho,35. F: 3221-1400

SERVICOS PÚBLICOS – PREFEITURA EMPRESA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO DE CAMPINAS - EMDEC

Projeto: Circulação Cidadã na Terceira Idade
Atividade: reflexão sobre direitos na circulação pela cidade, cursos, palestras, atividades socioeducativas, campanhas.
Endereço: Av. Anchieta, 200 - 15º andar. Centro
Telefone: 2116-0224

GRUPO GIRA VIDA

Atividade: projeto de atenção ao envelhecimento: grupo de vivência
Endereço: Igreja Nossa Senhora de Guadalupe, Jardim Garcia
Telefone: 3227-5492

GRUPO DA TERCEIRA IDADE

Atividades: artesanato, bazar, passeio, confraternizações.
Endereço: R. Francisco Volpi, 129. Parque Taquaral
Telefone: 3243-1194.

GRUPO LUZ E VIDA

Atividades: artesanato, bingo, baralho, palestras, passeio, confraternizações.
Endereço: R. Ângelo Vicentim, 601. Barão Geraldo
Telefone: 3289-0160

CLUBES

CLUBE DA 3ª IDADE DO JARDIM EULINA

Atividades: natação, hidroginástica
Endereço: R. Mário Junqueira Silveira, 467. Jd. Eulina
Telefone: 3241-3965

CLUBE BETIM

Atividades: Baile
Endereço: R. Dr. Betim, nº 190 – Vila Marieta
Telefones: 3234-3471

EMPRESAS

UNIMED CAMPINAS

Projeto: Saúde Toda Vida
Atividades: ginástica, alongamento, teatro, coral, artesanato, dança, palestras, sessão de cinema, tarde de talentos, confraternizações.
Endereço: Mario Siqueira, 814. Guanabara.
Telefone: 3735-7738

CONSELHO DE DIREITOS

CONSELHO MUNICIPAL DE DIREITOS DO IDOSO

Atividade: formulação, coordenação, supervisão e avaliação da política municipal do idoso.

Endereço: R. Ferreira Penteado, 1331. Centro

Telefone: 3295-9566